



O NEGOCIANTE PERFEITO,  
O U  
JORNAL DE COMMERCIO,  
E  
DE GEOGRAFIA:

1968

HF

5363

05

---

O NEGOCIANTE PERFEITO,  
 O U  
 JORNAL DE COMMERCIO,  
 E  
 DE GEOGRAFIA.

---

N. 1.º

---

A R T I G O 1.º

**T**odos sabemos que o Commercio se divide em conhecimentos theoreticos, e positivos. A theoria do Commercio não he outra coisa mais que a economia politica applicada ao exame, e analyse das causas, e dos meios da producção, da circulaçãõ, da consummaçãõ, e do crédito em geral. Esta parte não he pois o objecto deste Periodico: ella tem sido tratada com distincçãõ por homens de hum merecimento superior, muitas vezes seguidos em seus principios.

A parte positiva do Commercio pertence á practica; faz conhecer os objectos, os meios, e as leis: e he a que passo a tratar semanalmente. E neste principiarei com hum dos ramos de maior utilidade no Commercio, a saber.

## ARTES MECANICAS, OU MANUFACTURAS.

A palavra manufactura significa trabalho de mão. Toma-se ou pelo trabalho que se opéra, ou mais impropriamente pelo objecto produzido. Entende-se geralmente do lugar onde se trabalha, mas ordinariamente por hum estabelecimento distincto do das Fabricas, porque occupa maior número de Obreiros &c. Em este sentido, com tudo, não differe da Fabrica, nem pela natureza da materia que trabalhaõ, nem pela natureza das operações que esta materia se assujeita; mas pela maior, ou menor reuniaõ destas operações, e pela maior, ou menor quantidade de objectos que resultaõ.

Diz-se: a manufactura das tapeçarias de Pariz; a manufactura da porcellana de Sévre; a manufactura dos Vidros de S. Gobins &c. porque estes objectos tomados em geral, resultaõ de huma serie de operações diversas encerradas em hum circuito, e vigiadas pelos Directores do estabelecimento. Diz-se ainda: manufacturas dos pannos de Languedoc, de Sedan, Luviers, d'Elbeuf &c.; manufacturas das sedas de Leaõ, de Tours, de Avinhaõ &c. porque os objectos cujas operações estaõ espalhadas em cada lugar, ahí são consideradas collectivamente.

Mas se nos mesmos lugares, onde se considera estes mesmos objectos depois a empreza, a occupação, e o interesse de cada particular; seu estabelecimento toma o nome de Fabrica; e o nome do emprehendedor da manufactura, ou de manufacturador, se muda no de Fabricante. Assim tal manufactura he composta de hum grande número de Fabri-



bricas, comprehende tambem hum grande número de Fabricantes.

A manufactura considerada como o lugar aonde se manufacturaõ os objectos, he igualmente a reuniaõ dos Obreiros que elle encerra. Muitas vezes as palavras Fabrica, e fabricaçãõ são synonymos, ou tomados no mesmo sentido: o primeiro longe de designar o lugar da fabricaçãõ, ou do objecto fabricado, indeterminadamente declara o modo como he fabricado; e diz-se muito bem, em fallando dos pannos destinados para o Levante, que se fabricaõ, ou se manufacturaõ em Languedoc: a Fabrica de Carcaçona he melhor que a de Lodeve &c.

A manufactura dos pannos de laã, escolhi de preferencia a toda outra sobre esta materia; e na instrucçãõ seguinte, que dá huma idéa justa da fabricaçãõ, sem que seja necessario conhecer a fundo o mecanismo da arte; todos acharaõ conhecimentos bastante extensos sobre esta materia importante.

1.º Ha muito tempo, que as laãs de Hespanha tem sido achadas mais finas que as outras laãs, pois que as manufacturas de França, de Inglaterra, de Hollanda, de Veneza, que são os Paizes onde se fabricaõ os pannos com maior perfeiçãõ, fazem destas laãs bem manufacturadas excellentes pannos finos.

Ha muitas qualidades de laãs em Hespanha, que se distinguem pelos nomes dos Proprietarios a quem pertencem, e pela denominaçãõ dos Reinos, e Provincias donde são tiradas.

Ainda que as laãs com o nome de Segovias-Leonezas sejaõ as mais finas, não são todas de huma qualidade igual, nem do mesmo prego; acontece mesmo que a qualidade de humas, e de outras varia hum pouco em certos annos, segundo os tempos mais, ou menos quentes, ou mais, ou menos chuvosos, a natureza das pastagens, e as doenças

dos carneiros, cujos certos rebanhos são algumas vezes inficionados: assim pertence aos Fabricantes, apezar das indicações geraes que acabo de dar, de examinarem a qualidade das laãs de cada colheita, antes de as comprarem.

As laãs finas d'Hispanha são destinadas para as melhores Fabricas, e estas laãs são igualmente necessarias para os bons pannos, que se fabricaõ em Veneza, Inglaterra, e Hollanda.

Além da primeira qualidade de laãs de Hispanha, que venho de dizer, ha outros mais inferiores que se chamaõ segoviennas: distinguem-se pelos nomes dos Paizes, ou dos lugares donde sahem como Soria, Molinos, e hum grande número d'outros lugares. As melhores entre estas laãs são aquellas que se chamaõ cavalleiras, palavra que significa huma pilha, que não he nem misturada, nem composta de laãs compradas a diferentes particulares, e sim d'hum mesmo rebanho; as outras são juntas pelos Mercadores que as misturaõ todas. He facil de comprehender que por esta mistura são mais inferiores, porque o ajuntamento de diferentes laãs perfeitamente iguaes, he muito difficil de encontrar.

As laãs segoviennas sejaõ cavalleiras, sejaõ misturadas são com tudo boas, e destinadas para as Fabricas ordinarias. Os Fabricantes que se estimulaõ de empregar as melhores laãs, escolhem por preferencia aquellas que se chamaõ, e que são effectivamente cavalleiras, ainda que lhe custem em Hispanha mais caras que as outras, mas ellas são incomparavelmente melhores.

Ha inda em Hispanha muitas outras diferentes laãs, entre as quaes se tem feito pilhas segoviennas que são boas, e outras em fim que são de huma qualidade mediocre. Pertence ainda aos Fabricantes, e áquelles que são encarregados de as dirigir, fa-  
be-

berem fazer estas distincções, que se não pôde aprender senão pelo conhecimento exacto das differentes qualidades de laãs.

Os Reinos, e Provincias nas quaes se acha mais qualidades, e de preços differentes são os de Aragoã, Valença, alta, e baixa Andaluzia, Murcia, Extremadura, Castella, e Navarra.

Todas estas differentes laãs, de qualquer especie que sejaõ, devem ser separadas, e formarem tres qualidades, divididas em primeira, segunda, e terceira: se ellas não se separarem, he necessario que os Fabricantes fação esta separação, e que esperem achar estas tres qualidades de laãs em todas as pilhas que comprarem, ou mandem comprar aos Mercadores, ou particulares d' Hespanha. Não devem ignorar que em todos os lugares d' Hespanha misturão a laã de cordeiro com a outra, e que não ha Fabricantes quem a comprem, e fação lavar por sua conta, e que possaõ ter laãs sem ser misturadas com as de cordeiro. Os Fabricantes devem ainda saber que a segunda qualidade, he mais inferior que a primeira; e em fim que a terceira he mais inferior que as outras.

Antes de principiar a lavagem das differentes qualidades de laã, se faz a separação ou escolha, porque sabe-se que a laã de hum carneiro não he igualmente fina em todas as partes. Esta escolha consiste na divisaõ das differentes qualidades, para as lavar separadamente.

Em Leão, e Segovia lava-se á parte as laãs dos cordeiros, sem as misturar com aquellas dos carneiros, e das ovelhas, como se pratica em muitas partes. A laã dos cordeiros não tendo corpo, não pôde ser propria aos usos a que se destinaõ as outras laãs, as mesmas peiorariaõ com esta mistura.

*Continuar-se-ha este importante Artigo.*

## ARTIGO 2.º

## GEOGRAFIA.

*Da Esphera.*

Chama-se Geografia a descripção do globoterreste, e he huma das partes da Cosmografia, ou de que comprehende o Mundo. A Cosmografia he huma sciencia, que se divide em Astronomia que trata do Ceo, e suas partes, e Geografia da terra, e seus habitantes, creaturas animaes, e humanas, vegetaes, e mineraes: em huma palavra tudo o que o Todo Poderoso creou para sua gloria, e nossa utilidade.

Antes de tratar da Geografia moderna, ou do estado presente do Mundo que habitamos, passo a dar huma abbreviação das relações do Ceo com a terra, como do arranjo, e movimento dos principaes corpos celestes. Para bem se entender, os antigos tem inventado huma maquina, que se chama ainda hoje Esphera, e explicando-a se deduz os primeiros principios d'Astronomia.

A palavra Esphera que he grega, quer dizer Bola. Deo-se este nome a huma maquina inventada para representar o Mundo, que se póde chamar Esphera natural, como a maquina que o representa póde-se chamar, e se chama Esphera artificial.

Daõ ao Mundo huma figura redonda, porque com effeito tal nos parece á vista.

Como se tem notado no Ceo dois pontos diametralmente oppostos ao redor dos quaes todos os astros giraõ, ou parecem girar, isto tem dado lugar de inventar a Esphera artificial.

Tem-

Tem-se imaginado huma linha que, partindo de hum destes pontos vai terminar no outro, atravessando a terra, que se tem supposto no centro do Mundo. Esta linha, ao redor da qual toda a maquina gira, se chama eixo do Mundo.

Os pontos por onde ella entra, e sahe, se chamaõ polos, de huma palavra grega, que significa girar, porque toda a maquina do Univerſo gira ao redor destes dois pontos.

Depois que se notou que naõ sómente toda a maquina do Mundo girava 24 horas do Oriente ao Occidente, mas que as Estrellas, e os Planetas tinhaõ hum movimento contrario do Occidente ao Oriente, inventou-se differentes circulos para explicar seus movimentos, suas situações reciprocas, e suas relações com a terra.

Esta Esphera artificial he pois huma maquina composta de muitos circulos, para representar o giro dos astros no Ceo, e de hum pequeno globo no meio para representar a terra.

Estes circulos saõ em número de dez, cujos seis saõ maiores, a saber: o Equador, o Zodiaco, o Horizonte, o Meridiano, e os dois Coluros, e quatro menores, a saber: os dois Tropicos, e os dois Circulos Polares. Chamaõ-se maiores, os seis primeiros circulos; porque cortaõ a Esphera em duas partes iguaes; e outros se chamaõ menores, porque a cortaõ em duas partes desiguaes. Estes circulos tem seus polos, e seu eixo particulares.

Estes polos saõ dois pontos tomados na superficie da Esphera, igualmente afastados de todos os pontos de circunferencia do circulo donde saõ os polos. O eixo de cada circulo he a linha recta que se suppõe tirada de hum polo deste circulo ao outro; cada circulo da Esphera se divide em 360 grãos, cada grão em 60 minutos, cada minuto em 60 segundos &c.

O Equador he hum circulo maximo, affastado 90 grãos dos polos do Mundo: chama-se tambem equinocial, porque quando o Sol se acha neste circulo, ha equinocio, quero dizer igualdade da noite ao dia.

Eis-aqui seus usos principaes: 1.º Divide o Mundo em duas partes iguaes, a do polo artico se chama septentrional; e a do polo antartico meridional, 2.º Nota sobre a Eclitica os dois pontos dos equinocios, quero dizer, quando o Sol alli passa ha igualdade da noite ao dia em todos os lugares da terra excepto nos polos. Isto acontece duas vezes no anno; e entã o Sol principia em hum dos polos hum dia de seis mezes, e no outro huma noite da mesma duracã.

O Zodiaco he hum circulo maximo collocado obliquamente na Esphera. He o unico que tem realmente largura, os outros sã considerados como linhas. O que se chama os XII. Signos he marcado neste circulo. Chama-se Zodiaco, de huma palavra grega, que significa animal, porque quasi todos os Signos tem o nome de animaes como já se vai a ver.

Daõ 16 grãos de largura ao Zodiaco, 8 do lado do Septentriaõ, e 8 do lado do Meiodia, para poder encerrar neste espaço o curso dos Planetas, que delle naõ sahem. (1)

Ha no meio do Zodiaco outro circulo maximo, dividido em 360 grãos. Chama-se Eclitica, porque he no plano deste circulo, ou perto deste plano, que acontecem os eclipses do Sol, e da Lua. Corta o Equador de modo que a parte mais affastada he distante do Equador perto de 23 grãos, e 28 minutos.

O

---

(1) He necessario actualmente dar 70 grãos ao Zodiaco, para poder comprehender o curso de todos os Planetas, Pallas se aparta 35 grãos ao Norte, e ao Sul da Eclitica.

O Equador divide deste modo o Zodiaco em duas partes iguaes, huma chamada Septentrional, e a outra Meridional. Ellas encerraõ 12 Signos, ou constellações, cujos nomes são exprestos nestes dois verfos Latinos.

*Sunt Aries, Taurus, Gemini, Cancer, Leo, Virgo  
Libraque, Scorpius, Aristenens, Caper, Amphora,  
Pisces.*

Eis-aqui seus nomes em Portuguez.

Aries, Tauro, Gemini, Cancer, Leo, Virgo; são os seis para o Septentriaõ.

Contamos tambem seis no outro Hemisferio.

Libra, Scorpio, Sagittario, Capricornio, Aquario, Pisces.

Sendo tomados tres a tres, marcaõ as estações.

A parte Septentrional do Zodiaco contem seis Signos, a sua relação com os mezes he a seguinte.

Aries, (Março 20). Tauro, (Abril). Gemini, (Maio). Cancer, (Junho). Leo, (Julho). Virgo, (Agosto).

A parte Meridional contém outros seis.

Libra, (Septembro). Scorpio, (Outubro). Sagittario (Novembro). Capricornio, (Dezembro). Aquario, (Janeiro). Pisces, (Fevereiro).

Cada hum destes Signos he dividido em 30 grãos. A ordem segundo o qual devem seguir estes Signos, he do Occidente ao Oriente, seguindo o movimento proprio do Sol. Correspondem aos 12 mezes do anno. O Sol entra no primeiro, que he Aries a 20, ou 21 de Março. O tempo no qual entra nos outros Signos, he de 18 a 23 de cada mez.

1.º He a proposito notar que os nomes destes Signos são da primeira antiguidade, tendo sido inventados antes dos Egyptcios. A prova que se póde dar, he que estes nomes se achão gravados nos seus monu-

numentos os mais antigos, assim não podem ser os Autores, porque não teriaõ posto Virgo, no mez de Agosto, sendo seu Paiz inundado nesta estaçãõ. Logo estes nomes tem sido dados aos Signos no tempo que os homens se achavaõ proximos ao diluvio, nas planicies de Senaar, ou de Babylonia, antes que fossem dispersos, e por conseguinte antes da fundaçãõ da Monarquia dos Egypcios.

2.º He importante tambem observar que o Sol não corresponde exactamente aos Signos do Zodiaco, estes Signos não sendo mais que hum ajuntamento de Estrellas, que pelo movimento proprio do Occidente ao Oriente avançaõ hum grão em 70 annos; tem avançaõ presentemente 30 grãos para o Oriente. Esta observaçãõ mostra a vaidade d'Astrologia judiciaria. Com effeito, quando os Astrologos dizem que hum homem nasceo debaixo do perigoso aspecto de Scorpio, he realmente o Signo de Libra que subia entãõ sobre o Horizonte. Deve fazer-se a mesma reflexãõ a respeito dos outros Signos.

*Continuar-se-ha.*

*Fim do 1.º Número.*



---

O NEGOCIANTE PERFEITO,  
 O U  
 JORNAL DE COMMERCIO,  
 E  
 DE GEOGRAFIA.

---

N. 2.º

---

ARTIGO 1.º  
 COMMERCIO.

*Manufacturas.*

**P**ara impedir este abuso, que desacredita as melhores laãs, se publicou huma Lei, pela qual se prohibe nas Provincias de Leão, e Segovia de misturar a laã de carneiro com a dos cordeiros, mas presentemente esta Lei he geralmente pouco cumprida.

Morre habitualmente durante o curso do anno huma certa quantidade de animaes, cujos Pastores tem o cuidado de guardar as pelles, e as laãs que daõ não tendo o grão de madureza as misturaõ muitas vezes com a dos cordeiros, e as lavaõ juntas. Levaõ estas pelles onde saõ tosquiadas, e as molhaõ

para facilitar esta operação. Como he muito importante, que huma boa qualidade de laãs não seja confundida com huma má, os Obreiros que as dividem, devem ter hum grande habito, e muita habilidade; e com o cuidado que he feita a divisaõ, depende a sua reputaçãõ, e venda; exige-se destes Obreiros cinco annos de officio. Hum Administrador dirige, e vigia na divisaõ das laãs.

Distinguem-se quatro qualidades de laãs. A primeira superfina, he a das costas, e das partes lateraes do pescoço, e dos hombros; a segunda fina, he a das coxas, do ventre, e da parte superior do pescoço; a terceira, das faces, da garganta, e da parte inferior das coxas; e finalmente a quarta, a de cima da cabeça, das pernas, e das nadeugas, çuja pelo proprio animal, e por isso a mais inferior.

Quando o carneiro padece, e principalmente se he por effeito de doença, a laã achando-se corrompida, entra na quarta classe; esta qualidade não sahe de Hespanha.

A divisaõ das laãs que acabo de dar he aquella, que se segue geralmente nos grandes rebanhos; mas com tudo affastaõ-se algumas vezes della. Humas vezes entra a laã da parte superior da cabeça na terceira classe, assim como a das coxas, lavando-a com mais cuidado; outras o Commerciante faz misturar huma qualidade com outra, segundo o uso para que a destina, ou porque espera achar mais beneficio por esta, ou aquella combinaçaõ.

Para fazer a divisaõ dos velos, põem-se sobre huma grade sustentada por dois cavalletes. O Obreiro habil pela continuaçãõ, vê logo em que classe deve entrar cada parte; e as escolhe lançando humas adiante de si, outras para os lados, e outras pa-

para traz. Hum panno estendido por baixo da grade, recebe a que cahê nesta operaçãõ; e he tambem onde se lançaõ as laãs, que pertencem á quarta classe. As laãs assim divididas, e sem serem batidas, são conduzidas para as caldeiras.

Hum chefe de Obreiros ahi faz metter a laã por camadas successivas, e vigia que a agua tenha o grão de calor necessario: muito fria não a lavaria bem; muito quente crestaria a laã; he necessario que esteja temperada de modo que a maõ a possa soffrer. As laãs gordas, ou çujas requerem huma agua mais quente, a qual se diminue segundo a necessidade, que ha de augmentar, ou abrândar o calor. A quantidade de laã posta nas caldeiras, deve ser proporcionada á quantidade d'agua necessaria para que a laã seja bem ensopada, deixa-se neste estado perto de meia hora, ou tres quartos de hora, segundo o grão de fineza das laãs; a dos cordeiros está menos tempo que as outras, e a mais çuja mais tempo: tiraõ-na com ganchos, depois de a terem bem lavado, e a metem em cestos de dois pés de diametro; a levaõ ao calcadoiro, onde hum homem sustentado por huma corda a piza aos pés, cobrindo-a primeiro com huma prancha; hum segundo Obreiro a torna a pizar, mas sem prancha.

Destá sorte bem espremida a laã, e que fique mais facil a desembaraçar-se, e ser lançada em frocos nas caldeiras: muitos homens sobre huma prancha, que he posta transversalmente na parte superior da caldeira; recebem a laã que lhe apresentaõ os Obreiros, a espalhaõ, e a deitaõ na agua.

Hum páo posto transversalmente sobre a caldeira, serve para sustentar dois homens, que emba lançando continuamente hum pé na agua, sem tocar o fundo, agitaõ, e dividem a laã de modo que

seja bem lavada : esta especie de trabalho he muito custoso , e os Obreiros que o executão são suppridos muitas vezes por outros. A altura da agua nas caldeiras he de hum pé , por pranchas postas na parte inferior , tem na corrente seis pollegadas de elevação , e 12 ou 15 na extremidade , contida por huma especie de porta.

A laã , á sahida da caldeira he recebida por quatro ou cinco pessoas humas abaixo das outras , e que segurando-le sobre as bordas , agitaõ logo o pé direito , logo o esquerdo tocando o fundo. Este asfoelhado , a fim que tal exercicio não lhe sira os pés.

*Continuar-se-á.*

## ARTIGO 2.º

## GEOGRAFIA.

*Da Esphera.*

3. **E**stes Signos tem mais relação, ao que se passa sobre a terra quando o Sol corresponde a cada hum delles, por huma semelhança dos Signos com as coisas de que se derivaõ seus nomes. Não mais que dois Signos dos solsticios, o Capricornio, e o Cancer; que designaõ o que se passa com relação ao Sol: e com effeito quando este Astro se acha defronte do de Capricornio, ou da cabra (em Dezembro) parece que sempre sobe, e que imita a cabra selvagem subindo sobre os rochedos. E continua a subir até que chegue ao Signo de Cancer (em Junho): entaõ parece voltar para traz, como o carangueijo.

O Signo do mez de Setembro he Libra, que indica hum dos equinocios, ou igualdade da noite ao dia. Quanto ao outro equinocio do mez de Março, o Signo não tem outra relação, mais que aquella que se passa sobre a terra. O Aries indica aquelles rebanhos que se achão em estado de ir para o campo; o Leão nota os grandes calores de Julho; Virgo, a ceifa; Sagittario, o tempo da caça em Novembro; Aquario as chuvas &c.

A palavra Horizonte vem de hum palavra grega, que significa limitar, porque com effeito o Horizonte limita a vista no lugar aonde nos parece que o Ceo se une com a terra. O Horizonte considerado como hum circulo maximo, separa a parte visível do Ceo da que he invisível. O Horizonte he differente, segundo os differentes pontos da terra onde nos podemos achar. Tem por polos dois pontos que se chamaõ pontos verticaes, o principal que he perpendicular sobre nossas cabeças, se chama Zenith; e o outro directamente opposto Nadir. Estes dois nomes são tirados da lingua Arabica, a primeira que os tem distincto. Ha duas sortes de Horizonte, hum racional, ou intelligivel, outro visual, ou sensível. Chama-se o primeiro racional, porque o entendimento só o póde conceber. Divide a Esphera em partes iguaes, que se chamaõ hemispherios, ou meias bolas: hum he chamada superior, e visível, e o outro inferior, e invisível.

Alem do Horizonte racional que se acaba de explicar, ha o visual ou sensível, que he o circulo menor que limita a vista, quando se está em hum campo, ou mais extenso quando nos achamos sobre huma montanha.

Eis-aqui os differentes usos do Horizonte racional, ou do Horizonte indicado pela Esphera.

1. Divide o Mundo, como se acaba de dizer em dois hemispherios, ou meias Espheras, hum superior, outro inferior; donde se segue quando he dia em hum no outro he noite. 2. Marca o nascer, e o pôr dos Astros. Nascem quando principiaõ a subir acima do Horizonte, põem-se quando de todo descem sobre o mesmo. 3. Mostra a extensãõ do dia, e da noite, porque o dia naõ he outra coisa mais que o tempo que o Sol se mostra sobre o Ho-

rizonte, e a noite o tempo que está occulto. 4. Determina o principio, e o fim do crepusculo, e da aurora. Crepusculo he a parte da tarde que ha, desde que o Sol desapparece até chegar 18 grãos abaixo do Horizonte. Aurora ao contrario, he a parte da manhã que ha, desde que o Sol chega a 18 grãos abaixo do Horizonte até chegar ao mesmo.

5. Marca os pontos cardinaes do Mundo, que se chamaõ Septentriaõ, ou Norte, Meiodia, ou Sul, Oriente, ou Este, Occidente, ou Oeste. Os dois pontos onde o Meridiano, e o Horizonte se cortaõ se chamaõ o Norte, e o Sul; os dois pontos onde o Horizonte, e o Equador se cortaõ se chamaõ o Oriente, e o Occidente. 6. O Horizonte serve ainda para dispôr a Esphera de differentes modos, ou a pô-la nas suas tres posições: passamos a dar huma pequena relação sobre isto.

He necessario que observemos primeiro, que nas Espheras, e nos Globos representa-se o Horizonte racional por hum circulo maximo, que serve de sustento á parte movil da Esphera, e na qual se faz entrar o grande Meridiano. Daõ-lhe largura por sinalar muitas coisas de uso, que se distinguem por tres secções, ou especies de circulos. Mostra os principaes ventos sobre a parte de fóra: a do meio serve a indicar os mezes; e a de dentro os Signos do Zodiaco, conforme os que correspondem aos mezes. Temos dito que o Horizonte servia para dispôr a parte movil da Esphera de differentes modos, he o que se chama as posições da Esphera, relativas ás differentes coisas que se passaõ no Ceo, e á posição dos differentes povos sobre a terra; o que se passa a explicar.

A Esphera póde ser collocada de tres modos, por relação ao Horizonte comparado com o Equador,

dor, isto he, que o Horizonte póde ter tres situações diferentes a respeito do Equador. 1. Cortar o Equador em angulos rectos, quero dizer perpendicularmente; 2. cortar o Equador obliquamente. 3. Ser paralelo ao Equador. Daqui procede a distincção da Esphera recta, obliqua, e parallela. A Esphera he recta quando os polos do mundo estão sobre o Horizonte, e que o Zenith, e o Nadir estão no Equador. Nesta posição da Esphera o circulo que o Sol descreve por seu movimento commum, ou annual são cortados pelo Horizonte em partes iguaes: he por isto que ha hum equinocio perpetuo, isto he, que as noites alli são sempre iguaes ao dia. Os povos que habitam na Esphera recta, vêem passar o Sol duas vezes no anno por cima da cabeça, não ha parte do Ceo que lhe não seja visível, e avistaõ successivamente todas as Estrellas.

*Continuar-se-ha.*

*Fim do 2.º Número.*

---

NA REGIA TYPOGRAFIA SILVIANA. 1816.

*Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.*



---

O NEGOCIANTE PERFEITO,  
 O U  
 JORNAL DE COMMERCIO,  
 E  
 DE GEOGRAFIA.

---

N. 3.º

---

A R T I G O 1.º  
 C O M M E R C I O.

*Manufacturas.*

**N**A parte inferior por onde corre a agua, ha quatro ou cinco Obreiros occupados a affastarem as laãs, e a impedirem que não sejaõ levadas pela agua que cahe de cima; outros desviaõ com os pés os forcos, que embaraçaõ o correr das aguas.

Depois de ser assim lavada, e bem exprimida se põe a seccar, espalhando-a igualmente; preferindo ser sobre a relva, como mais facil, e menos despendioso: demorando-a tres ou quatro dias, e virada huma vez cada dia.

Quando a lãa está de todo secca, he metida em faccos, e levada ao Armazem onde se faz o enfar-

C

da.

damento: ata-se os quatro cantos do fardo com cordas atadas a hum barrote, e se mete a laã á medique he pizada por hum homem subido sobre o fardo, quando está cheio, coze-se depois de o ter pezado: os fardos ordinariamente pezaõ dez arrobas. Marca-se sobre cada fardo a marca do Proprietario, a qualidade da laã, e o número de arrobas que peza. Cada hum tem sua marca particular, que he ordinariamente huma letra, ou muitas juntas. A primeira qualidade de laã se marca R, a segunda F, a terceira T, e a quarta K: a dos cordeiros com A dobrado, e seguido de hum S. Avalia-se em cinco libras a quantidade de laã que dá cada carneiro, de huns pelos outros. As laãs perdem ordinariamente na lavagem tres quintos do seu pezo: as da primeira qualidade perdem menos que as terceiras, e as quartas. As laãs tem menos diminuição na lavagem, e saõ melhores quando o Inverno tem sido temperado; porque entaõ os animaes naõ tem padecido, e acháraõ hum sustento mais çumarento. Quando a Primavera he secca, as laãs rendem cinco por cento de menos que nos annos chuvosos.

Ha na Hespanha, nos grandes rebanhos carneiros que daõ laã preta superfina, he quasi do mesmo preço que a branca: emprega-se na fabricaçã dos pannos para o uso dos Religiosos, e dos habitantes dos campos. As mais acreditadas saõ as que daõ os Reinos de Leão, e de Castella, Segovia, Soria, Avila, Molina, Andaluzia, Extremadura, Saragoça, &c. Os Reinos de Murcia, e Valença produzem laãs finas mas muito curtas; as melhores laãs de Murcia se tiraõ dos contornos de Carthagena, e de Carvacava; podem ser comparadas ás de Soria. O Reino de Valença produz menor quantidade; e como as mais finas sahem de Gaudia, saõ conhecidas debaixo

ro de nome de gaudias. As de Puebla, de Caralá, e de Moraõ em Andaluzia são as mais estimadas desta Provincia.

Diversos Reinos de Hespanha sustentão rebanhos, cuja laã se vende bem; são deste número Aragoã, Catalunha, os Reinos de Valença, de Granada, de Leaõ, a Andaluzia, a Extremadura, algumas fronteiras de Portugal, os contornos de Madrid, a Castella-Nova, a Mancha, a Navarra, em fim alguns Valles dos Pyrinéos, como Benosca, Barrabas, Catanya, Viellsa, Reirolos, &c. Estas Provincias que produzem boas laãs, tambem as dão muito más. Vê-se muitas vezes em Hespanha hum rebanho de mérinos (nome dos carneiros, que dão as melhores laãs de Hespanha) pastar ao lado de outro, cuja laã he aspera, e grossa.

As laãs tomaõ suas differentes denominações dos lugares onde se faz a tosquia, como tambem aonde pastaõ os carneiros. He por esta razão que se busca de preferencia as tosquias, e pastagens de fama.

Estimaõ-se as laãs quando são finas, macias ao tocar, brandas, elasticas, em fim quando fazem bons pannos.

A laã dos carneiros he mais abundante, mais comprida, mais forte, menos fina, e melhor creada que a das ovelhas, esta he mais fina, e mais curta. Os animaes estereis, e os que não tem ajuntamento com o macho, dão muito mais. O carneiro tem o meio pelo cumprimento, e fineza. Estas ligeiras differenças são pouco sensiveis para o Commercio. Em geral, misturaõ-se todas estas laãs á lavagem, excepto a dos cordeiros, cujo o principal uso he para a fabricaçãõ dos chapéos. Quando as destinaõ para pannos, he necessario mistura-las com ou-

tras laãs ; porque são muito curtas , e fracas para sustentarem as operações da Fabrica.

A quantidade de laãs finas que a Hespanha produz pôde-se julgar pelo número de carneiros que sustenta. Alguns julgaõ que este número não passa de quatro milhões e meio ; com tudo pôde ser augmentado até cinco milhões , juntando meio milhaõ de carneiros que não passaõ , e cujas laãs sem serem todas da primeira qualidade , entraõ no Commercio debaixo desta denominação ; são huma parte das laãs de Andaluzia , e Segovia. Hum terço das que os Comerciantes compraõ neste ultimo lugar , procedem destes carneiros.

Suppondo-se que cada animal (hum ao outro), daõ duas libras e hum quarto de laã lavada , cinco milhões de animaes daraõ onze milhões duzentas e cincoenta mil libras , o que combina com a exportação das laãs de Hespanha. A França importava antes da revolução vinte a vinte e quatro mil fardos de laã lavada , o que fez por este ultimo número , quatro milhões e oitocentas mil libras peçadas , a razão de duzentas libras o fardo. A importação depois desta época , tem diminuido muito , e para a Inglaterra tem dobrado. Esta Nação que não perde a occasião de augmentar seu Commercio , não importava em 1789 mais que tres milhões de libras de laãs de Hespanha , o qual se provou por huma conta entregue no Parlamento nesta Epoca.

*Continuar-se-ha.*

## ARTIGO 2.º

## GEOGRAFIA.

*Da Esphera.*

**A** Esphera parallela, he a que tem o Horizonte parallelo (1) ao Equador; e entaõ o Zenith, e o Nadir correspondem aos pólos do Mundo. Resulta desta posiçaõ da Esphera, que metade da Eclitica está por cima do Horizonte, e a outra metade por baixo. Tal he a Esphera para os póvos que estão debaixo dos pólos, supposto que alli os haja. Terão seis mezes consecutivos o Sol acima do Horizonte, e seis mezes occulto; o dia por consequencia ferá de seis mezes, sem contar os crepusculos que duraõ ainda quatro mezes, visto o Sol gastar dois a chegar ao Horizonte desde o principio do crepusculo, e outros dois a descer abaixo do Horizonte até ao fim do mesmo. Se se ajuntar a estes quatro mezes de crepusculo, que a Lua faz durante os dois mezes de noite, duas vezes o giro que o Sol faz em hum, e que brilha sobre o Horizonte dois meios mezes, os mesmos póvos supposto naõ terem mais que hum mez de noite, ainda se póde assegurar por im-

---

(1) Chamaõ-se circulos parallelos, dois circulos igualmente distantes em todos os pontos.

inmensas relações verdadeiras, que os crepúsculos sendo muito maiores para os pólos, que nos nossos climas, se existirem, terão a luz ainda antes que o Sol chegue a 18 grãos proximos do Horizonte. Segundo esta disposição, terão de mais a ventagem na mesma. Qualquer que seja, he certo que não verão mais que meia Esphera, e sempre a mesma.

A Esphera obliqua he a que tem o Equador obliquo por relação ao Horizonte. Nesta posição da Esphera, todos os circulos que o Sol descreve por seu movimento diario, são cortados desigualmente pelo Horizonte, excepto o Equador.

Esta ultima posição da Esphera, he para todos os povos que habitão entre o Equador, e os pólos, como nós. Não tem os dias iguaes ás noites, senão no tempo dos Equinocios: no resto do anno, os dias são mais, ou menos maiores que as noites. Este augmento dos dias, como dos crepúsculos, será tanto maior, quanto mais proximos estivermos dos circulos Polares. A razão desta desigualdade para os povos que tem a Esphera obliqua, he porque o Horizonte corta os circulos diurnos do Sol em partes de grandezas desiguaes. Vemos no espaço de 24 horas huma parte maior do Ceo, á proporção que nos aproximamos da Esphera recta, e huma menor á proporção que nos aproximamos da Esphera parallela.

O Meridiano he hum circulo maximo que parece passar pelos pólos do Mundo, e pelo Zenith, e o Nadir do lugar donde he Meridiano, ainda que na verdade, cada Meridiano não seja mais que a linha que vai de hum pólo a outro. Chama-se Meridiano, porque he Meiodia para todos os povos que estaõ debaixo desta linha, quando o Sol alli passa.

He necessario notar, que podemos ir de hum pólo ao outro sem mudar de Meridiano: em lugar que, qualquer passo que damos do Oriente ao Occidente, mudamos de Meridiano.

Vejamos os usos deste circulo maximo. 1. Corta o Mundo em duas partes iguaes; com o qualquer outro circulo maximo, mas com differença do Equador; corta o Mundo em hemisferio Oriental, e Occidental. A parte Oriental he onde os Astros nascem; a Occidental he donde se põem. 2. Serve a mostrar o meio do dia, ou da noite; porque Meiodia he quando o Sol chega a este circulo de hum lado, e meia noite do outro. 3. Mostra a elevação, ou altura do pólo, que não he mais que o arco, ou porção de Meridiano, que ha entre hum dos pólos do Mundo, e o Horizonte.

Os dois Coluros são dois circulos maximos, que se encontram, e cortam em angulos rectos aos pólos. (1) Hum se chama o coluro dos equinocios, e o outro o Coluro dos solsticios, porque cortam a Eclitica nos Signos onde se fazem os equinocios, e os solsticios; os primeiros a Aries, e Libra; os segundos a Cancer, e a Capricornio. Chamaõ-se estes circulos Coluros, porque são cortados pelo Horizonte, e outros circulos.

Dos quatro circulos menores são os dois Tropicos; e os dois circulos Polares. Os dois Tropicos são dois pequenos circulos parallellos ao Equador, do qual estão afastados 23 grãos, e 28 minutos. Chamaõ-se Tropicos de huma palavra grega que significa-

(1) Angulo recto he hum angulo formado de duas linhas perpendiculares huma sobre a outra. Chama-se perpendicular, huma linha que cabe sobre outra directamente, sem se inclinar nem para hum nem para outro lado.

gnifica voltar; porque quando o Sol alli chega por seu movimento commum, ou natural parece voltar para traz. Hum se chama o Tropico de Cancer, ou de Carangueijo, e o outro o Tropico de Capricornio, porque passaõ por estes Signos, ou Constellações. O Tropico de Cancer he para o Septentrião; e o de Capricornio para o Meiodia. Os Tropicos marcaõ os dois pontos da Eclitica onde se fazem os solsticios, donde vem o mais longo, ou mais pequeno dia do anno. O mais longo dia para aquelles que estaõ na parte Septentrional, he quando o Sol está no Tropico de Cancer no fim de Junho; e para os que estaõ na parte Meridional, quando está no Tropico de Capricornio em Dezembro. He entaõ que aquelles que estaõ na parte Septentrional, como os pòvos da Europa, tem os dias mais pequenos. Os Tropicos designaõ tambem fobre o Horizonte, os quatro pontos Collateraes, que saõ: o Oriente, e Occidente do Veraõ; o Oriente, e Occidente do Inverno.

Os dois circulos Polares; a saber, o Artico, e Antartico, saõ dois pequenos circulos parallellos aos Tropicos, e ao Equador, e estaõ affastados dos pólos do Mundo 23 grãos, e 28 minutos. O primeiro he para o Septentrião, o segundo para o Meiodia. Tiraõ-se dos dois pólos do Zodiaco, ao redor dos do Mundo pela revolução do movimento diario.

*Continuar-se-ha.*

*Fim do 3.º Número.*

---

NA REGIA TYPOGRAFIA SILVIANA. 1816.

*Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.*



---

O NEGOCIANTE PERFEITO,  
 O U  
 JORNAL DE COMMERCIO,  
 E  
 DE GEOGRAFIA.

---

N. 4.º

---

A R T I G O 1.º  
 C O M M E R C I O.

*Manufacturas.*

**E**M 1796, a Inglaterra importou seis milhões. A Hollanda tem tirado ventagem das circumstancias, e consideravelmente crescido este ramo de seu Commercio. As expedições para Livorna, e Genova se tem tambem multiplicado. Eis-aqui o Mappa da importação das lãs de Hespanha nestes differentes Paizes, em 1796.

França	- - - - -	600000
Inglaterra	- - - - -	6000000
Hollanda, e outros Paizes		
do Norte	- - - - -	3000000
Italia	- - - - -	1000000
Total	- - - - -	10600000

Póde-se suppôr que a Hespanha emprega nas suas Manufacturas tres milhões de libras de laãs finas, que junto á quantidade exportada fórma hum total de 13600000 libras, ainda que a raça pura dos mérinos não produz mais que 11250000, calculando 2¼ libras por cada hum. Mas he necessario advertir que nem todas as laãs que sahem de Hespanha são unicamente dos carneiros mérinos. Aragaõ, a Catalunha, os Reinos de Valença, e Granada, a Andaluzia, a Extremadura &c., tem carneiros que dão huma laã bem fina, para poder entrar nas ultimas classes das laãs exportadas. Assim a quantidade que excede o producto dos carneiros mérinos, he produzida pelos carneiros de huma raça inferior, mas com tudo superior áquelles que dão laãs muito grossas.

Os direitos postos sobre a exportação das laãs formão hum dos melhores rendimentos da Coroa. As laãs de Segovia, e de Castella pagão 66 reales e 28 maravedis por arroba; as de Andaluzia, Extremadura, Reino de Granada, Albarazin, Saragoça, Doria e Ternel pagão 66 reales e 17 maravedis; as de Catalunha, Benafca, e de algumas outras partes dos Pyrinéos, pagão 32 reales e 13 maravedis. As laãs çujas pagão os mesmos direitos que as lavadas, excepto as laãs dos cordeiros, que pagão as çujas 25 por cento de menos. Tomando-se o termo medio se achará 60 reales por arroba; o que dá para as 10600000 libras exportadas, a somma de 25440000 reales. As laãs que entraõ na Alfandega de Madrid pagão 4 reales por arroba: este producto he pouco consideravel. Assim os rendimentos da Coroa de Hespanha sobre as laãs sobem a 26000000 de reales.

Os lugares mais nomeados para as laãs, são os que temos dito, Leão, Segovia, Soria, Avila, Molina, Albarazin &c. Estas laãs se embarcão principi-

principalmente nos pórtos de Bilbáo, Santo André, e Sevilha para Ruaõ, Bayonna, Marselha, Londres, Bristol, Livorna, Genova &c.

Como os direitos sobre as laãs lavadas ou naõ são os mesmos, naõ sabem hoje sem primeiro serem lavadas, excepto as dos cordeiros, que as çujas pagão 25 por cento de menos como temos dito. Os Hollandezes são quasi os unicos que tiraõ das laãs de cordeiros.

He muito raro que os Comerciantes Estrangeiros se dirijaõ directamente para suas compras aos Proprietarios dos rebanhos. Mercadores estabelecidos em Madrid, ou em outras partes da Hespanha trattaõ com os Proprietarios, e compraõ segundo suas necessidades, ou especulações. Compraõ huma pilha inteira, ou huma parte. Neste ultimo caso, recebem hum sortimento completo das quatro differentes qualidades de laãs, ou sómente a qualidade que lhe convem. Na Provincia de Segovia, onde se faz a tosquia dos carneiros de Segovia, e Leaõ compra-se junta, e ao mesmo preço, a primeira, a segunda, e a terceira qualidade, e tambem a de cordeiro. A quarta se vende separadamente; em mil fardos de laãs das tres primeiras qualidades se achaõ cincoenta da quarta. Em outros lugares de Hespanha o uso he de vender as quatro qualidades, e as dos cordeiros ao mesmo preço.

Os Mercadores misturaõ muitas vezes as differentes qualidades, e fazem entrar, por exemplo, huma porção da segunda qualidade na primeira, da terceira na segunda &c. Os Mercadores de Madrid, e de outras partes de Hespanha, compraõ as laãs çujas aos Feitores ou Proprietarios dos rebanhos. Depois de as terem feito lavar, as vendem ou em Hespanha, ou nas diversas Praças da Europa. Os Fabricantes naõ compraõ directamente aos Feitores;

estes querem vender promptamente, e longe de fer a credito, pedem a paga adiantada; de mais feriaõ embaraçados para venderem suas laãs, pelos motivos que não concorrem nos Commerçiantes. O Feitor vende ordinariamente as laãs do teu rebanho antes da tofquia, isto he, no mez de Janeiro, tempo em que se determina o preço. Em França os Fabricantes compraõ humas vezes aos Commerçiantes de Hespanha, outras aos de França com termo de 12 a 18 mezes; mas depois da revolução obteve-se difficilmente hum credito de alguns mezes, e as condições de venda variaõ segundo a confiança mutua, que reina entre as pessoas que trataõ junto.

O preço das laãs differe todos os annos, não sómente pela razão da quantidade mais, ou menos grande produzida pelos rebanhos, mais ainda pela razão das necessidades, e encommendas mais ou menos consideraveis.

O valor da laã de hum mesmo rebanho não he sempre o mesmo. Quando os animaes tem padecido pela falta de pastagens, ou pela estação ter sido rigorosa, as laãs não tem o mesmo grão de bondade.

Os grandes rebanhos dos mérinos, inda que procedem da mesma raça, não daõ com tudo laãs iguaes em qualidade. O cuidado que os Proprietarios tomaõ de se desfazerem dos mãos carneiros, ou de comprarem dos bons, de conservarem a pureza de suas raças, de escolherem pastagens abundantes, e de boa qualidade, influe indubitavelmente sobre a singularidade das laãs. Disto procede a reputação que merecem certos rebanhos: há com tudo rebanhos que as daõ boas, ainda que não tenhaõ reputação alguma.

*Continuar-se-ha.*

## ARTIGO 2.º

## GEOGRAFIA.

*Da Esphera.*

**D**Epois de ter explicado os diferentes circulos da Esphera, he necessario dizer alguma coisa dos diferentes movimentos dos Astros, pois que estes circulos tem sido imaginados para os explicar.

Distinguem-se duas sortes d'Astros, as Estrellas fixas, e os Planetas. As Estrellas fixas são assim chamadas porque conservaõ sempre entre si a mesma distancia. Os Planetas ou Astros errantes, deo-se-lhe este nome, porque humas vezes se achão mais proximos huns aos outros, e outras mais affastados. Algumas vezes estão juntos; isto he, que se encontraõ no grão do Zodiaco, e em outras estão oppostos; o que acontece quando se achão nos grãos do Zodiaco directamente oppostos.

Os Astros além do seu movimento commum com o Ceo, do Oriente ao Occidente, tem hum proprio do Occidente ao Oriente; he facil de comprehender este dobrado movimento pela comparaçã de huma pessoa, que estando em hum batel, que navegasse do Oriente para o Occidente, ao mesmo tempo andasse sobre o mesmo por hum movimento particular, do Occidente para o Oriente.

He impossivel determinar o número das Estrelas: sabe-se sómente que são em grande numero. Ptolomeo, e os outros antigos Astronomos contáráõ 1022; mas não comprehenderã neste número as que a vista não alcança. Depois da invençã dos grandes oculos, não póde duvidar-se que ha muito maior número; e só a Via-Lactea que o vulgo cha-

ma o caminho de Sant-Iago, não he mais que hum montão de Estrellas. M. Delalande tem determinado 50000 no Observatorio da Escola Militar. Distinguem-se de leis grandezas differentes, ou porque se-jaõ verdadeiramente maiores ou menores, ou porque nos pareçaõ taes, pela relação á sua separação maior ou menor da terra.

As Estrellas fixas tem huma luz que lhe he propria: e não he a mesma dos Planetas, que são corpos opacos, e não tem outra luz mais do que aquella que recebem do Sol.

A prova que as Estrellas fixas tem huma luz que lhe he propria, se tira da sua immensa distancia da terra. A mais visinha da mesma; segundo Huyghens he 27604 vezes mais afastada que o Sol. Ora a distancia do Sol á terra he perto de 33000000 de legoas. Segue-se pois que a Estrella a mais visinha á terra, está na distancia de mais de 900000000000 de legoas. E se as Estrellas recebessem a luz do Sol, havia de ser bem fraca a huma tão grande distancia. Seria necessario se faltasse, que ellas nos a reverberasse? Não nos pareceriaõ certamente tão brilhantes. Nota-se que além desta primeira consequencia, se póde tirar huma segunda, bem capaz de relevar o poder de Deos na fórma da inmensidade que tem dado a taes de suas obras; mas não insulfiremos sobre este assumpto, basta para hum espirito religioso de o ter observado.

Tem-se dividido as Estrellas fixas em differentes classes, que se chamaõ Constellações. Contaõ-se 62 ao todo; 23 na parte Septentrional, 27 na Meridional, e 12 no Zodiaco. Pelo seu movimento commum descrevem circulos parallellos ao Equador; quanto mais estão afastadas, mais os circulos são menores. Seu movimento particular do Occidente ao Oriente fórma circulos parallellos

á Eclitica. O movimento das Estrellas he muito vagaroso; gastaõ 70 annos a avançarem hum gráo. Os Planetas são sete não entrando a terra; (1) eis-aqui seus nomes.

Sol, Mercurio, Venus, Lua, Marte, Jupiter, Saturno.

Os Planetas não sahẽm jámais do Zodiaco. (2) Os circulos que giraõ não tem o mesmo centro que a terra. De que nasce o seu Apogéo, isto he sua maior distancia, e o seu Perigéo, isto he sua menor. Os Planetas como as Estrellas fixas, tem hum dobrado movimento, hum commum, e outro particular. O que temos dito a respeito das Estrellas, he sufficiente, sem que seja necessario tratar mais sobre este assumpto. Entre os Planetas ha dois que mais par-

---

(1) Tem-se feito alguns annos depois grandes descobertas em Astronomia. Não se conhecia mais que sete Planetas, entre os quaes se contava o Sol, e Lua. Este número parecia invariavelmente determinado, quando Mr. Herschel, célebre Astronomo Alemão, descobriu hum em Bath; nas noites de 3 a 5 de Abril de 1781. M. Messier o obseivou primeiro em França a 15 do mesmo mez, e tem o nome de Uranio. Como se tem comprehendido a terra entre os Planetas, e não contarem o Sol, e a Lua, o número dos Planetas era sempre de sete; mas depois do principio deste Seculo, tem-se descoberto quatro novos. O primeiro foi visto em Palermo no 1.º de Janeiro de 1801, por M. Piazzi, e se chama Ceres. M. Olbers descobriu hum segundo em Bremen a 28 de Março de 1802; seu nome he Pallas. M. Hording descobriu o terceiro em Lilienthal na Saxonia; e se chama Juno. Em fim a 19 de Março de 1807, M. Olbers, a quem se devia já a descoberta de Pallas, avistou pela primeira vez o quarto, ao qual lhe deo o nome de Vesta. Eis-aqui os novos Planetas.

Vesta, Juno, Ceres, Pallas, Uranio.

(2) He necessario exceptuar dois dos novos Planetas, Pallas, e Juno.

particularmente passamos a tratar. Estes são o Sol , e a Lua.

De todos os Planetas , o Sol he o unico que tem huma luz que lhe he propria. Seu movimento não he tambem irregular como o dos Astros. Gira na Eclitica sem nunca se apartar. (3) O circulo que descreve por seu movimento diario he paralelo ao Equador. O Apogêo do Sol he para o nono gráo do Cancer , e o Perigeo para o nono do de Capricornio. O centro do movimento do Sol , não he o mesmo que o da terra , e disto acontece que ha sete dias de mais na parte Septentrional do Mundo , que na Meridional. Com effeito gasta 186 dias 8 horas &c. a girar os seis Signos Septentrionaes ; e 178 dias 21 horas &c. os Meridionaes. He o que faz que a Taboada dos Climas Septentrionaes não póssa servir a achar exactamente os Climas dos mezes Meridionaes.

*Continuar-se-ha.*

*Fim do 4.º Número.*

---

(3) Trata-se aqui do movimento dos Planetas , segundo o systema de Ptolomeo ( que morreo pelos annos de 142 ) e segundo o que parece á vista , porque he depois deste systema , no qual se suppõe que o Sol gira ao redor da terra , que os Globos tem sido contruidos ; em outro systema , que he o de Copernico ( que morreo em 1543 ) he o Sol que he immovel , e a terra gira : este segundo systema he presentemente o unico seguido pelos sabios. Tycho-Bræhe ( que morreo em 1601 ) entendeu de fazer huma mistura dos systemas precedentes. Tudo isto não pertence mais que ao turbilhão do Sol ; mas segundo hum grande modo de explicar a harmonia do Ceo , o os movimentos dos Planetas , considera-se o Sol como huma Estrella fixa.

---

NA REGIA TYPOGRAFIA SILVIANA. 1816.

*Com Licença da Mza do Desembargo do Paço.*



O NEGOCIANTE PERFEITO,  
 O U  
 JORNAL DE COMMERCIO,  
 E  
 DE GEOGRAFIA.

N. 5.º

ARTIGO 1.º  
 COMMERCIO.

*Manufacturas.*

**A** Hespanha antes da sua grande, e memoravel revolução fazia huma venda certa, e lucrativa de suas laãs. E continuará ainda por muito tempo a fazer este Commercio lucrativo? A soluçãõ desta questãõ tem muitas causas e circumstancias, que he a proposito d' examinar. As encommendas feitas pelos Estrangeiros naõ tem diminuido depois de hum certo número de annos, ou contrario saõ maiores. E podemos dizer que a fabricaçãõ dos pannos finos augmentará na Europa em lugar de diminuir, o que parece assegurar á Hespanha taõ importante Commercio.

Mas a necessidade desta primeira materia, que vai sempre augmentando, tem feito conhecer a algumas Nações quanto lhe seria ventajoso animar a propagaçãõ das boas raças.

A Suecia possuia em 1764, 65369 carneiros de laã fina, e 23384 mestiços de boa especie. O número tem consideravelmente crescido dois desta época, e a importaçãõ das laãs de Hespanha tem diminuido annualmente,

E

de

de forte que a Suecia póde hoje fabricar sem necessidade das de Hespanha.

A França, tem meios de esperar a multiplicação destes animaes, que não póde ter a Suecia, assim he provavel, que em poucos annos, a Hespanha sinta a falta de tão grande exportação.

A Inglaterra, a Prussia, a Saxonia, e muitas partes de Alemanha, e de Italia, tem importado carneiros Hespanhoes, e conhecem a necessidade de propagar esta raça preciosa.

As Provincias da Belgica fornecem ao Commercio muitas laãs que supprem até hum certo ponto ás de Hespanha. Algumas, vindo da Hollanda, d'Alemanha, da Pomerania, da Prussia, de Dantzik, de Paderborna &c., podem entrar na fabricação do bom panno, depois de serem bem escolhidas; não ha dúvida que as raças dos carneiros que dão estas laãs, não se melhoraõ, e multiplicação de dia em dia. A augmentação da quantidade das boas laãs, e a diminuição do seu valor, seraõ duas causas que anniquilaraõ o Commercio em Hespanha, na supposição que o seu systema politico não mude.

Todas as Nações da Europa parecem obrar de accordo para roubar á Hespanha o ramo mais lucrativo do seu Commercio. He mais provavel, que esteja proximo o momento, em que esta Nação perca os beneficios consideraveis que tem tido até ao presente. Feliz se podesse conservar a concorrência!

Se o methodo antigo de fazer viajar os carneiros não he annullado, chegará hum momento onde o Commercio não poderá tirar de Hespanha as laãs finas a hum preço igual áquelle do Paiz que as der semelhantes. Os Proprietarios não beneficiando seus rebanhos, por não esperarem vender bem suas laãs, e que a locação das pastagens augmentará todos os dias de preço, se acharaõ em estado de não poderem conservar seus numerosos rebanhos. Digo que a locação das pastagens augmentará, porque o preço tem dobrado desde 25 annos, e

he

he do que todos os Proprietarios dos rebanhos se queixão. A devastaçãõ das antigas pastagens, e os novos roteamentos lhe tem dado hum maior valor, que irá sempre em augmento.

Longe de prohibir estes roteamentos, o governo deve-os animar, e convidar ao mesmo tempo os cultivadores a sustentar huma certa quantidade de animaes de laã fina. A melhoraçãõ da agricultura. depende de hum novo systema sobre a propagaçãõ dos carneiros. He sómente pela combinaçãõ destas duas origens de riquezas que o Commercio das laãs em Hespanha sustentará para o futuro a concorrência com o das outras Nações. Esta concorrência poderá com tudo ter lugar até hum certo ponto, se a mesma quantidade de terreno continúa a estar inculto; mas seria muito mal calculado, se para sustentar hum systema de Commercio, que em huma outra ordem de coisas seria mais florecente, porfiavaõ a quererem ter hum Paiz sem agricultura, e populaçãõ.

As montanhas incapazes de cultura, devem ser sómente destinadas para as pastagens dos carneiros dos campos visinhos. Se continuãõ a abandonar as mais férteis Provincias, se privaráõ de outros productos, que podem dar as terras, e terãõ outro obstaculo á augmentaçãõ das laãs. E com effeito se a Hespanha fosse bem cultivada, produziria dobrada laã, porque lhe seria facil de sustentar hum dobrado número de carneiros. Os bons Autores Hespanhoes, que tem escripto sobre este assumpto, tem unanimemente reconhecido esta verdade.

He difficil de poder dizer os conhecimentos que são necessarios para perfeitamente julgar da qualidade das laãs, a fineza, a força, &c., são qualidades excellentes, que parecem contrarias entre si, e não poder acharem-se reunidas; com tudo para que a laã seja perfeita, he necessario que todas estas qualidades se encontrem juntas.

Os Fabricantes tambem devem advertir, que as tres qualidades de laã (que já tratamos) que são tirados do mesmo vélo, esperem achar em 100 libras 80 da primei-

ra qualidade, 12 a 15 da segunda, e o resto da terceira. Assim devem estar instruidos desta proporção, a fim que nos fortimentos que compraõ, não se lhe dê mais de que o uso permite, e não devem ignorar que a especie dos pannos com que se enfarda em Hespanha, faz huma differença algumas vezes de duas a tres libras por cento; assim devem pedir o abatimento de alguma taxa, ou de hum pezo proprio e proporcionado á grossura dos pannos do enfardamento, ou ao menos a regular o preço da laã, em consideração á grossura, ou fineza dos fardos. As taras, ou os bons pezos concedidos pelos Mercadores de Hespanha são de 20 libras até 32 por fardo. He ainda interessante aos Fabricantes de observar, antes de fazerem pezar a laã, que não seja molhada, nem húmida, porque não lhe restaria de laã verdadeira mais que parte do pezo que seriaõ obrigados de pagar, para o que he necessario, que antes de ser pezada, esteja perfeitamente secca.

Ainda que as laãs de Hespanha sejaõ as unicas procuradas para as Fabricas dos bons pannos, não se deve desprezar as laãs de França que podem tambem servir para certos estoffos, e mesmo para os pannos da segunda qualidade, misturando-as com as laãs de Hespanha. Depois da introdução dos carneiros mérinos em França, ahi se achará laãs que se podem comparar com as de Hespanha, e que daõ pannos famosos.

2.º O primeiro trabalho da laã, depois que chega aos Fabricantes, suppondo-se que tem sido escolhida em Hespanha, como se acabou de dizer he de purifica-la o melhor que he possivel da gordura, que não he outra coisa mais que o unto que sahe do corpo do animal pela transpiração, e que se apega a laã, a sustenta, e contribue a faze-la chegar ao seu gráo de madureza.

*Continuar-se-ha.*

## ARTIGO 2.º

## GEOGRAFIA.

*Da Esphera.*

**P**Ode causar admiracão quando o Sol está no seu Perigêo, isto he, mais proximo da terra perto de 100000 de legoas, he entãõ que se sente mais vivamente o frio na Europa. Para se entender he necessário notar que no Inverno, que he o tempo do Perigêo do Sol com relação a nós, se eleva menos sobre o Horizonte, e que por conseguinte os raios cahem mais obliquamente sobre a parte da terra que habitamos. De mais está muito pouco tempo sobre o Horizonte.

Este Astro avança todos os dias perto de hum grão do Occidente ao Oriente, e por seu movimento proprio gira os 360 grãos da Eclitica no espaço de 365 dias, 6 horas menos onze minutos; he o que fórma o anno Solar, que he de 365 dias. As 6 horas que restaõ fazem hum dia no fim de 4 annos, e entãõ ha anno bissexto, que he de 366 dias. Mas como ha onze minutos de menos, estes fazendo hum dia no espaço de 130 annos, o Papa Gregorio XIII. na reformaçãõ que fez do Calendario em 1582, ordenou que no espaço de 400 annos se omitiria tres bissextos. Assim no ultimo anno de cada seculo naõ he bissexto com excepçãõ de 400 em 400 annos. Esta reformaçãõ adoptada (hoje) por todos os Estados Christãos, se chama o novo estylo Chama-se velho estylo o antigo modo de contar, o qual se usou até ao meio do Seculo XVIII., nas Ilhas Britanicas, e alguns outros Estados Protestantes, que tinhaõ usado do antigo Calendario Juliano, assim chamado de Julio Cesar seu Author, e naõ tinhaõ querido seguir a reformaçãõ do Calendario feito pelo dito Papa Gregorio XIII., mas o tem abra-

gado depois, e presentemente a **Russia** he a unica que se serve ainda do velho estilo.

Ainda que a Lua nos pareça maior que todos os outros Planetas, excepto o Sol, he com tudo o mais pequeno. O que faz com que nos pareça maior que os outros, he por estar muito mais proxima da terra. Naõ está affastada mais do que 91000 legoas no seu Apogéo, e de 80000 no seu Perigéo. He 49 vezes menor que a terra.

A Lua he hum corpo opaco, naõ tem luz senaõ a que recebe do Sol. Os diferentes modos dos quaes se presenta a este Astro, saõ a causa do que se chama as phases da Lua. Contaõ-se quatro, a Lua nova, a Lua chã, o primeiro (crescente), e o ultimo (mingoante) quarto. A Lua he nova quando está em conjunção com o Sol. Entaõ se achando entre o Sol e a terra, a parte allumiada está para o Sol, e por consequencia naõ nos póde allumiar. Mas em se apartando do Sol, huma porção da parte allumiada se presenta para nós, e augmentando-se de dia em dia, fórma o que se chama o primeiro quarto, quando chega ao quarto da sua revolução. A' medida que se affasta do Sol, nós avistamos huma maior porção allumiada, até que chegando ao meio do seu circulo está em opposição com o Sol: entaõ toda a parte allumiada estando do nosso lado, he a Lua chã. Avizinhando-se do Sol, a parte allumiada que está para nós, diminue; e quando chega aos tres quartos da sua revolução, entaõ está no seu ultimo quarto. He necessario notar que a differença do primeiro, e do ultimo quarto consiste em que no primeiro, a parte allumiada está para o Occidente, e no ultimo para o Oriente.

A Lua faz o giro da Eclitica em 27 dias, e quasi 8 horas, mas como o Sol por elpaço deste tempo, rem avançado 27 grãos, lhe he necessario mais de dois dias para o alcançar, donde acontece que o tempo que se passa de huma conjunção á outra he de 29 dias, e 12 horas. Doze destas conjunções, ou mezes faz hum anno

Lunar; e estes mezes são de 29, e de 30 dias alternativamente. Todos estes mezes juntos fazem 354 dias; e assim o anno Lunar tem 11 dias de menos que o Solar. Estes 11 dias em tres annos fazem hum mez Lunar; e he assim que os Judeos fórmaõ ainda hoje seu anno intercalar, ou de treze mezes.

Este mesmo anno intercalar está tambem em uso no nosso Calendario Ecclesiastico, para trazer o principio do anno Lunar para aquelle do anno Solar depois que está pouco apartado. Para este effeito, attribue-se 13 mezes Lunares a 7 annos do Cyclo Lunar, que he composto de 19 annos. Estes annos que tem 13 mezes Lunares, são o 5.º, o 6.º, o 9.º, o 11.º, o 14.º, o 17.º, e o 19.º, ou ultimo deste Cyclo.

He facil de entender que por meio deste 13.º mez intercalar, o fim do terceiro anno Lunar se avizinha ao fim do terceiro anno Solar; não ha mais que tres dias de differença, que se achão de menos no anno Lunar. Com effeito 3 vezes 11 fazem 33: não tomando mais que 30, resta 3, que juntos a 33 dos tres annos seguintes fazem 36. Tomando-se ainda 30 para formar o 13.º mez do 6.º anno, resta 6. Ao 9.º anno fazendo a mesma operaçõ, resta 9 que juntos a 22 fazem 31 para o undecimo anno. Tomando-se depois 30, resta 1, que junto a tres vezes 11, fazem 34, para o 14.º anno. Tomando sempre 30, resta 4 que com 33 do 17.º anno, fazem 37. Deixa-se estes 7 dias, os quaes com 22 dos dois ultimos annos deste Cyclo, fazem 29. Vê-se por este calculo que o 13.º mez, do 19.º, e ultimo anno do Cyclo Lunar, não tem mais que 29 dias, e que os outros seis mezes intercalares tem 30.

Mas como as Luas novas não revêm justamente ao fim de 19 annos como o tinha julgado Methon (Astronomo d'Athenas, que inventou este Cyclo perto de 432 annos antes de Jesu Christo) mas que chegaõ huma hora e meia antes, tem sido necessario para achar exacto as Luas novas de usar o methodo dos Epactas, inventado

do por Aloyfio Libio, Medico de Roma, no tempo do Pontificado de Gregorio XIII. Os números de que se serviaõ antes, á imitação de Methon, e dos Athenienfes para marcar as Luas novas, não eraõ proprios para formar hum Calendario perpétuo, e exacto.

O movimento proprio da Lua, he seguindo hum circulo que corta a Eclitica em dois pontos que se chamaõ nós. Este circulo se affasta hum pouco da Eclitica; o que impede que não haja Eclipse do Sol em todas as Luas novas, e Eclipse da Lua todas as vezes que este Planeta está na enchente; acontecem sómente quando a Lua está nos nós, ou muito perto.

Quando a Lua se acha em opposição, isto he para o ponto opposto ao Sol, a terra se achando entre ambos, a Lua se eclipsa. Quando está em conjunção com o Sol, isto he quando correponde ao mesmo ponto do Ceo, ha Eclipse do Sol. (1) He facil de conhecer por isto como o Eclipse do Sol que houve pela morte de Jesu Christo, não podia ser senão prodigioso, porque a Festa da Pascoa entre os Judeos se celebrava no principio da Lua chã. Este Eclipse tambem foi descripto por Phlegon, livre do Imperador Adriano, entre os acontecimentos os mais notaveis. Elle o collocou no quarto anno de 202 Olimpiada, que he exactamente o anno da morte de Jesu Christo.

*Continuar-se-ha.*

*Fim do 5.º Número.*

---

(1) O Eclipse do Sol deveria antes ser chamado Eclipse da terra, porque o que se chama ordinariamente Eclipse do Sol, não he mais do que a privação da luz deste Astro para huma parte da superficie da terra.



O NEGOCIANTE PERFEITO,  
 O U  
 JORNAL DE COMMERCIO,  
 E  
 DE GEOGRAFIA.

N. 6.º

A R T I G O 1.º  
 C O M M E R C I O.

*Manufacturas.*

**H**E escusado tratar da lavagem da laã no poder do Fabricante, attendendo a não estender muito este ramo do Commercio; e fim que depois de lavada, secca, e recolhida lhe pertence determinar de que modo querem fabricar os estoffos, se em branco, e da côr natural da laã, ou de cores misturadas, ou de huma só côr, o que forma tres differentes obras de Fabrica.

Chama-se fabricar em branco, e da côr natural da laã, quando se manufactura sem ser tinta; chamaõ-se cores misturadas, quando effectivamente muitas cores misturadas, e fundidas junto, formaõ huma particular por sua uniaõ; em fim chama-se huma só côr, quando toda a laã dos cadilhos, e da trama he tinta de huma unica e mesma côr, ou que a laã dos cadilhos he toda de huma só côr, e da trama de huma outra. Estes tres modos de fabricar não saõ igualmente faceis, nem em uso; a fabricaçãõ em branco, ou da côr natural da laã he a mais facil, e muito usada; a de cores misturadas he tambem

muito extensa; e a de huma só côr he a menos usada; mas como o modo de cardar as laãs he quasi igual para as tres côres, e que todas as outras operações são totalmente semelhantes entre si; tratarei do que he necessario fazer para fabricar em branco, e farei sómente menção das applicações que se devem seguir quando se fabricar em cores misturadas.

Mas não será isto o objecto da continuacão deste número (que reservo para outros) e sim dizer alguma cousa a respeito das laãs dos outros Reinos da Europa; começarei pelas Inglezas.

As laãs Inglezas são proprias para a fabricacão de todas as qualidades de estoffos, exceptuando sómente os pannos finos que não se podem fabricar sem o soccorro das laãs de Hespanha.

A laã de Inglaterra, não he tão fina como a da Hespanha, mas avisinha-se muito. Entre as laãs curtas, as melhores são as de Costwold em Gloucestershire, estimadas as mais finas de Inglaterra, e pouco menos que as da Hespanha as de Hareford, Worcestershire, &c. As ditas Inglezas são mais faceis a alimpar, e se fazem mais claras, e tem muito pouca diminuiçãõ na lavagem. Julga-se que esta qualidade vem, de que os Inglezes lavaõ muitas vezes os Carneiros, e que falta ás laãs que não são lavadas antes da tosquia; ás de França, e de Hespanha em particular.

Distinguem-se principalmente duas especies de laãs Inglezas, as compridas, e as curtas: as laãs compridas são as mais procuradas das outras Nações por seu comprimento, e fineza. As mais nomeadas são as de Warwick, de Northampton, de Lincoln, de Durham, das lagoas salgadas de Rumney; mas as das lagoas do Sul Lincoln, e de Leicester tem ventagem sobre todas as outras, pelo comprimento, fineza, e brandura, &c. Estas laãs são empregadas concurrentemente com as de Irlanda nas redes, sarjas, camelões e outros estoffos sem numero de Norwick, que são imitadas pela maior parte á Amiens, Abbevilla, Lilla em Flandres, Bruxellas, Hollanda,

Har-

Harlem e aos arredores de Amsterdaõ , e Leyda. Empregaõ-se ainda com as laãs cardadas nas baetas, droguetes, durantes, &c. e a misturaõ em fim com o algodãõ, e a seda.

As laãs dos carneiros comigeros de pequena especie he de qualidade mediocre, mas os carneiros de grande especie daõ 5 até 8 libras de laã por vélo, alguns destes carneiros, além da laã comprida que tem, daõ huma laã curta e fina, que se mistura com laãs de Hespanha, nos cadilhos dos pannos, para lhe dar mais força. A laã de Leicestershire, e em geral das Provincias do Oeste, se mistura nas manufacturas de Wakefield, de Leeds, e de Hallifax; a laã das Provincias do Norte, á excepçaõ daquella do Banco de Téés, e de Woulds, na divisaõ Oriental d'Yorckshire, he quasi taõ fina. A laã mais grossa da Provincias Septentrionaes, como as de Escocia, entraõ em alguns estoffos que se fabricaõ á Hallifax, Rochdale, Burg em Lancashire, &c.

„ Segundo M. Arthur Young, o producto da Ilha he avaliado em 600000 saccos e a divisaõ desta quantidade em especies naõ parecerá affastada da verdade

Boa laã para Fabricas	- -	100000	saccos
Grossa, dito	- - - -	300000	
Desembaraçada, dito	- - -	200000	„

A boa laã para as Fabricas pode ser avaliada, em ajuntando a superfina que vem d'Hereford, e do Shrespshira, com a fina de Suffex, e de Norfolk &c.; a perto 16 Libras Esterlinas o sacco, o que dá para esta especie 1600000 libras. Estas laãs tem a menor deprecaçaõ, e as estimaõ 10 por cento mais que as de França. As laãs grossas para a fabricaçãõ vem depois, saõ em maior quantidade, e podem ser até 300000; tem huma deprecaçaõ consideravel, de 50 por cento de menos. Finalmente vem as laãs desembaraçadas, cujo total chegará a 200000 saccos, o que naõ parecerá exagerado, se se considerar a extençaõ do Paiz que as produz agora; em consequencia das me-

lhorações feitas na Agricultura. São estas laãs que tem a maior deprecação de preço em Inglaterra, não he menor de 100 por cento. Com tudo parece, depois de algumas informações particulares, diz M. Arthur Young, que se tem vendido menos de metade que as de França em 1787. Mas como não queremos exagerar nada neste calculo, e ao contrario limitalo na mais exacta moderação, se tomará sómente 100 por cento como termo medio desta deprecação.

Parece que se tem muito exagerado a quantidade de laã, que se exporta com fraude dos Portos de Inglaterra em França. Eis-aqui a final o que diz M. Arthus Young sobre esta materia. „ Admittindo todas as provas, parece que em 1787 levou-se aos Portos situados defronte de Jersey, e Guernesey, 2778 saccoes, em huma quantidade indeterminada para cada hum d’elles, mas que não parece exceder a Bolonha 722. O resto da França nunca se julgou receber huma quantidade consideravel: assim dito que 13000 saccoes são annualmente exportados deve parecer, e he realmente huma asserção puramente gratuita, porque as pessoas que o dizem não allegaõ nenhuma prova de sua opiniaõ. Convimos pois em 3000 saccoes, como os Fabricantes o tem calculado.

Ainda que a quantidade de laã exportada em França, seja muito pequena, he com tudo exagerada; sabido pelos registos do Escriptorio da Balança do Commercio. Todas as importações, e as exportações do Reino, são regularmente registadas neste Escriptorio, e comparadas para examinar de anno em anno o estado da prosperidade do Commercio.

Sabe-se pelos registos que em 1782 receberam 954 saccoes de laãs; em 1783, 1175; em 1784, 1080; em 1785, 1686; em 1786, 1202; em 1787, 480.

*Continuar-se ha.*

## ARTIGO 2.º

## GEOGRAFIA.

*Da Esphera.*

**O**S Eclipses da Lua são mais frequentes que os do Sol: a Lua sendo hum corpo opaco, e que recebe a Luz do Sol, desde que a impede a terra de ser allumiada pelo Sol, fica eclipsada para toda a terra. Não he o mesmo do Sol, a Lua sendo muito mais pequena que elle, pode o eclipsar para muitos povos, em quanto outros gozem da luz.

Para comprehender mais facilmente como a declinação do orbito da Lua do circulo da Eclitica de que temos fallado, impede que os Eclipses não sejam tão frequentes, he necessário representar-se dois circulos, ou arcos de tonel, passados hum no outro, e que se affastão tres ou quatro dedos; hum destes circulos representará a Eclitica, o outro o circulo da Lua; e o lugar onde se encontrarem representará os nós da Lua. Chamaõ-se esta nós a cabeça, e a quada do Dragaõ O primeiro se acha na passagem da Lua a través da Eclitica, do Meio-dia ao septentriaõ, e se chama nó ascendente, e boreal, ou cabeça do Dragaõ; o outro se acha na passagem da Lua a través da Eclitica do Septentriaõ ao Meio-dia, e se chama nó descendente, e austral, ou quada do Dragaõ. Estes nós não são fixos, a Lua cortando a Eclitica, logo em huma lugar, e logo em outro.

Os outros Planetas são Saturno Jupiter, Marte, Venus, e Mercurio. Os tres primeiros estão mais affastados da terra que o Sol; algumas vezes com tudo Marte está muito mais proximo.

Por seu movimento proprio giraõ do Occidente ao Oriente, descrevendo circulos que cortão a Eclitica  
em

em diferentes pontos. Eis-aqui o tempo que gastaõ a fazer suas revoluções.

Saturno faz sua revolução em 29 annos e 155 dias. Está dez vezes mais afastado do Sol que a terra. He rodeado de sete Luas menores, ou Satellites, e de hum Circulo que rebervera perpétuamente a luz do Sol. Chama-se o anel de Saturno, foi descoberto por Huygheno em 1659.

Jupiter faz sua revolução em 11 annos e 313 dias; he cinco vezes mais afastado do Sol que a terra. Este Planeta tem ao redor de si quatro Luas menores ou Satellites, que soffrem frequentes Eclipses. A observação destes Eclipses he o meio mais facil que ha para determinar as longitudes, que depressa trataremos.

Marte faz sua revolução em hum anno e 322 dias:  
Venus em sete mezes e meio.

Mercurio em tres mezes.

Estes dois ultimos Planetas giraõ sempre ao redor do Sol. O primeiro naõ se affasta mais que 48 grãos; o segundo sómente vinte oito. (1)

### *Aplicação da Esphera ao Globo Terrestre.*

A palavra Globo como a da Esphera quer dizer Bola. Considera-se a terra como huma Bola, porque com effeito he redonda. A prova se tira principalmente dos Eclipses da Lua, causados pela sombra que faz a terra

---

(1) Uranio tem seis Satellites, e faz sua revolução em 82 annos.

A revolução de Pallas, he de 4 annos e 243 dias, e sua distancia do Sol he perto de 96500000 de leguas.

A revolução de Ceres he de 4 annos e 219 dias, e sua distancia do Sol he perto 9650000 de leguas.

Vesta faz sua revolução em 4 annos e 4 mezes, e sua distancia do Sol he quasi a mesma que os dois precedentes.

A revolução de Juno he de 3 annos e 8 mezes, e este Planeta está hum pouco mais visinho do Sol que os tres precedentes.

ra sobre a Lua: esta sombra sendo redonda, he necessario que a terra o seja tambem.

Como o Sol, e tambem todo o Ceo gira ou parece girar ao redor da terra, que se colloca na Esphera no centro do Mundo, os Geografos tem transportado ao Globo terrestre quasi todos os Circulos da Esphera, &c. A terra tem pois como o Ceo, seus polos, seu Eixo, seu Equador, seu Zodiaco, seu Meridiano, seu Horizonte, seus Tropicos, e Circulos Polares. A respeito dos Coluros os tem tirado como inuteis pelo que respeita ao Globo terrestre.

Os dois polos da terra saõ os dois pontos da sua superficie, pelos quaes passa o Eixo do Mundo.

O Eixo da terra que se concebe ser o mesmo que o do Mundo, he a linha que atravessa o Globo terrestre, e termina nos polos.

A linha Equinocial, ou o Equador, he hum Circulo maximo considerado sobre a superficie do Globo, defronte o Equador do Ceo; os Maritimos lhe chamaõ simplesmente a linha, por excellencia. Este Circulo corta o Globo em duas partes iguaes, huma Septentrional, e outra Meridional.

O Zodiaco da terra he tambem hum Circulo maximo, que corresponde ao Zodiaco do Ceo, ou antes á Eclitica; he dividido por doze Signos. Sua maior distancia do Equador he de 23 grãos e 28 minutos. Este Circulo he inutil sobre os Globos, e principalmente sobre os Mappa Mundos; motivo porque os novos Geografos delles o tiraõ.

Os Tropicos saõ Circulos menores affastados do Equador, cada hum do seu lado 23 grãos e 28 minutos.

Os Circulos Polares saõ tambem Circulos menores, affastados dos polos na mesma distancia.

O Horizonte he hum Circulo maximo que divide o Globo em dois Hemisferios, hum inferior, outro superior. Chama-se superior áquelle no qual se está. Distinguem-se dois Horizontes, hum racional, outro sensivel.

Pode-se definir o primeiro: hum Circulo maximo, cuja circumferencia he igualmente affastada em todas as suas partes, do lugar donde este circulo he o Horizonte, e que tem por pólos o Zenith, e o Nadir do mesmo. O Horizonte sensivel não he outra coisa mais, que a extenção que podemos descobrir ao redor de nós de todos os lados.

O Horizonte do Globo póde vir a ser Horizonte de cada povo; assim o que se chama levantar o Globo horizontalmente, he fazer que o Horizonte do Globo venha a ser o Horizonte de hum lugar; o que se executa pondo o lugar debaixo do grande Meridiano, e levantando o polo acima do Horizonte, segundo a altura do dito do lugar proposto. O Meridiano he representado na Esphera, e com os Globos, por hum Circulo maximo que passa pelos polos do Globo terrestre, e pelo Zenith, e o Nadir do lugar donde he Meridiano; he differente á medida que se muda de lugar para o Oriente, ou para Occidente. Os Geografos não contaõ mais que 360, e sómente marcaõ 36 sobre os Globos, e Mappa Mundos; e saõ as linhas que vaõ de hum polo a outro. Estes Meridianos cortaõ o Equador de 10 em 10 grãos; e cada hum divide o Globo em duas partes, huma Oriental, e outra Occidental.

*Continuar-se-ha.*

*Fim do 6.º Número.*

---

NA REGIA TYPOGRAFIA SILVIANA. 1816.

*Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.*



---

O NEGOCIANTE PERFEITO,  
 O U  
 JORNAL DE COMMERCIO,  
 E  
 DE GEOGRAFIA.

---

N. 7.º

---

A R T I G O 1.º  
 C O M M E R C I O.

*Manufacturas.*

**A** Hollanda produz huma grande quantidade de laãs, e fornece á França ainda huma maior. A Zelandia, a Hollanda propriamente dita, o Norte da Hollanda, o Texel, e Wiering, a Frisa, e Groninga, são as Provincias, e Cantões dos Paizes Baixos que fornecem as laãs conhecidas debaixo do nome generico de laãs de Hollanda; mas ellas se distinguem muito bem no Commercio, por huma qualidade propria a cada lugar.

A Zelandia, he hum dos melhores Cantões da Hollanda considerada a este respeito. As laãs experimentaõ na penteadura huma falta perto da terça parte, e esta não he propria na fabricaçã ordinaria; as outras duas terças, para os camelões communs, e outros estoffos deste genero.

A Hollanda desde as bocas do Mosa até ao Norte da Hollanda, produz o dobro da laã de Zelandia, e são mais estimadas. Estas ainda não são as suas da primeira qualidade. Com tudo os Hollandezes não empregã ou-

tras nas manufacturas dos camelões de Leyda. O Norte da Hollanda he a Provincia onde ha mais rebanhos, e donde vem a melhor laã que fornece a Hollanda; com tudo se escolhe, mas tem huma laã que nada lhe iguala. He absolutamente o terreno do Cantaõ entre Alckmner e Purmerenda, e suas boas pastagens que fazem esta superioridade, preferindo sempre a de Beemster. A' proporçãõ que se affastaõ deste Cantaõ, a laã vai diminuindo em qualidade. A de Verfrisa, e das Dunas do mar do Norte sãõ mais inferiores. Vai huma grande quantidade de laã do Norte da Hollanda para a França.

As Ilhas do Texel e de Wiering produzem menos, e he necessario naõ confundi-las com a massa geral; sãõ mais communs que as laãs de Hollanda, e valem hum terço de menos que as do Norte da Hollanda, principalmente as de Wiering, e sãõ ainda inferiores ás de Texel. A Frisa fornece tambem muito boas laãs de qualidade quasi igual ás do Norte da Hollanda, mas hum pouco mais curtas; vaõ tambem quasi todas para a França; no centro desta Provincia, e contornos de Sneec, e Leuardia se achaõ as melhores.

A Groninga, como a Zelandia, e o Texel, fórmaõ tambem hum dos extremos. A quantidade das laãs ahi he menor, e a qualidade mais commua: valem hum quarto de menos que as da Frisa. Os Hollandezes tiraõ muitas laãs das outras Provincias Unidas, particularmente de Gueldres, Overissel, Oeste-Frisa; tambem de Sudland, Dinamarca, Holstein, Baixa-Saxonia, entre as embocaduras do Vefer e do Elba, bem superiores ás precedentes, ainda que inferiores ás de Hollanda, as misturaõ com as suas, e as vendem todas como proprias.

A' primeira vista, os intelligentes conhecem o fraude, mas muitas pessoas sãõ enganadas, e mesmo algumas vezes as mandaõ vindo de Hamburgo, e das Costas do Baltico, sem mistura das suas, debaixo do nome de laãs de Hollanda. Os caracteres distinctivos das laãs da Hollanda sãõ a limpeza, brancura, fineza, cumprimento,

to, brandura, e força, todas muito lisas: são as mais proprias quando se conhecem a fabricaçã do todo o estoffo fino, rafa ou crescida, unida ou cruzada. Quanto á sua limpeza, cumprimento, e força, as laãs mesmo communs de Hollanda se empregã com exito em outros muitos estoffos menos finos, igualmente rafas ou crescidas, unidas ou cruzadas.

Mas independente dos sinages communs, mais ou menos caracterifados, que se acaba de indicar, ha de ordinario no Commercio muitos enganos, e dóllos; os Hollandezes além da distincçã de suas laãs por Cantaõ, fazem das diversas partes dos vélos, huma escolha muito propria a favorecer a venda. Os principaes Mercadores da laã de Hollanda se conservaõ a Amsterdaõ, Leyden, e Roterdaõ: e he dalli que as tiraõ os ricos Fabricantes de França, que suas occupações impedem de viajar, e os Mercadores as compraõ, para as tornarem a vender aos Fabricantes menos ricos.

Os Flamengos que fazem hum grande Commercio, viajaõ tambem regularmente alguns annos consecutivos nas Provincias da Hollanda, onde achaõ de fazer bem as suas compras, e he que tiraõ as laãs dos mesmos lugares que as produzem. Em nenhuma parte da Hollanda, onde se pernoita todo o anno, se lavaõ os carneiros antes da tosquia, senã nas Ilhas de Texel, e de Wiering, onde os tosquiaõ em grosso como nas Provincias Meridionaes. Os vélos pezaõ entã çujos de 7 a 12 libras; mas se varia depois a respeito da operaçã da lavagem. O Norte da Hollanda naõ os lavaõ, mandaõ-os geralmente çujos, e he assim que chegaõ a Turcoing; pelo contrario das partes Meridionaes destas Provincias, que lavaõ ordinariamente as suas, e as mandaõ para Legden, e Roterdaõ. Esta primeira lavagem, feita no rio em agua manta, nos canaes, segundo o costume, naõ as exemptã de huma segunda antes da penteadura, se as querem tintas antes de serem fiadas. Põde-se comparar quanto ao effeito, áquelle que os Hespanhoes daõ ás suas laãs antes

as exportarem; as diminue em grossura do pezo de 18 a 20 libras por cento, avalia-se a diminuição total, na ultima limpeza destas laãs, ser de 20 a 30 por cento.

Os Turquineses tiraõ todas as ditas laãs em vélos, que chamaõ peças no seu Commercio com os Hollandezes, ainda que o preço seja sempre determinado pelo pezo. As laãs que tiraõ çujas he em maior quantidade, pelo contrario da Picardia, que se provem antes por Leyden e Roterdaõ, onde o uso commum he de as lavar depois da tosquia, elles as lavaõ em agua mansa, falta que ha nas outras, bem mal pela consequencia, mas a alimpaõ incontinentemente com sabão negro, e depois a fazem seccar. A escolha he depois feita: entaõ dividem e separaõ cada vélo em sete ou oito partes, para formar outras tantas qualidades de laãs que se chamaõ natural, superfina, fina, baixa fina, meia fina &c.

Penteaõ-se todas estas laãs separadamente, de forte que as partes muito curtas para serem penteadas se cardaõ para a fabricaçãõ. A escolha da laã assim feita, a fazem successivamente subir ás outras operações, ainda que a fição seja hum dos objectos muito consideraveis de maõ d'obra, e do Commercio do seus Paiz, mandaõ a maior parte depois da penteadura, brancas ou tintas para a carapuçaria em Champanha, Pariz, Leaõ, e até Languedoc, mas muito pouca para as outras partes da Picardia: fornecem muitas em Santerra, onde a Fabrica das inferiores he muito espalhada, principalmente em Plessier.

Estas laãs penteadas se chamaõ sayetas no Paiz, nome que lhe vem do modo como he dobrada nos fardos, em fórma de rolha de palha.

Muitas vezes os Turquineses vendem por laã da Hollanda, aã laãs tiradas de Flandres, Barbante, Paizes-Baixos visinhos de Mosa, e dos contornos do Rhim, Artois, e mesmo da Picardia que misturaõ com as primeiras, e penteaõ juntas; entendem superiormente este genero de Commercio, em que tem feito fortunas consideraveis.

*Continuar-se-ha.*

## ARTIGO 2.º

## GEOGRAFIA.

*Do Globo Terrestre.*

**P**ara se achar a serie de todos elles , e a longitude , isto he a distancia ao primeiro Meridiano dos diferentes lugares da terra , se estabeleceo hum que he o primeiro , e do qual se principiaõ a contar todos os outros. O nosso passa pela Ilha Terceira Capital dos Açores : o dos Francezes por huma Ordenança de Luiz XIII. feita em 1634 , passa pela Ilha do Ferro , que he huma das Canarias. (1) Os Hespanhoes fazem passar o seu a Toledo : o dos Hollandezes finalmente passa pelo Pico de Tenerife , que he huma das mais altas montanhas do Mundo , e se acha em huma das Canarias do mesmo nome.

Quanto aos Astronomos , elles tomaõ ordinariamente o seu primeiro Meridiano , no lugar em que fazem suas observações. O Meridiano dos Globos , he hum grande Circulo , que passa pelos pólos do Globo Terrestre , e que corta o Horizonte ao Norte , e ao Sul. Chama-se o grande Meridiano , porque serve de Meridiano a todos os lugares da terra , fazendo voltar o Globo , e pondo cada lugar debaixo d'elle.

Depois de ter definido os diferentes Circulos do Globo , he a proposito tratar das Longitudes , e Latitudes ; que saõ de hum grande uso na Geografia. Examinaremos pois que saõ Longitudes , e Latitudes ; sobre quaes Circulos se conta seus grãos ou partes ; em fim qual he o comprimento destes grãos.

I.º

---

(1) Os Geografos Francezes se servem hoje mais ordinariamente do Meridiano que passa pelo Observatorio de Pariz.

1.º A Longitude de hum lugar, he a distancia que ha do primeiro Meridiano ao Meridiano desse lugar, ou de outra sorte o arco do parallelo comprehendido entre o primeiro Meridiano, e o Meridiano de hum lugar particular.

A Latitude de hum lugar he a distancia que ha deste ao Equador: he Septentrional ou Meridional. Póde-se definir inda a Latitude de hum lugar, o arco do Meridiano comprehendido entre o Equador, e esse lugar.

2.º Para comprehender sobre quaes Circulos os grãos de Longitude, e Latitude se contaõ, basta attender á segunda definiçaõ que acabamos de dar; porque a Longitude de hum lugar, por exemplo de Pariz, he o arco do parallelo comprehendido entre o primeiro Meridiano, e o Meridiano de Pariz, segue-se pois que os grãos de Longitude se contaõ sobre os Circulos parallelos. Do mesmo modo a Latitude de Pariz, sendo o arco do Meridiano comprehendido entre o Equador, e Pariz; os grãos de Latitude se contaõ sobre os Meridianos, isto he sobre Circulos maximos que passaõ pelos pólos.

3.º He facil de perceber pelo que temos dito, qual he o cumprimento dos grãos de Latitude, e Longitude. Os grãos de Latitude saõ todos iguaes, e tem cada hum 17 leguas e meia commuas de Portugal ou de Hespanha, ou vinte leguas marinhas. Os grãos de Longitude pelo contrario, não tem esta mesma extensaõ, senão debaixo do Equador; e desde este Circulo até os Pólos, se vaõ sempre diminuindo. Porque contando-se os grãos de Latitude sobre Circulos maximos que passaõ pelos pólos, e os grãos destes Circulos sendo todos iguaes, cada hum tem por conseguinte 17 leguas e meia. Os Circulos em que se contaõ os grãos de Longitude, pelo contrario sendo parallelos ao Equador, que corta o Globo em duas partes iguaes, diminue á proporçaõ que se vaõ afastando do Equador, e avisinhandose aos pólos; porque o Circulo que passa pelo centro da terra he maior que todos os outros que não passaõ;

saõ ; mas como todos os Circulos se dividem em 360 grãos , segue-se que á medida que os Circulos forem diminuindo , os grãos haõ de ser mais pequenos. Taes saõ os grãos de Longitude; mas sua diminuiçaõ não se percebe bem senaõ aos trinta grãos de Latitude, onde não chegaõ já a ter quinze leguas e meia ; aos 49 tem pouco mais de onze ; aos 61 menos de oito e meia ; aos 70 pouco mais de 5 e meia ; aos 80 menos de tres ; e aos 89 pouco mais de meio quarto de legua. Nos Globos e Mappa Mundos , se notaõ os grãos de Longitude sobre o Equador ; e os de Latitude sobre o grande Meridiano. Nas Costas particulares bem orientadas (2), as Longitudes saõ marcadas em cima, e em baixo ; e as Latitudes sobre os lados á direita, e á esquerda. Póde-se perguntar porque , o Globo sendo igual por toda a parte , se chamaõ huns grãos de Longitude , e outros de Latitude. A razãõ que ordinariamente se dá, he que os antigos conhecendo mais extensaõ de terra desde o Occidente até o Oriente, que do Norte ao Sul, tem chamado os primeiros, isto he aquelles que se contaõ do Occidente ao Oriente grãos de Longitude.

Ptolomeo, taõ famoso Astronomo, como habil Geografo., foi o primeiro que marcou sobre as Cartas estes grãos , e seguiu o modo de os contar em uso entre os Astronomos. Ora, elles contavaõ os grãos medindo o Ceo do Occidente ao Oriente, e contavaõ 360. A respeito do outro modo de medir o Ceo do Norte ao Sul, contavaõ os grãos sobre hum grande Meridiano, mas o dividiaõ em quatro partes iguaes de 90 grãos, dos quaes duas eraõ para o seu Hemisferio, que conheciaõ sómente: he o que nós chamamos Oriental. Ptolomeo applicou isto ao Globo, e contou os grãos de Longitude

---

(2) Nas Cartas que não saõ , como se disse , bem orientadas, o que hoje acontece raramente, suppre-se este defeito com huma Bussola, onde a flor de Liz indica o lado do Norte, e por conseguinte os outros tres pontos cardinaes.

de do Occidente ao Oriente , principiando pelas Canárias , lugar da terra que se olhava como o mais Occidental.

A respeito dos 79 grãos de Latitude, que se conhecia entã , contou 63 do Equador a Ilha entã chamada Thule, que muitos Authores julgavaõ fer a Zelândia, e os chamou grãos de Latitude Septentrional: quanto aos outros 16 que restavaõ , os chamou grãos de Latitude Austral, ou Meridional, e os contou tambem do Equador até ao Cabo chamado antigamente do Prasso, e que estava situado sobre a Costa Occidental da Africa, para o lugar onde he hoje Moçambique.

Os modernos tem seguido Ptolomeo, e os antigos: tem applicado a serie dos 180 grãos de Longitude, onde os antigos tinhaõ parado, sobre o novo Hemisferio ou a America, quando se descobrio, que ha mais de 300 annos; tem dividido tambem este Hemisferio em duas partes iguaes cada huma de 90 grãos. Motivo porque se conta hoje os grãos de Longitude do Occidente ao Oriente, e se contaõ 360, e as Latitudes se contaõ por quatro vezes 90 grãos do Equador até aos pólos.

*Continuar-se-ha.*

*Fim do 7.º Número.*



O NEGOCIANTE PERFEITO,  
 O U  
 JORNAL DE COMMERCIO,  
 E  
 DE GEOGRAFIA.

N. 8.º

ARTIGO 1.º  
 COMMERCIO.

*Manufacturas.*

**A**S laãs do Norte, e de Alemanha saõ muito variadas em qualidade. Principiaremos pelas de Brandeburgo.

Berlim no meio das areias das Marchas, he ao mesmo tempo o centro das melhores laãs que Alemanha produz. Esta qualidade se faz ainda observar, mas com alguma alteraçã, nos terrenos arenosos; do outro lado de Postdam caminhando para Brandeburgo hum pouco acima de Stetin, e mais perto ainda do lado de Lusacia, naõ tem este mesmo grão de fineza, de brandura que junto á firmeza, ao comprimento, e ao seu estado raso, e liso daõ huma fiaçã muito junta, qualidades todas maravilhosamente proprias a lustrar os estoffos no melhor ponto de perfeiçã. A exportaçã destas laãs he seriamente prohibida; com tudo sahe de tempos em tempos pelo Elba, que os Hollandezes trazem de Hamburgo, com outras muitas laãs de qualidades diferentes.

Brunswick, e Hanover tem laãs todos igualmente boas para o pentem, da natureza daquellas de Brandeburgo, e que se aproximaõ muito em qualidade.

As laãs das bellas , e vastas planicies da Alta Saxonia , vem depois das das Marchas , e servem a conservar as numerosas manufacturas do mesmo genero deste Paiz , e de Gottinga ; os Francezes tem tirado por espaço de alguns annos huma grande quantidade destas laãs ; e apezar de serem muito finas , saõ curtas , seccas , ruffas , e tem pouca consistencia ; he necessario que sejaõ misturadas , ou antes unidas em fio dobrado , e voltadas com a bella laã de Hollanda , ou de seda a fim que adquirem a resistencia necessaria para sustentar a fabricaçãõ de hum bom estoffo. Produzindo a Natureza grande quantidade , perdem tambem muito na penteadura , e ainda que no principio se comprem por hum baixo preço , sahem depois muito caras aos Fabricantes que dellas se servem , em consequencia do que temos dito.

Produz a Alemanha outras laãs , que saõ as do Palatinado , e contornos , e sahem por Strasburgo : as do Palatinado saõ as mais singulares , e melhores. Os Contornos de Uim , e o Paiz até do outro lado de Ausburgo fornecem tambem ; mas saõ geralmente misturadas de hum quarto , mais ou menos de lãã parda , ou negra.

Em geral as laãs de entre o Mosa , e o Rheno , e do outro lado deste ultimo rio a alguma distancia , e em subindo para a Suiffa , e de muitos Cantões de Alemanha , outros do que aquelles que temos dito , semelhaçaõ muito ás laãs de Picardia , todas sujeitas á penteadura , saõ igualmente comparaveis pelo modo de as curar , e pelo seu uso , e emprego na fabricaçãõ dos estoffos communs , e destinados a serem tintos , porque naõ tem nem brandura , nem fineza , nem brancura.

Ao Norte de Alemanha se achaõ laãs muito communs ; as do Ducado de Brema na Baixa Saxonia , saõ fortes , compridas , e grossas , brancas , pardas , ou negras , provem dos carneiros que se lavaõ antes da tosquia , e que se tosquiaõ duas vezes no anno , em Maio , e Outubro , as da primeira tosquia se chamaõ laãs do Inverno ; as da segunda laãs do Estio. *Continuar-se-ha.*

*Do Dinheiro.*

A palavra Dinheiro he nome generico de todas as Moedas, estas fabricaõ-se de oiro, de prata, e de cobre; mas como as de cobre saõ de pouca consideraçaõ no Commercio, trataremos por isso sõmente das de ouro, e de prata.

O Dinheiro considera-se como genero, ou como medida de todos os outros generos: contemplado como genero, elle tem como todos os outros hum valor que se chama intrinseco. Este consiste na estimaçaõ que se faz de hum genero relativamente a outro, e depende dos tres seguintes principios.

1.º Do maior, ou menor trabalho que ha em adquirir qualquer genero.

2.º Da sua maior, ou menor quantidade.

3.º Da sua maior, ou menor serventia.

Contemplado porém o Dinheiro como medida commum de todos os outros generos, elle tem dois valores: hum positivo, e outro relativo.

O valor positivo he o toque, pezo, e valor numerario das Moedas; e valor relativo he a compensaçã das Moedas de hum Paiz comparadas com as de outro. O Monarca he quem deve estabelecer o valor positivo das Moedas; mas o valor relativo dellas he dependente das circumstancias do Commercio. Ora he facil de ver que estas circumstancias saõ summamente variaveis, por tanto depende dellas o valor relativo das Moedas, este será por conseguinte tambem variavel.

Difsemos que o valor intrinseco dos generos dependia de tres principios, e como cada hum destes he variavel, segue-se que tambem o será o dito valor intrinseco. Este o motivo, porque quando se descobrio a America, o valor intrinseco do oiro, e da prata diminuiu, se bem que naõ foi em proporçaõ da maior quantidade

que appareceo destes dois metaes ; por quanto a grande abundancia que entaõ houve delles , concorreo para que se augmentasse tambem a sua ferventia.

Dos tres principios de que diffemos dependia o valor intrinseco dos generos no ouro , e na prata ; saõ sem dúvida menos variaveis o trabalho , e a ferventia ; pelo que sendo o valor intrinseco a maior , ou menor estimaçãõ que de hum genero se faz a respeito de outro , e dependendo delle nestes dois metaes da sua maior , ou menor quantidade , podemos dizer que o valor intrinseco de hum delles a respeito do outro consiste na sua quantidade , e qualidade ; ou no seu pezo , e no seu toque.

Isto supposto sendo o ouro , e a prata convertidos em Moedas , e sendo por conseguinte a medida commum dos outros generos , para esta de todos ser conhecida , era preciso que todas fossem feitas de ouro , e de prata pura , que todas tivessem os mesmos pezos , que fossem annunciadas pela denominaçãõ de seus pezos , e que em fim houvessem em todos os Paizes a mesma proporçãõ entre as Moedas de ouro , e as de prata ; porém ellas naõ só tem diversos , pezo , toque , e valor numerario ; mas até he diferente a proporçãõ entre as Moedas de ouro , e prata ; motivo porque se fez precisa a compensaçãõ das Moedas de hum Paiz com as de outro , da qual trataremos quando fallarmos no Cambio. (1)

Antigamente tomavaõ as Moedas o nome do seu pezo ; mas elle ao depois começou a diminuir-se sem que este abatimento causasse alguma mudança na sua denominaçãõ , donde resultou terem as Moedas dois valores hum intrinseco , e outro extrinseco , ou numerario.

He pois o valor intrinseco das Moedas , o seu pezo , e o seu toque ; e valor extrinseco he entaõ aquelle porque correm. O Monarca póde com effeito augmentar , ou diminuir o valor extrinseco das Moedas ; mas esta alteraçãõ ha de necessariamente influir no Commercio ,

---

(1) Já tratada no meu Tratado de Cambios.

cio, naõ nos negocios que se fizerem depois della, mas sim do que já antes estiverem ajustados: quanto porém ás Nações Estrangeiras, estas para naõ terem prejuizo igualmente alteraõ o preço do Cambio.

A alteraçãõ que dissemos houve nas Moedas, foi a causa de distinguirem Moedas imaginarias, e effectivas: chamaõ-se imaginarias aquellas Moedas que perdendo o seu permittivo pezo, conservaõ ainda a sua primeira denominaçãõ; e Moedas effectivas saõ entãõ aquellas que conservaõ ainda o seu pezo, e permittiva denominaçãõ. Conservaõ-se as Moedas imaginarias para facilidade das contas, e de hum certo número dellas compõem-se as effectivas.

Todas as Nações estabelecem entre o valor do ouro, e da prata huma certa compensaçãõ a que chamaõ par particular. Este deve ser pois determinado, conforme os outros povos observaõ entre estes dois metaes: porque se huma Naçaõ estabelecer o seu par particular determinado, que o arratel d'ouro valesse huma certa porçaõ de arrateis de prata, quando a Naçaõ vizinha tivesse determinado que ella valesse hum maior número de arrateis da dita; he bem manifesto que os Comerciantes da primeira Naçaõ antes quereriaõ ir á segunda trocar hum arratel de ouro, por hum maior número de arrateis de prata, que troca-lo na sua por outro menor, donde se vê que brevemente se extinguiria todo o ouro da primeira Naçaõ.

Está pois em Portugal estabelecido o par particular na razaõ de 1 a 16; porque tendo-se determinado que o marco de ouro do toque de 22 quilates valesse 96000 réis, e o de prata do toque de 11 dinheiros valesse 6000 réis, segue-se que poderemos ter a seguinte razaõ geometrica; conseguintemente 6:96 ou simplesmente 1:16. No mesmo Reino se avaliaõ em réis assim as mercadorias, como as Moedas correntes. Entende-se por Moeda corrente huma porçaõ de ouro, ou de prata, authorizada com a imagem do Monarca, com as armas, ou com outro qualquer signal de authoridade pública.

Deve haver muito cuidado em que as Moedas tenham entre si a mesma proporção, isto he, que duas Moedas de 3200 réis pezem exactamente huma de 6400 réis; pois que huma qualquer differença as fará preferíveis.

He pois o valor numerario das Moedas, o que ellas tem de ouro, ou de prata augmentado da senhoreagem, e brassagem. Senhoreagem são os direitos que se pagão aos Soberanos por mandarem lavar as Moedas, e brassagem he então a despeza que se faz para as lavar, esta he proporcionalmente maior nas Moedas de metal mais inferior. T. da N. G. do C. por A. M. R.

### *Dos Seguros.*

Este ramo de Commercio se dirige affiançar as operações de todos os outros sete, e consiste em tomar o Segurador sobre si o risco alheio que correm diversas coisas, debaixo de certas condições concordadas entre elle, e o Segurado. Segurador he aquelle que toma sobre si o risco por hum certo prémio; e Segurado he o que faz segurar o risco que elle corria. As condições do Seguro estipulaõ-se por huma Escriptura mercantil, que se chama Apolice de Seguro.

*Continuar-se-há.*

## ARTIGO 2.º

## GEOGRAFIA.

*Do Globo Terrestre.**Das divisões da terra formadas pelos Circulos do Globo.*

**O**S antigos, como os modernos, tem feito muitas divisões da terra, em consequencia dos Circulos imaginados sobre o Globo. Os Tropicos, e os Circulos Polares fórmaõ a primeira divisaõ da mesma, pelas Zonas, e sombras: Os Meridianos, ou Circulos de Latitude, produzem huma segunda com os Circulos paralelos.

*Primeira divisaõ da terra pelas Zonas, e Sombras.*

Como os Tropicos, e os dois Circulos Polares dividem o Ceo em cinco partes, dividem tambem a terra em cinco partes que se chamaõ Zonas, (que significa em grego bandas, ou cintas) a saber: huma torrida, ou ardente, duas temperadas, e duas frigidias, ou glaciaes. A Zona Torrida está comprehendida entre os dois Tropicos, e tem 47 grãos de largura, ou 822 legoas Portuguezas, contando  $17\frac{1}{2}$  por grão. Seus habitantes se chamaõ Amphiscios, porque tem a sombra voltada humas vezès para hum pólo, outras para o outro.

As duas Zonas Temperadas estão comprehendidas entre os Tropicos, e os Circulos Polares. Tem cada huma de largura 43 grãos, ou 752 legoas Portuguezas. Os Póvos, que as habitaõ, faõ chamados Heteroscios, porque tem sempre ao meiodia a sombra voltada para a mesma parte; huns para o pólo Artico, e os outros para o polo Antartico.

As Zonas Frigidias, ou Glaciaes se achaõ comprehendidas

hendidas entre os Circulos Polares , e os pólos. Tem cada huma de largura a metade do espaço da Zona Torrida , isto he 23 grãos e meio , e por consequencia 411 legoas. Os Póvos que a habitaõ , são chamados Periscios ; porque a sombra volta ao redor delles.

Dividem-se em tres classes. 1.<sup>a</sup> Aquelles que vivem debaixo dos pólos são Periscios o tempo de seis mezes. 2.<sup>a</sup> Os que habitaõ debaixo dos Circulos Polares , não o são mais do que hum dia. 3.<sup>a</sup> E os que se achaõ entre os pólos , e os Circulos Polares , são Periscios muitos mezes , segundo elles estaõ mais affastados , ou mais vizinhos dos pólos.

### *Segunda divisaõ da terra pelas Longitudes , e Latitudes.*

Como os Circulos Polares , e os Tropicos dividem a terra em cinco Zonas , e fórmaõ huma triplicada diversidade de sombras , póde-se dizer tambem que a differença das Longitudes , e Latitudes fórma huma triplicada differença entre os habitantes da terra. Os que tem a mesma Latitude no mesmo Hemisferio , e que differem 180 grãos em Longitude são chamados Periscios , isto he habitantes ao redor. Tem o mesmo clima , mas as horas oppostas. Para huns he meiodia , quando he para os outros meia noite.

Os Póvos que tem a Longitude , e Latitude igual , e não a mesma , por se acharem em diferentes Hemisferios , são chamados Antecos ; isto he habitantes oppostos ; porque tem as estações oppostas ; como succede aos que habitaõ na parte Septentrional a respeito dos que vivem na Meridional , sendo Inverno para huns , quando he Estio para outros.

*Continuar-se-ha.*

*Fim do 8.º Número.*

---

NA REGIA TYPOGRAFIA SILVIANA. 1816.

*Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.*



## O NEGOCIANTE PERFEITO,

O U

JORNAL DE COMMERCIO, E DE GEOGRAFIA.

N. 9.º

ARTIGO 1.º  
COMMERCIO.*Dos Seguros.*

**P**rémio de Seguro, he o preço que o Segurado paga ao Segurador a razão de hum tanto por cento, sobre a quantia segurada. Este preço depende do risco effectivo, o qual em tempo de paz, consiste na distancia das viagens, nas estações do anno, na construcção dos Navios &c.; e em tempo de guerra, consiste na proporção das forças navaes reciprocas dos Estados em guerra.

O risco effectivo produz dois effectos, o da perda total, e o da perda parcial, ou avarias, as quaes em algumas occasiões são mais frequentes.

Póde ser Segurador toda a pessoa, que pelas Leis do seu Paiz tiver idade de dispôr dos seus bens, não estando empregado no Tribunal dos Seguros. Os Judeos foram os que inventárao o negocio dos Seguros em 1182; mas na Europa começou a usar-se d'elle alguns seculos depois.

As essenciaes circumstancias de huma Apolice de Seguro são as oito seguintes:

1.ª O nome do Segurado com declaração se he o Seguro por sua conta, ou de outra pessoa.

2.ª As fazendas, Navios, e geralmente tudo quanto se segurar.

3.ª O nome do Capitaõ, e do Navio em que vaõ as fazendas que correm risco, o nome do porto em que elle se acha furto, e daquelle para onde faz viagem, o tempo em que começa a correr o dito risco, e quando acaba.

- 4.<sup>a</sup> Os riscos que o Segurador toma sobre si.
- 5.<sup>a</sup> O Prémio ajustado, e recebido.
- 6.<sup>a</sup> Quantos por cento pagará o Segurador ao Segurado no caso de perda, e quando deverá pagar a sua importância.

7.<sup>a</sup> A data da Apolice.

8.<sup>a</sup> E em fim todas as noticias que houverem a respeito do risco, ao tempo de se celebrar o contrato.

As coisas reaes que se costumão segurar, são as fazendas com valor determinado ou sem elle, ditas esperadas de fóra, Navios, e seus aparelhos, casas, e mercadorias contra o fogo, e dinheiro a risco: as imaginarias são seguros sobre a vida dos animaes, sobre lucros suppostos com valor determinado, ou sem elle, sobre a subida, ou baixa do preço de certas fazendas, &c.

Quando se segurar fazendas, o Segurado deve declarar ao Segurador, estas pelas suas marcas, números, e enfardamento, não sendo porém o Seguro feito debaixo da expressão geral de fazendas; de cuja maneira só se faz, quando o Seguro he por conta de diversas pessoas, e quando se esperaõ fazendas de fóra. Quando se segura debaixo da expressão geral de fazendas, o Segurado não deve encobrir ao Segurador circumstancia alguma, que mereça hum prémio maior que o commum.

As fazendas que não devem comprehender-se nesta expressão, não são as mesmas em todos os Paizes. Em Portugal exceptuaõ-se todos os liquidos, trigos, frutas &c. sobre os quaes os Seguradores só pagaõ as avarias grossas ou geraes; o peixe, assucar, tabaco, linho canhamo, sobre os quaes se pagaõ as avarias ordinarias, quando estas não excedem dez por cento.

Quando hum Segurador fallir de crédito, deve logo o Segurado fazer hum novo Seguro, e para a cobrança do prémio que tinha pago ao primeiro Segurador, deve entrar no rateio dos bens deste; ainda que a Ordenação de Hamburgo determina que elle o receba por inteiro dos ditos bens; e a de Stokolmo, ordena que o Segurado, fique perdendo logo que não prove que ao tempo de celebrar-se o contrato o Segurador já era fallido.

Nes-

Neste caso para se pagarem as perdas que acontecerem em Seguro, sabendo-se da perda antes da fallencia, deve o Segurado entrar no rateio dos bens do fallido, mas sabendo-se da fallencia primeiro que da perda, e por consequencia o Segurado póde ter feito novo Seguro, parece que elle não deve neste caso, entrar no dito rateio.

Tendo o Segurador fiado do Segurado o prémio do Seguro, e fallido este de crédito, aquelle tem huma hypotheca nas fazendas seguradas para o inteiro pagamento do prémio, no caso dellas se acharem ainda a bordo; porque de outra forte deve o Segurador entrar em rateio nos bens do fallido, ainda que parece que o Segurador deveria cobrar por inteiro o prémio do Seguro, huma vez que elle he obrigado no caso de perda, a pagar aos crédores do fallido a importancia deste.

Em quasi todas as partes da Europa, se tem determinado que o risco dos Seguradores principie desde quando a fazenda embarca para conduzir-se a bordo, até que desembarca no porto do seu destino.

Os riscos que os Seguradores costumão ordinariamente tomar sobre si, são os do mar, fogos, prezas, represalias &c., e finalmente o risco da rebeldia do Capitaõ, e dos Marinheiros, que as Apolices de Portugal, e Hespanha renunciaõ, se bem que as de todas as mais partes as incluãõ.

Os Seguros não são válidos, quando se desconfia, que no tempo de celebrar-se o contrato, o Segurado sabia já da perda do Navio; pelo que as Ordenações de algumas terras, tendo regulado certo espaço de caminho por hora, determinaõ que o Seguro seja invalido quando na conformidade da mesma regulaçaõ, for possível ter o Segurado noticia do lugar aonde aconteceu a perda.

No caso de perda, os Seguradores perguntaõ ao Segurado se fez algum outro Seguro, e quanto segurou em outras partes; pedem o protesto jurado pelo Mestre do Navio, e principaes Marinheiros, que deve ser feito na presença de hum Consul, ou Tabelliaõ no primeiro porto aonde o Navio arribar; pedem tambem os conheci-

mentos assignados pelo dito Mestre para provar o interesse das fazendas, e havendo suspeita pedem os despachos das Alfandegas, e igualmente pedem as facturas originaes das fazendas, e todas as mais provas justificativas, que necessarias forem; além do juramento do Segurado que algumas vezes tambem exigem. Finalmente tendo feito o Seguro, sobre o casco do Navio, elles pedem de ordinario a Escriptura de venda, e o registo das Alfandegas para conhecerem os Donos dos Navios.

Pela palavra Re-seguro, entende-se hum qualquer Seguro que se faz de novo. Elles são tão licitos como os Seguros, e produzem hum ramo lucrativo de Comercio; por quanto muitos Seguradores tendo segurado por hum certo prémio huma quantia, a fazem segurar depois por outro Segurador, e por hum prémio menor, vindo a ter de lucro a differença dos prémios, e ficando livres do risco que corriaõ.

Quando a perda que acontecer for total, já se vê que os Seguradores ficaõ obrigados ao pagamento da quantia segurada; assim como tambem quando a perda he parcial; recebendo porém neste caso os generos que se salvarem, que se chamaõ geralmente salvamento.

Mas elles pagaõ tão sómente 98 por cento da quantia segurada; pelo que os Segurados para poderem receber liquidamente o valor das fazendas sem perderem o prémio, e os 2 por cento de abatimento, seguraõ huma quantia maior que o dito valor.

Isto posto, para conhecer a quantia que se deve segurar dispõe-se a seguinte proporçaõ: cem menos os tantos por cento de prémio, e abatimento para cem, assim como a quantia que se quer receber, para a que se deve segurar. Para se deduzir pois esta proporçaõ representando por ( $a$ ) a quantia que se quer receber, e seja ( $x$ ) a que deve segurar-se, suppondo a 10 por cento o prémio, e o abatimento a 2 por cento, a analogia será

$$100 - 12 : 100 :: a : x.$$

E com effeito sendo ( $x$ ) a quantia que se deve segurar, para saberemos quanto importa o prémio delle a

10 por cento, armaremos a seguinte proporção  $100:10::x:$   
 $\frac{10x}{100}$ , e semelhantemente para conhecermos quanto im-  
 porta o abatimento a 2 por cento da mesma quantia,  
 disporemos esta analogia  $100:2::x:\frac{2x}{100}$ , logo sendo (*a*)  
 a quantia que liquidamente se quer receber, segue-se  
 que teremos  $x - \frac{10x + 2x}{100} = a$ , donde resultará ser  
 $100x - (10 + 2)x = 100a$ , e por consequencia tere-  
 mos  $x = \frac{100a}{100 - (10 + 2)}$ , de cuja equação deduzindo huma  
 analogia em que (*x*) fique em 4.º termo, teremos preci-  
 samente  $100 - (10 + 2):100::a:x$ , ou tambem  $100 -$   
 $12:100::a:x$ , que he a proporção que tinhamos des-  
 cripto.

Conhecida a quantia que se deve segurar para a com-  
 provar, iremos por meio de duas proporções buscar o  
 prémio, e o abatimento, e conhecendo estes, os subtra-  
 hiremos da dita quantia segura, a qual será a verdadeira,  
 se o resto for a quantia que se quer receber. T. da N.  
 G. do C. por A. M. R.

## A R T I G O 2.º

### GEOGRAFIA.

#### *Do Globo Terrestre.*

**O**S Antipodas, que são os que se achão diametral-  
 mente oppostos, tem Latitudes iguaes; mas huma Sep-  
 tentrional, e outro Meridional, e differem em Longitu-  
 de 180 grãos. Conformaõ-se com os Periecos em Longi-  
 tude, e com os Antecos no ponto de Latitude; mas es-  
 tes Antipodas tem tudo opposto entre si, estações, dias,  
 e horas.

*Dos Climas, e outras coisas que respeitaõ ao Globo Terrestre.*

Dividiremos isto em tres paragrafos: o primeiro tratará dos Climas: o segundo, das differentes operações que se podem fazer sobre o Globo: o terceiro dos principaes pontos que dividem o Horizonte.

§. I. *Dos Climas.*

O nome de Clima vem de huma palavra grega, que significa pender, inclinar (1).

Hum Clima he hum espaço de terra comprehendido entre dois parallellos, no fim do qual os maiores dias tem meia hora de mais, ou hum mez do que tem no seu principio.

Para entender esta deffinição, he necessario observar que debaixo do Equador os maiores dias, não tem mais do que 12 horas, e que á medida que se avança para os Circulos Polares, os dias se augmentaõ meia hora por Clima. Nos Circulos Polares os maiores dias são de 24 horas, e desde estes Circulos se augmentaõ, não meia hora, mas hum mez inteiro por Clima até os pólos, onde o dia he de seis mezes, sem comprehender o crepúsculo, e a aurora.

Deve-se conhecer pelo que acabamos de dizer, a razão desta distincão dos Climas de horas, e dos Climas de mezes. Ha vinte e quatro Climas de horas, ou antes de meias horas, desde o Equador até cada hum dos Circulos Polares, e seis de mezes, desde cada hum destes Circulos até ao pólo. São sessenta ao todo; trinta desde o Equador até ao pólo Artico, e outros tantos desde o mesmo Equador ao até ao pólo Antartico. Notaõ-se sobre hum dos lados do grande Meridiano da Esphera.

He facil de perceber, porque se contaõ vinte e quatro Climas de horas, desde o Equador até aos Circulos Polares, e seis de mezes desde estes Circulos até aos pólos; com tanto que se attenda, que sendo os mais longos dias debaixo do Equador de 17 horas, e de 24 debaixo dos Cir-

(1) Póde-se aqui observar, que a maior parte das palavras que respeitaõ ás Sciencias, vem da lingua dos antigos Gregos; porque foram os nossos primeiros Mestres.

culos Polares, a differença he entaõ de 24 meias horas, que formaõ vinte e quatro Climas; o espaço que ha entre o Equador, e os Circulos Polares, estando dividido pelos parallelos em 24 partes. Dos Circulos Polares, onde os dias saõ de 24 horas aos pólos, onde o dia he de seis mezes, alli deve haver seis Climas, porque se divide o espaço que ha entre estes Circulos, e os pólos, em seis partes pelos parallelos, para fazer ver que os maiores dias alli saõ mais longos de hum mez no fim, que no princípio de cada Clima, ou de cada huma das seis divisões formadas pelos parallelos.

Póde admirar h'uma coisa que parece effectivamente singular; a saber: que os Climas de horas vaõ sempre estreitando para os Circulos Polares, e que os de mezes, ao contrario, vaõ sempre alargando para os mesmos. Com effecto desde o Equador até 59 grãos, e 14 minutos, ha doze Climas; e desde este mesmo até aos Circulos Polares que saõ aos 66 grãos, e 30 minutos, ha tambem doze Climas. Será facil de ver quanto os Climas de mezes vaõ-se alargando, se se considerar que desde 66 grãos, e 30 minutos, onde principia o 1.º Clima do mez, até 73 grãos, e 20 minutos, ha tres Climas de mezes, e desde estes grãos até 90, onde he o pólo, naõ ha mais quetres Climas. Esta differença, taõ sensivel entre os Climas de horas, e os Climas de mezes, procede, quanto aos primeiros de obliquidade do Tropico sobre o Horizonte, e quanto aos segundos da progressaõ do Sol na Eclitica.

1. A razaõ pela qual os Climas de horas vaõ sempre estreitando, he como acabamos de dizer, da obliquidade do Tropico, causada pela elevaçã do pólo; porque, mais o pólo está levantado, mais a parte do Tropico visinho he obliqua, e grande sobre o Horizonte. Ora, os Tropicos determinando o maior dia dos Climas, o dia he tanto maior, como a parte do Tropico levantada sobre o Horizonte he maior, e que o pólo está tambem mais levantado; e como acontece que quanto mais nos aproximamos dos Circulos Polares, mais a parte do Tropico levantada sobre o Horizonte he maior, como tambem a elevaçã do pólo: segue-se disto, que quan-

quanto mais avançarmos para os **Circulos Polares**, mais o espaço de terra deve diminuir em largura, para fazer a differença de meia hora no maior dia.

2. Para explicar como a progressão do Sol na Eclitica, he a causa, que os Climas de mezes vão sempre alargando-se, he necessario observar que o Tropico he para os Climas de mezes, o meio do seu maior dia. A razãõ, he que o Tropico estando todo em cima do Horizonte, o Sol deve fazer hum certo número de revoluções sobre o plano da Eclitica, desde o grãõ da mesma cortado pelo Horizonte, para subir até ao Tropico; deve fazer depois o mesmo número de revoluções em descendo na Eclitica, desde o Tropico até outro grãõ da mesma, cortado pelo mesmo plano do Horizonte. Tomemos por exemplo o terceiro Clima de mez. O Sol faz 45 revoluções em subindo, e outras tantas em descendo; o que faz 90 revoluções, ou tres mezes de contínuo dia. O Tropico sendo pois o meio do maior dia para estes Climas, segue-se que a medida da progressão do Sol na Eclitica, he a medida dos Climas de mezes. Se reflectirmos de mais que o Sol declina mais sensivelmente para o Equador que para os Tropicos, se conhecerá a razãõ pela qual os ultimos Climas de mezes devem ter mais largura que os primeiros, á proporção da progressão do Sol na Eclitica pela relação a cada hum destes ultimos Climas, e da que tem aos lugares da mesma, onde a declinação do Sol he mais sensivel. Com effeito, 2 grãos, e 59 minutos de declinação para o Tropico, contém hum arco de 60 grãos da Eclitica, o que faz dois Climas. He necessario depois 8 grãos, e 50 minutos de Latitude para augmentar este arco de 60 grãos, e fazer ainda dois Climas, e em fim 11 grãos, e 40 minutos para crescer este arco, e fazer os dois ultimos Climas.

*Continuar-se-ha.*

*Fim do 9.º Número.*

---

NA REGIA TYPOGRAFIA SILVIANA. 1816.

*Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.*



O NEGOCIANTE PERFEITO,  
 O U  
 JORNAL DE COMMERCIO,  
 E  
 DE GEOGRAFIA.

N. 10.º

ARTIGO 1.º  
 COMMERCIO.

*Das Avarias.*

**A**Varia não he só o damno que acontece a qualquer mercadoria no tempo da viagem para o seu transporte, mas tambem o prejuizo que no mesmo tempo experimenta o Navio, e os gastos extraordinarios que se fazem com elle. Dividem-se as avarias em tres differentes classes, a saber: miudas, ordinarias, ou particulares, e grossas, ou geraes.

Avarias miudas são todos os gastos, e direitos que os Navios pagão nos pórtos; e são as que se comprehendem nas palavras capa e avaria, que vão nas Cartas de affertamento, para cujo pagamento se estipulaõ huns tantos por cento além do frete; advertindo-se porém que affertando-se o Navio por inteiro, costumão o Remetente pagar duas terças partes dos ditos gastos, e o Dono do Navio a outra terça parte; e sendo affertado por differentes pessoas, nos conhecimentos se estipulaõ huns tantos por cento de capa, e avaria.

São avarias ordinarias, ou particulates: os damnos, e perdas que acontecem a hum Navio, ou algumas merca-

cadorias. Ellas recahem sómente sobre o que padeece o damno; e, são por conta do Navio, todas as que procederem de motivos que o Capitão, e a Equipagem poderem evitar; mas as que procederem do proprio vicio das mercadorias, ou de outros motivos de que o Capitão não seja culpado, são por conta dos Donos dellas; e como também as originadas pela agua do mar, que entrar no Navio, pela cuberta, ou por outra qualquer parte, são igualmente por conta do dito Dono em todos os Estados da Europa, excepto porém Portugal, e Castella, nas navegações para as suas Colonias, em que são por conta do Dono do Navio.

Finalmente as avarias grossas, ou geraes: são os gastos extraordinarios que se fazem com o Navio, e os prejuizos que elle, e a sua carga padecem para evitar a perda total, ou parcial; advértindo-se porém, que para gastos, e prejuizos se poderem ter por avaria grossa, he preciso que se consiga salvar com effeito o Navio, e o resto da sua carga.

O alijamento que nestes casos se executa para esse fim, deve ser feito com o parecer dos Officiaes da Equipagem, tendo o Escrivão do Navio cuidado de fazer no seu livro, huma declaração exacta de tudo quanto se lançar ao mar. E o Capitão logo que chegar ao porto do seu destino, deve fazer com a sua Equipagem huma justificação authentica dos motivos que teve para fazer o dito alijamento.

Ainda que ha alguma diversidade no methodo de pagar as avarias grossas, com tudo em Lisboa, he estylo pagarem-se por huma contribuição proporcional da fazenda, do Navio pelo seu inteiro valor, e de metade da importancia do frete delle. He na mesma Praça também estylo, avaliarem-se as fazendas alijadas, e salvas pela importancia total do custo, e gastos que constar das facturas feitas na terra do Remetente. Supposto isto, calculada assim a importancia total da perda, e avaliada quantia que deve contribuir ao seu pagamento; para saber quanto toca na dita perda a cada huma das

par-

partes , que constituem a referida contribuiçãõ se disporã a seguinte analogia. A contribuiçãõ he para a perda total, como cada huma das quantias que contribuem he para a parte que na dita perda lhe corresponde ; cujas partes sommadas deverãõ prefazer a mesma perda.

E na verdade sendo a contribuiçãõ total a somma das quantidades que contribuem quanto ao Navio, e seu frete, e quanto ás fazendas , he claro que representando (*n*) a contribuiçãõ do Navio, (*m*) a do frete, e significando (*f*) a das fazendas ; a quantia total que contribue será (*n + m + f*), logo sendo (*p*) a perda total, teremos as seguintes proporções , a saber :

$$n + m + f : p :: n : x$$

$$n + m + f : p :: m : y$$

$$n + m + f : p :: f : z$$

Calculando os 4.<sup>os</sup> termos resultará

$$x = \frac{p \times n}{n + m + f}$$

$$y = \frac{p \times m}{n + m + f}$$

$$z = \frac{p \times f}{n + m + f}$$

Ora a somma destes 4.<sup>os</sup> termos ha de ser (*p*), logo

$$p = \frac{p \times n + p \times m + p \times f}{n + m + f}$$

E com effeito passando em o segundo membro desta equaçãõ para fóra o factor commum, teremos

$$p = \frac{p(n + m + f)}{n + m + f}$$

E por consequencia simplificando resultará  $p = p$ , aonde se próva ser a somma dos ditos 4.<sup>os</sup> termos, como se pertendia demonstrar, a referida perda total.

Se quizeſſemos ſaber a quantos por cento ſahia a dita perda, diſporiamos a ſeguinte proporção: a contribuição he para a perda, como cem para o 4.º termo, que ſerá a perda correſpondente a cem; donde ſe deduz que cem eſtá para a ſua perda na meſma ração da contribuição para a perda total, e como, neſta meſma ração, cada huma das partes da contribuição para a perda que lhes correſponde; ſegue-ſe pois que nas taes proporções acima, poderemos ſubſtituir em lugar da primeira ração, a de cem para a ſua perda, e os 4.ºs termos das novas proporções, ſerão a parte da perda correſpondente a cada huma das quantias que contribue. Se nos conhecimentos ſe não fizer menção de algumas fazendas que ſe acharem no Navio, ellas não obſtante iſſo, ſempre contribuirão para o pagamento da perda; e pelo contrario no caſo de ſe perderem, não ſerão pagas pela referida contribuição; porque ſe conſiderão como motivo da perda, ou pelo menos que para ella concorrerão, por iſſo meſmo que mais carregaõ o Navio. Acontece porém o contrario a respeito das munições de boca, e de guerra, por quanto eſtas ſalvando-ſe tem o privilegio de não contribuirem para o pagamento da perda, e perdendo-ſe ſão pagas pela contribuição.

Os damnos que reſultaõ aos Navios, pelo encontro de outros, reputaõ-ſe como avaria ordinaria, e no caſo de ſerem culpados os Capitães, e ſuas Equipagens, devem ſer pagos metade pelo Navio que o tiver cauſado, e a outra metade para o que o tiver recebido; mas ſendo culpado alguns dos Capitães, ou a ſua reſpectiva Equipagem, deve eſte pagar todo o damno ao Navio que o tiver recebido; em Inglaterra porém todo o prejuizo fica ſendo por conta do Navio que o recebe.

T. da N. G. do C.

## ARTIGO 2.º

## GEOGRAFIA.

*Do Globo Terrestre.*§. II. *Das diferentes operações que se podem fazer sobre o Globo.*

1. **L**EVANTAR o Globo horizontalmente para hum lugar como Pariz. He necessario elevar o pólo Artico sobre o Horizonte, se o lugar he no Hemisferio Septentrional como Pariz: elevar o pólo Antartico se o lugar he no Meridional; depois achar a Latitude desta Cidade, que he de 48 grãos, e 50 minutos; elevar o pólo a a hum igual número de grãos, metter a Cidade debaixo do grande Meridiano. A razão porque se eleva o pólo a hum número de grãos igual á Latitude de hum lugar, he que a elevaçã do pólo he sempre igual á Latitude; porque do Zenith ao Horizonte ha 90 grãos, e do pólo ao Equador tambem 90 grãos; destas duas distancias iguaes, tirando a mesma distancia do pólo ao Zenith, restará de huma parte a altura do pólo, e da outra a Latitude ou a distancia do Zenith ao Equador, e estes dois restos seraõ necessariamente iguaes.

Esta operaçã mostrará a altura meridiana do Sol aos Equinocios, e solsticios, e mesmo para cada dia do anno. Com-efeito quando se tem levantado o Globo horizontalmente por hum lugar como Pariz, onde ha 49 grãos de distancia entre o pólo, e o Horizonte, como outra tanta em Latitude, entre o Equador, e o Zenith: ora do Zenith ao Horizonte, de qualquer parte que se considerar, naõ ha mais que 90 grãos; se destes 90 grãos tirarmos os 49, restaõ 41, que exprimem a altura do Equador sobre o Horizonte, e por consequencia a altura do

do Sol aos Equinócios, que não he outra coisa, senão o resto da altura do pólo até aos 90 grãos.

Se se ajuntar á do Equador 23 grãos e meio de declinação, e de maior elevação para o pólo Artico, teremos 64 grãos e meio de elevação do Sol ao Meiodia no Solsticio do Estio. E se se tirar da mesma altura do Equador 23 grãos e meio, teremos 17 grãos e meio para o Solsticio do Inverno. A respeito dos outros dias, he necessario achar na Eclitica o lugar do Sol, hum dia proposto: levar este grão debaixo do Meridiano, e ver entã quanto o Sol declina do Equador, ou desta parte para o nosso pólo, ou da outra para o outro. Se ajuntarmos depois desta operação, pela relação aos Signos Septentrionaes, a declinação á altura do Equador, teremos a altura do Sol ao Meiodia para este dia. Se a tirarmos quando o Sol está nos Signos Meridionaes, teremos a mesma para hum dia diferente.

2. Achar a Longitude, e a Latitude de hum lugar como Pariz. Volta-se o Globo até que esta Cidade fique debaixo do grande Meridiano; o número de grãos que se contarem desde o Equador até ao ponto do Meridiano, que corresponder directamente a este lugar mostrará sua Latitude. O grão do Equador que estiver debaixo do grande Meridiano determinará sua Longitude.

3. Achar o lugar do Sol, em hum dia proposto, por exemplo a 18 do mez de Agosto. Procure-se este dia sobre o Horizonte, e se achará aos 25 grãos de Leão no Circulo dos Signos: busque-se depois este mesmo grão no Zodiaco do Globo, que será o lugar do Sol a 18 de Agosto, isto he que o Sol está no grão do Zodiaco Celeste, que corresponde áquelle do Zodiaco Terrestre.

4. Conhecer o nascer, e o pôr do Sol em hum dia proposto; por exemplo a 15 de Maio em Pariz. Levante-se o pólo 48 grãos, e 50 minutos, que he a altura de Pariz: busque-se o lugar do Sol no dia 15 de Maio, que he nos 24 grãos do Tauro; metta-se este lugar debaixo do grande Meridiano, e Agulha Boreal sobre o

Meio-

Meiodia ; depois faça-se voltar o Globo para o Oriente, até que o quartovigesimo gráo do Tauro toque o Horizonte: faça-se o mesmo da parte do Occidente; note-se a hora sobre o Quadrante horario, e achar-se-ha, que nasce ás 4 horas e meia, e se põe ás 7 e meia.

5. Achar o Clima de hora, de hum lugar propolto, isto he o seu maior dia.

Depois de conhecer a Latitude de hum lugar, por exemplo de Pariz, levante-tê outros tantos gráos o pólo Artico, se o lugar he na parte Septentrional, ou o pólo Antartico se for na Meridional; ponha-se o primeiro gráo de Cancer debaixo do grande Meridiano pela parte Septentrional, e o primeiro gráo de Capricornio pela Meridional: ponha-se tambem a Agulha do Quadrante sobre o Meiodia, e faça-se voltar o Globo alternativamente para o Oriente, e para o Occidente, até que o primeiro gráo de Cancer, ou de Capricornio toque o Horizonte; observe-se depois a hora sobre o Circulo horario; e este Circulo indicará a que hora nasce, e se põe o Sol no maior dia: donde será facil saber o Clima.

Para comprehender como o nascer, e o pôr do Sol nos maiores dias, indicaõ o Clima em todos os lugares entre o Equador, e os Circulos Polares, he necessario observar que o sobejo de 12 horas faz conhecer o Clima para todos estes lugares; por exemplo, o maior dia em Pariz he de 16 horas, por consequencia 4 horas ou 8 meias horas de mais, que no Equador. Pariz he entãõ no oitavo Clima.

6. Achar o Clima de mez de hum lugar. Este lugar só pôde ser entre os Circulos Polares, e os pólos.

He necessario para isto elevar o pólo do lugar, voltar depois o Globo para o Oriente, e notar quaes são os Signos do Zodiaco, que cortaõ o Horizonte ao Norte pela parte Septentrional, e ao Sul pela Meridional; depois contar quantos Signos ha até ao Tropico, ou de Cancer, ou de Capricornio: dobrando estes Signos teremos o Clima.

Tomemos, por exemplo, hum lugar em 78 grãos de Latitude Septentrional. Elevo o pólo este número de grãos; volto depois o Globo até que os Signos do Zodiaco venhão cortar o Horizonte ao Norte, sendo o lugar na parte Septentrional. Observe que estes Signos são o primeiro grão do Tauro, e da Virgem. Ha dois Signos até ao primeiro grão de Cancer; a saber o Tauro, e Geminis: dobro estes Signos, o Sol estando dois mezes a subir até ao primeiro grão de Cancer, e outros dois a descer até ao primeiro grão da Virgem; pois hum lugar em 78 grãos de Latitude Septentrional, he no fim do quarto Clima de mez. Esta operação he fundada sobre este principio, que o Tropico he o meio do maior dia dos Climas de mezes.

*Continuar-se-ha.*

*Fim do 10.º Número.*

---

NA REGIA TYPOGRAFIA SILVIANA. 1816.

*Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.*



O NEGOCIANTE PERFEITO,  
 O U  
 JORNAL DE COMMERCIO,  
 E  
 DE GEOGRAFIA.

N. II.º

ARTIGO I.º  
 COMMERCIO.

*Dos Bancos.*

A palavra Banco, quer dizer Caixas públicas, ás quaes os Negociantes, e Banqueiros remetem os fundos. Estas Caixas são em geral destinadas a dar as facilidades, e crédito ao Commercio, em multiplicando, ou supprindo o signal monetairio.

Ha muitas sortes de Bancos, proprios a austerar a circulaçãõ.

- 1.º Os Bancos de circulaçãõ por Bilhetes.
- 2.º Os Bancos de circulaçãõ por cessaõ de partes.
- 3.º Os Bancos do emprestimo.

Os primeiros são os que entregãõ os titulos das dividas activas, sobre os mefimos titulos que se chamaõ algumas vezes açções, porque daõ hum direito sobre o deposito.

Os segundos são os que sem entregar nenhum titulo de divida activa, passaõ ao crédito do depositario a somma que tem desposto.

Os terceiros são chamados Monte-Pio, quando naõ são instituidos para tomar de outra parte hum interesse compensador; e lombardos quando o são a titulo lucrativo.

O meu objecto não he de tratar aqui da theorica do que se chama Banco ; esta materia pertence á Economia Politica, e theoria do Commercio, e unicamente a organizaçãõ, e os regulamentos dos principaes Bancos da Europa.

*Banco de Amsterdaõ.*

O Banco de Amsterdaõ, he de circulaçãõ por cessaõ de partes.

Foi instituido em 1609 : como nenhum Author, tem dado hum melhor conhecimento deste estabelecimento que Smith, vou a referir a sabia e profunda digressãõ que fez a este respeito nas suas indagações sobre a Natureza, e as causas das Riquezas das Nações.

» A totalidade das especies correntes de hum grande Estado, tal como a França, ou Inglaterra, se compõe quasi inteiramente da sua propria moeda ; e se acontece que estas especies sejaõ usadas, cerceadas, ou descahidas por qualquer meio do seu valor primitivo, o Estado por huma refôrma na sua moeda, póde-as restabelecer effectivamente ; mas as especies correntes de hum corrente Estado, tal como Genova, e Hamburgo, não podem formar-se inteiramente da sua moeda particular. A parte mais forte se compõe das moedas dos Estados com as quaes os habitantes conservaõ hum Commercio contínuo ; em reformando tambem sua moeda, não he sempre o senhor de reformar suas especies. Se para pagar as Letras de Cambio Estrangeiras, se serve de suas especies, cujo valor já taõ incerto pela natureza da moeda, se faz ainda mais pela diminuicãõ que obra a pouca concorrência ; e não he evidente que o Cambio será sempre mais desfavoravel a este Estado, pois que em todos os casos, o Estrangeiro os estimará necessariamente acima meõmo do seu valor?

Para impedir o inconveniente que este cambio desvantajoso arriscará os Negociantes, os pequenos Estados, do momento que começãõ a occupar-se do interesse do Commercio, estabelecẽãõ muitas vezes, que as Letras de

de Cambio Estrangeiras de hum certo valor , seriaõ pagas, naõ em especies correntes , mas por huma ordem , ou por hum transporte sobre os livros do Banco segurada do crédito do governo , assentada debaixo da sua protecção , e sempre obrigada de pagar em bom , e verdadeiro dinheiro do Paiz. Taes parecem ter sido os motivos que tem originariamente conselhado o estabelecimento dos Bancos de Veneza , de Genova , de Amsterdaõ , de Hamburgo , e de Naremburg , ainda que tenhaõ feito servir depois , alguns destes Bancos a outros usos. Como a sua moeda he melhor que as especies correntes do Paiz , ellas tem dado lugar a hum agio que he maior ou menor , segundo como as especies correntes saõ pollegada mais ou menos inferiores ao titulo reconhecido pelo Estado. Assim o agio do Banco de Hamburgo , que se tem dito ser commummente , perto de 14 por cento , estabeleceo a differença que se suppõe entre a moeda ao bom titulo do Estado , e as especies correntes cerceadas , usadas , e diminutas que versaõ os Estados visinhos. Antes de 1609 , a grande quantidade de moedas estrangeiras , usadas , e cerceadas , que o grande Commereio de Amsterdaõ trouxe de todas as partes da Europa a esta Cidade , reduzio o valor destas especies correntes perto de 9 por cento , acima do valor da boa moeda novamente fabricada ; logo que esta apparecia se fundia , e consumia-se , como tem feito sempre em igual circumstancia. Os Negociantes com huma abundancia de especies correntes , naõ tinhaõ sempre a possibilidade de achar huma quantidade sufficiente de boa moeda para pagar as Letras de Cambio , de sorte que o valor destas Letras se faz incerto em grande parte , a pezar de diversos regulamentos imaginados , para prevenir esta incerteza. »

(*Continuação do Artigo 1.º do N.º 8.º*)

## MANUFACTURAS.

Quando a tosquia se acaba , separaõ-se os vélos de diferentes cores ; os escolhem , e os põem por maços em

fórma de rolhas, dos quaes se fazem os fardos do pezo de quinhentas a seiscentas libras; entaõ daõ a estas laãs o nome de pelo.

Caminhando mais longe, achamos em Dinamarca muito boas laãs, e superiores ás de Allemanha, mesino pela brancura, fineza, e brandura; aproximaõ-se muito ás boas laãs de Hollanda; mas tem menos força, consistencia, e resistem menos ao trabalho, além disto supportaõ muita perda na escolha, e antes de sahir da do pentem com toda a belleza de que saõ susceptiveis, perdem ainda muito.

Os Fabricantes raros de Dinamarca, onde as laãs do Paiz se empregãõ com successo, tem obrigado o governo a prohibir a extracçaõ, mas sahem em contrabando, e as trazem os Hollandezes que as misturaõ com as suas, ou por via de Altona (1), sobre o Elba, perto de Hamburgo, donde as transportaõ a Brema, Cidade franca imperial. As dos cordeiros em grande, porque os rebanhos saõ abundantes em Dinamarca, onde de huma parte, as pastagens muito proximas daquellas da Hollanda, da outra o regimen a este respeito, que como em Suecia, he em parte adoptado, tem muito influido sobre a qualidade das laãs; as dos cordeiros, saõ conhecidas por seu ufo na chapeleiria, onde saõ com effeito muito proprias, se vendem em Allemanha, Suiza, França, e em outras partes debaixo de differentes nomes, e particularmente debaixo daquelle de cordeirinhos de Hamburgo.

Geralmente, menos compridas que as de Dinamarca, as laãs de Suecia saõ quasi taõ finas, e macias; menos as que sahem. Os Suecos as fazem passar a Copenhague, Lubeck, e outras partes sobre o Baltico; mas se vendem todas debaixo do nome de laãs de Dinamarca, á excepçaõ das que os Hollandezes misturaõ com as suas, e que vendem sempre todas por laãs de Hollanda. A Silezia produz boas laãs, mas saõ pouco proprias para fabricar, e saõ muito estimadas em outras partes; e não tira de que se consumaõ todas na Fabrica do Paiz. *Continuar-se-á.*

A R-

---

(1) Cidade Livre, pertencente ao Rei de Dinamarca.

## ARTIGO 2.º

## GEOGRAFIA.

*Do Globo Terrestre.*

7. **A** Char o dia em que o Sol passa perpendicularmente sobre hum lugar. Advertindo que este lugar deve ser na Zona Torrida. E suppondo por exemplo Goa, que esta se acha aos 16 grãos de Latitude Septentrional. Ponha se esta Cidade debaixo do grande Meridiano: observe se no mesmo Meridiano a Latitude desta Cidade; depois volte-se o Globo, e note-se que grãos do Zodiaco passãõ sobre esta Latitude, que neste caso serãõ dois, a saber: o terceiro do Tauro, e o decimo oitavo de Leaõ: logo, quando o Sol se achar no terceiro grão de Tauro, que he a 3 de Maio, e no decimo oitavo de Leaõ, que he a 11 de Agosto, será perpendicular a Goa.

8. Conhecer a hora que he em hum lugar, quando he meiodia em outro; por exemplo, que hora he em Vienna, quando he meiodia em Pariz. Meta-se Pariz debaixo do grande Meridiano, e a agulha horaria sobre o meiodia; volte-se depois o Globo para o Occidente, até que Vienna fique debaixo do grande Meridiano: e a agulha mostrará huma hora depois do Meiodia. A razão he, porque Vienna está ao Oriente huma hora, ou 15 grãos.

9. Conhecer que hora he em qualquer dos lugares da terra, a huma hora proposta, em hum lugar; por exemplo, oito horas da manhã em Pariz. Faça-se a mesma operaçãõ que na proposiçãõ precedente, pois esta he huma consequencia: observando com tudo de voltar o Globo para o Oriente, ou para o Occidente, segundo a situaçãõ dos differentes lugares; de sorte que no exemplo precedente, Vienna estando mais Oriental que Pariz, foi necessario voltar o Globo para o Occidente, para ficar aquella Cidade debaixo do grande Meridiano:

Se tratamos ao contrario de huma Cidade mais Occidental que Pariz, como Lisboa, será necessario voltar o Globo para o Oriente.

Destas duas proposições bem entendidas, resulta a demonstração de alguns problemas, que á primeira vista parecem paradoxos; por exemplo, que póde haver huma semana com tres quintas feiras: que de dois gêmeos, que morrerão no mesmo dia, e á mesma hora viveo hum dois dias mais do que o outro. Huma terceira consequencia destas duas proposições, que não encerra difficuldade alguma, he que a todos os momentos, em todos os diferentes lugares da terra, se cantaõ louvores a Deos, e se lhe offerce o Santo Sacrificio. A respeito dos dois primeiros problemas, que parecem mais difficeis a resolver, não haverá muito trabalho a perceber a solução se attendermos que depende de huma supposição, a saber: que dois viajantes partindo ambos do mesmo lugar, hum para o Oriente, e outro para o Occidente, o primeiro avançou, por consequencia, hum dia inteiro fazendo o giro á roda do Mundo, e o segundo atrazou-se hum dia inteiro; o que aconteceu aos dois gêmeos que devemos suppôr terem feito o giro do Mundo viajando.

10. Achar ao Antipodas de hum lugar, por exemplo de Pariz. Abaixese o Globo até que Pariz toque o Horizonte no ponto do Sul, ou do Norte; e o ponto opposto indicará os Antipodas. Outro modo mais ábbreviado de achar os Antipodas de hum lugar, he procurar hum lugar distante 180 grãos de Lóngitude, e que tenha a mesma Latitude, mas no Hemisferio opposto.

### §. III. *Dos principaes pontos que dividem o Horizonte.*

A necessidade que se acha nos detalhes Geograficos, de se servir a cada instante dos nomes dos principaes pontos que dividem o Horizonte, para melhor determinar o lugar que as Cidades, e as Provincias occupaõ, pela relação

ção aquellas que lhe são vizinhas ; e das quaes trataremos , nos obriga de expôr aqui sua denominação.

Entre estes diferentes pontos , ha dezefeis principaes , e que tem dado seus nomes aos principaes ventos , tanto sobre o Oceano , ou o mar que rodeia toda a terra , como sobre o Mediterraneo , mar particular , que he entre a Europa , a Africa , e a Asia. Logo daremos o nome daquelles que estão em uso sobre o Oceano , como mais intelligiveis , e os unicos de que nos servirmos na continuação desta Obra.

1. Os quatro principaes pontos , chamados de outra forte ferdinaes ( ou principaes ) , são 1.º o Oriente , ou o Este , que fica á direita de huma pessoa que olha para o Globo , ou Carta Geografica , feita regularmente , ou bem orientada ; 2.º o Meiodia , ou o Sul , na parte mais baixa do Globo ou da Carta ; 3.º o Occidente , ou o Oeste , á esquerda ; 4.º o Septentrião ou Norte , em cima na parte mais alta.

2. Os quatro segundos pontos , que separam igualmente cada hum dos quatro primeiros , são : 1.º o Sueste ; 2.º o Sudueste ; 3.º o Noroeste ; 4.º o Nordeste.

3. Finalmente os oito menores que se achão cada hum entre dois dos oito primeiros , são : 1.º Es-Sueste ; 2.º Su-Sueste ; 3.º Su-Sudoeste ; 4.º Oes-Sudoeste ; 5.º Oes-Noroeste ; 6.º Nor-Nordeste ; 7.º Nor-Noroeste ; 8.º Es-Noroeste. Estes nomes procedem das linguas das Nações Germanicas , ou Allemães , e julga-se que Carlos Magno foi seu Author.

Parece não ser necessario estendermos-nos mais sobre os pontos que dividem o Horizonte , ou sobre os ventos ; e quem se quizer instruir perfeitamente , recorra ao Horizonte das Espheras , dos novos Globos , onde todos são notados exactamente.

Ajuntaremos sómente os nomes que se dão aos quatro principaes ventos , sobre o mar Mediterraneo : ao Este chamaõ Levante ; ao Meiodia Astro ; ao Oeste , Poente ; e ao Norte , Tranmontana.

Para notar facilmente sobre o Globo Terrestre a si-

ruação dos lugares por relação aos quatro pontos cardinaes, he necessario observar que o Equador, e os circulos que lhe são parallellos, mostram precisamente todos os lugares que são Orientaes, e Occidentaes relativamente huns aos outros, e que os Meridianos fazem conhecer aquelles que são Septentrionaes, ou Meridionaes huns a respeito dos outros. Assim todos os lugares situados debaixo do Equador, ou sobre cada hum dos circulos que lhe são parallellos, são Orientaes, ou Occidentaes entre si, e os que estão situados debaixo do mesmo Meridiano, são Septentrionaes, ou Meridionaes respectivamente. Mas todos os outros lugares que não são assim ficados, declinão mais, ou menos destes quatro pontos cardinaes; e por isto he muito util attender-se a considerar estas differentes situações respectivas dos differentes lugares das quatro partes do Mundo; e he o melhor meio de fazer progressos no estudo da Geografia.

*Fim do 11.º Número.*

---

NA REGIA TYPOGRAFIA SILVIANA. 1816.  
*Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.*



O NEGOCIANTE PERFEITO,  
 O U  
 JORNAL DE COMMERCIO,  
 E  
 DE GEOGRAFIA.

N. 12.º

ARTIGO 1.º  
 COMMERCIO.

*Do Cambio.*

**A** Palavra Cambio, significa propriamente troca, ou permutaçã: dividi-se em duas partes, que são Cambio por miudo, e Cambio real. Cambio por miudo he a troca, que em hum mesmo Paiz se faz de huma especie de moeda por outra. Cambio real he a cessaõ que hum Commerciantes faz a outro dos cabedaes, que possuem em Paizes Estrangeiros, por meio de hum preço convencionado entre ambos.

E esta cessaõ se divide em duas partes, das quaes huma he a mesma cessaõ, e a outra o preço della. A cessaõ executa-se por hum contrato mercantil chamado letra de Cambio. Esta he a ordem, que hum Commerciantes passa a outro, para que pague a quem lhe apresentar a importancia nella referida. O preço da dita cessaõ, que se chama tambem preço do Cambio, he aquelle pelo qual se compra a letra. Elle divide-se em duas partes, a primeira he o seu par real, e a segunda o seu curso. Par real no Cambio, he a perfeita igualdade da moeda de huma Praça comparada com a de outra, pezo por pezo, e to-

M

que

que portoque. Curso do preço do Cambio, he a differença que ha entre o par real deste com o preço corrente. É a perfeita igualdade do curso do preço do Cambio de diversas Praças he o que se chama par politico, ou preço arbitrado do Cambio.

Antes de considerarmos o Cambio nas suas diversas partes, notaremos que o dinheiro se chama raro em hum Paiz relativamente a outro, quando no primeiro Paiz ha mais Crédores que Devedores; por quanto havendo em Portugal a respeito de Inglaterra mais Crédores, que Devedores, haverá tambem quem venda letras saccadas sobre Inglaterra, do que quem as compre, e por isso os Compradores dando mil réis quererão receber hum maior número de *DE* (1). Reciprocamente o dinheiro he abundante em hum Paiz a respeito do outro, quando no primeiro houver mais Devedores, que Crédores; por então haverá mais quem compre Letras, do que quem as venda, e por tanto no caso figurado, os Compradores recebendo mil réis, quereraõ dar hum número menor de *DE*. He porém de advertir, que quando se diz, que o dinheiro he raro em hum Paiz a respeito de outro, não deve entender-se que delle ha huma pequena quantidade nesse Paiz, mas sim que está destinada huma pequena porção delle para o pagamento do outro Paiz.

Para formar hum idéa mais exacta do Cambio, trataremos delle considerando-o como trespassso, e examinaremos então a sua origem, natureza, objecto, e effeito; e ponderando-o como preço do dito trespassso; investigaremos a origem do seu par, e do seu curso, e a propriedade deste curso, e ultimamente o Commercio que delle resulta.

Facilitado o Commercio entre os homens, com a invenção da moeda, esta de tal maneira se augmentou com a Navegação, que veio a fazer-se summamente difficuloso, e não menos arriscado o transporte dos metaes de hums Paiz.

---

(1) Expriane dinheiros esterlinos.

Paizes para outros; com o fim pois de evitar o risco que havia no dito transporte, he que se inventáraõ as Letras de Cambio, que valem tanto como os proprios metaes que representaõ. Mas he evidente, que para estas Letras ter lugar, he preciso que hajaõ dividas reciprocas entre as Cidades que se correspondem, por quanto se huma Nação devesse a outra huma certa quantia de dinheiro, e essa outra nada devesse á primeira, entaõ seria indispensavelmente necessario transportar metaes para o pagamento da dita divida.

Deste discurso se conclue, que a origem das Letras de Cambio, saõ as dividas reciprocas, que ha entre as Cidades que se correspondem, que a sua natureza consiste na troca destas dividas, ou devedores dellas: que o seu objecto se dirige a evitar o risco, e despeza que haveria no transporte dos metaes, cujos gattos recahiriaõ sempre sobre os Devedores, e finalmente o seu effeito he o mesmo que os dos metaes por ellas significados.

Para semelhantemente examinarmos a origem do preço do Cambio, notaremos que as mudanças que dissemos tenhaõ acontecido nas moedas, naõ foraõ as mesmas em todos os Paizes, além de que nestes, os metaes naõ saõ os mesmos, os pezos saõ differentes, e em fim tambem diversifica a denominação das moedas, cujos motivos todos, assim como tambem o risco, e despeza que costuma haver no transporte dos metaes, foraõ os que causáraõ a origem do preço do Cambio; porque se o valor, toque, pezo, e denominação das moedas fosse o mesmo em todos os Paizes, e se no Commercio se naõ attendesse ao risco, e despezas do dito transporte, naõ seria entaõ preciso haver preço de Cambio.

Como as circunstancias acima ponderadas, fizeraõ diversificar as moedas dos differentes Paizes Comerciantes, por isso mesmo he necessario descobrir methodo de conhecer a perfeita igualdade, ou par real do Cambio entre ellas. He pois preciso se conhecer este, saber o pezo, toque, e valor imaginario de cada moeda, como

tambem a exacta correspondencia dos pezos, que servem para pezar os metaes nos dois Paizes, entre os quaes se deseja descobrir o par real.

Este porém he alterado por diversas circumstancias, que saõ a origem do curso do preço do Cambio, e se reduzem a duas causas geraes: primeira a falta de crédito de huma Nação: segunda a abundancia, ou a raridade das dividas activas dessa Nação, cuja abundancia, ou raridade provêm das dividas contrahidas pelo Estado, e pelos particulares.

*Continuar-se-ha.*

---

A pezar de não querer neste Jornal tratar deste importante ramo de Commercio, visto já o ter tratado na minha applicação sobre esta lição, ou Tratado de Cambios; (primeiro fructo da minha litteratura) o faço (omitindo as classes) tal qual se acha, pelas instancias, e rogos que sobre isto tive.

## ARTIGO 2.º

## GEOGRAFIA.

*Descripção geral da Terra.*

**A** Palavra Geografia, vem do Grego, e significa, como se tem já dito, descripção da Terra, que se entende este grande Globo composto de terra, e agua, que se chama o Globo Terrestre.

A Corografia, he a descripção de hum Paiz, ou de huma Provincia, por exemplo a Normandia.

A Topografia, he a descripção de hum lugar particular, como de huma Cidade, ou de hum dominio.

A Hidografia, he a descripção da agua, ou dos mares; por exemplo, do Oceano, do Mediterraneo, &c., das costas, ou margens das terras.

Como se póde representar a terra, ou toda, ou em parte, disto procede a differença das Cartas Geograficas, que se podem com tudo reduzir a duas especies, a saber: as Cartas geraes, e as particulares. Na classe das primeiras se encerraõ não sómente o Mappa-Mundo, ou o Planisferio, que representa todo o Globo Terrestre em duas superficies, como planas, e communmente cortadas pelo primeiro Meridiano; mas ainda as Cartas, onde se tem descrito as grandes partes do Globo, como a Europa, Asia, Africa; e America; e tambem os mesmos Reinos, por exemplo a França, &c. As Cartas particulares representaõ hum Paiz particular, como hum Provincia de qualquer Estado.

Nada ha mais proprio, para dar huma idéa geral, de terra, como hum Globo, porque tem a mesma figura; mas como seria impossivel de fazer hum taõ grandes para representar por miudo tudo o que he conveniente saber das differentes partes da terra, he necessario recor-

rer

rer às Cartas geraes , e particulares. Deve-se considerar os ultimos sobre tudo , como partes desligadas do Globo.

A Geografia , como as outras sciencias , tem certos termos , que lhe são proprios , e que he a proposito de explicar ; tem huns que respeitaõ á terra , e outros á agua. Os que respeitaõ á terra são os seguintes :

**Continente** , ou Terra firme. He huma grande parte da terra , que comprehende muitas Regiões , que não separadas pelos mares. A Europa , neste sentido , he hum Continente.

**Ilha** , he huma porçaõ de terra , que he inteiramente rodeada de mar.

**Peninsula** , quasi Ilha , ou antigamente Chersoneso , he huma porçaõ de terra quasi cercada de agua , e pega com o Continente , por huma lingua de terra.

**Isthmo** , he huma lingua de terra , ou porçaõ encerrada entre dois mares , e que une hum Continente , ou huma Peninsula á Terra firme.

**Passo** , he huma passagem estreita entre montanhas.

**Cabo** , he huma porçaõ de terra que sahe sobre o mar , e se levanta como huma montanha ; he o que os antigos chamavaõ Promontorio. Chama-se ponta se tem pouca elevaçãõ.

**Dunas** , são as pequenas Collinas de arêa , sobre a borda do mar , ou as margens do mar elevadas , que impedem que não se estenda sobre as Costas. Chama-se tambem , algumas vezes , Dunas aos rochedos escarpados.

**Rochedos** , são as alturas escarpadas sobre a borda do mar.

Eis-aqui em poucas palayras a deffiniçaõ dos principaes termos , que respeitaõ á agua.

**Archipelago** , he a parte do mar , onde ha muitas Ilhas.

**Golfo** , he hum braço de mar , que se estende muito pela terra dentro ; os maiores tem o nome de mar.

A **Bahia** , não differe do Golfo , senão porque he  
mui-

muito menor, e mais estreita na entrada que para dentro. Muitas vezes os povos do Norte os confundem, ou não os distinguem.

Enfada, he huma pequena entrada, que o mar faz na terra; lugar proprio para ancorar, e onde os Navios estão ao abrigo do vento.

Seccos, Altos, Fundos, Bancos de arêa, são os lugares do mar onde ha pouca agua.

Estreito, he huma parte do mar, que se acha entre duas terras; lago, he huma extenção de agua no meio da terra, e que nunca se secca.

Rio, he huma nascente de agua que corre sempre, até entrar em outro rio, ou mar. Se he consideravel o que entra no mar, tem o nome de rio; algumas vezes se chama tambem ribeira.

Confluo, ou Confluencia, he o lugar onde hum rio se junta com outro.

Boca, Foz, ou embocadura de hum rio, he o lugar onde deixa de continuar o seu curso, para entrar em algum lago, rio, ou mar.

Chama-se a direita, ou esquerda de hum rio o lado da sua nascente, que he a direita ou esquerda de qualquer pessoa que descendo a vê correr diante de si; assim em Pariz, Luvre he á direita do Sena, e o Collegio de Mazarino á esquerda.

As medidas que usão para exprimir as distancias, não são as mesmas em toda a parte.

1. Em França, Hespanha, Suecia, Dinamarca, e Suissa se conta por legoas.

2. Em Italia, Allemanha, Hungria, Polonia, Inglaterra, e Hollanda, conta-se por milhas.

Mas as milhas, e as legoas empregadas pelos habitantes destes diferentes Paizes, não são as mesmas.

A legoa commua de França era 2739 passos geometricos; o passo geometrico era de cinco pés, que cada hum tinha 12 pollegadas.

As novas medidas itinerarias, adoptadas em França tem

tem por base o metro que tem tres pés, 11296 linhas, e que he a decima millionesima parte do quarto do Meridiano. O hylómetro, ou milha tem 1000 metros, ou 513 toezas, 5 pollegadas, 3936 linhas. O myriametro, ou legoa tem 10000 metros, ou 5130 toezas, 4 pés, 5560 linhas.

A legoa de Hespanha, he 3428 passos geometricos.

A de Dinamarca, Suecia, e Suissa he 5000 passos.

Assim a legoa de França era a mais pequena, as do Norte são quasi o dobro.

A milha de Hungria he de 6000 passos geometricos.

A milha de Allemanha he commummente de 4000 passos.

A de Hollanda he perto de 3500.

A de Polonia he de 3000.

A de Inglaterra de 2250.

A de Escocia; e Irlanda de 1500.

Em fim a de Italia he de 1000 passos geometricos.

Será facil de reduzir deste modo de contar por milhas, em legoas; basta para isto observar que 3000 fazião huma legoa completa de França.

*Continuar-se-ha.*

*Fim do 12.º Número.*

1911



O NEGOCIANTE PERFEITO,  
 O U  
 JORNAL DE COMMERCIO,  
 E  
 DE GEOGRAFIA.

N. 13.º

A R T I G O 1.º  
 C O M M E R C I O.

*Do Cambio.*

**S**endo objecto do Cambio evitar os transportes dos metaes, por causa do risco, e despezas, he certo, que cada devedor quererá antes achar no seu Paiz Crédores, que o seja do Paiz a que elle devedor, do que transportar metaes; pois que irá comprando aos ditos Crédores Letras, e estas serã entã caras, ou baratas, conforme for a rari-  
 dade, ou abundancia do dinheiro no dito Paiz. Donde se segue, que a propriedade do curso do preço do Cambio, consiste em saber por meio d'elle, conhecido o par real, a qual das duas Nações propostas se inclina a Balança do Commercio, razão porque M. Deitot lhe chama tremometro. He de advertir, que a subida do curso do preço do Cambio entre duas Praças, nunca excederá as despezas que se faziaõ no transporte dos metaes, pois que neste caso se faria preferivel transportar os metaes a compra-los; quando se falla genericamente de Cambios, entende-se pela subida o prejuizo, e pela baixa a conveniencia; a incerteza que temos pois notado no curso do preço do Cambio produz dois effeitos: primeiro fazer con-

tínuamente o seu par real : segundo causar em razão dessa mesma incerteza , hum Commercio de dinheiro por meio de Letras de Cambio. Do primeiro effeito se segue , que entre duas Nações huma estabelece hum preço certo , que chamaõ unidade de Cambio , e a outra propõe para compensaõ hum preço incerto pela dita unidade. Dando hum Paiz a unidade do Cambio ao outro , o Cambio alto indica a ventagem , e o baixo o prejuizo para o Paiz que dá o preço della.

Quanto ao segundo effeito , o Commercio de dinheiro que diffemos se fazia por meio de Letras de Cambio , não consiste em outra coisa mais , que em aproveitar-se de todas as desigualdades favoraveis que offerecer o curso do preço do Cambio entre diversas Praças , para que os Comerciantes que se applicaõ a este ramo de Commercio ponderem com toda attençaõ as mudanças , que acontecem no dito curso combinando-as entre si , examinando a causa dellas , para deduzirem o methodo de poderem girar com maior lucro as suas Letras.

Este Commercio chama-se de Arbitrios de Cambios , porque elle he em parte dependente de arbitrio de quem o executa , por isso mesmo que resulta de combinações que podem diversificar ao infinito. Denomina-se tambem giro de Cambios , o que he muito diverso de circulaçaõ de Cambios , pela qual se entende no Commercio , huma negociaçaõ prejudicial , que só fazem Negociautes alcançados.

Chamaõ-se Banqueiros os Comerciantes que se applicaõ a este ramo de Commercio , e a Praça aonde elles existem , denomina-se Praça propria.

O methodo que segue a pratica deste Commercio consiste em faccar , e remetter Letras de Cambio de huns Paizes para outros , com objecto de conseguir lucro na desigualdade dos preços correntes dos Cambios.

He certo que se os Cambios estivessem em huma perfeita igualdade , os arbitrios não deixariaõ lucro algum , antes as despezas que costuma haver nestes , causaria prejuizo aos Banqueiros : muitas vezes tambem o lucro des-

res arbitrios, he menor que o juro do dinheiro, nestes casos se faz preferivel pôr o dinheiro a vencer o respectivo juro.

Ainda que temos dito que as combinações de Cambio diversificaõ ao infinito, com tudo ellas na sua formalidade se podem reduzir a cinco differentes classes, ou casos geraes, que successivamente iremos explicando, a fim de conseguirmos explicar os methodos que se observaõ na pratica deste ramo de Commercio, que he sem dúvida; o mais scientifico de todos os outros sete, e o que tem maior connexão com as operações politicas dos Estados. T. da N. G. C. por A. M. R.

---

Com este número acabo tres mezes de assignatura; e em consequencia de ter mui poucos Assignantes, me resolvo a não continua-lo, e isto se póde dizer no principio de hum Jornal, que nunca teve a Nação; a pèzar, no ramo de Manufacturas, tratar algumas coisas, já ditas no interessantissimo Jornal de Instrucção, e Recreio, publicado ha tempos, e que ignorava. Assim os Senhores Assignantes, que assignáraõ por seis mezes, nas lojas onde fizerãõ suas assignaturas, receberãõ metade do feu importe, isto he metade de 1200 réis moeda papel, cujo desconto se fará pelo Cambio actual, ou como bem lhe parecer. O Público perdoará os meus erros, que são desculpaveis, em razãõ de principiar a escrever para huma Nação tão sabia, em tão juvenil idade, como 21 annos, que he presentemente a que tenho; permittindo-me licença que acabe com estes dois ultimos versos, do maior Orador, Filosofo, e Poeta do nosso Seculo:

*Em que pagando o feudo á morte irada,  
Minha alma volva a Deos, meu corpo ao nada.*

Mac. Gam. Cant. 10.

## ARTIGO 2.º

## GEOGRAFIA.

*Descripção geral da Terra.**Divisão geral do Globo Terrestre.*

**D**ivide-se o Globo Terrestre em duas partes, a Terra, e o Mar.

*Da Terra.*

A Terra contém o Mundo antigo, e o novo.

I. O Mundo antigo, ou conhecido dos antigos Gregos, e Romanos comprehende hum Continente, e Illhas.

O Continente contém a Europa, Asia, e Africa.

Os antigos não conheciaõ estas grandes partes na sua grandeza, ou completamente.

1. A Europa, tal qual he presentemente se divide em quatorze partes: — Tres ao Norte; 1. A Dinamarca, com a Noruega; 2. A Suecia; 3. A Russia; ou Moscovia: — Sete no meio; 4. A França, 5. A Italia, 6. Os Estados da Confederação do Rheno, 7. As Provincias Illirianas, 8. A Suissa, 9. A Allemanha, 10. A Prussia: — Quatro para o Meiodia, 11. Portugal, 12. A Hespanha, 13. O Reino de Napoles, 14. A Turquia Europeia.

2. A Asia comprehende seis partes: — do Occidente ao Oriente, 1. A Turquia Asiatica; 2. A Arabia, 3. A Persia, 4. A India, 5. A China, 6. (ao Norte) A grande Tartaria.

3. A Africa se divide em dez partes: — Tres ao Norte, 1. O Egypto, 2. A Barbaria, 3. O Sahara, ou Deserto: — Quatro no meio; 4. A Guiné. 5. A Nigricia; 6. A Nubia, 7. A Abissinia: — Tres ao Meiodia, 8. O Congo, 9. A Cafraria pura, que se estende até ao

Ca-

Cabo da Boa-Esperança, 10. A Cafraria misturada, ou Oriental, que comprehende as Costas do Zanguebar, e de Ajan.

As Ilhas se dividem em Ilhas de Europa, Asia, e Africa; se achão no Oceano, mar Baltico, e Mediterraneo.

As Ilhas da Europa, no Oceano, são: 1. A Gram-Bretanha, 2. A Irlanda, 3. A Islandia.

As do mar Baltico, ao menos as principaes são: Zelandia, Fionia, Gathlandia, Ofel &c.

As Ilhas mais consideraveis da Europa no Mediterraneo, do Occidente ao Oriente, são: 1. Majorca, 2. Minorca, 3. A Corsega, 4. A Sardanha, 5. A Sicilia, 6. Malta, 7. Corfú, 8. Candia, 9. As Ilhas do Archipelago.

As principaes Ilhas da Asia são, no Mediterraneo: 1. Chipre, 2. Rhodes, &c.; no Oceano, ou mar das Indias, 3. As Maldivas, 4. Ceilaõ, 5. Sumatra, Java, Borneo, chamadas as Ilhas do Sonda; 6. As Malucas, 7. As Philipinas, 8. A Ilha Formosa, 9. Licoukeou, 10. As Ilhas do Japaõ, 11. As Mariannas, 12. As Ilhas do Kamschatka, 13. As Ilhas do mar Pacifico.

As principaes Ilhas da Africa são, ao Occidente: 1. Madeira, 2. As Canarias, 3. As Ilhas de Cabo Verde, 4. S. Thomaz, 5. Santa Helena, &c.; 6. Ao Oriente Madagascar, 7. A Ilha de Bourbon, e a Ilha de França.

II. O Mundo novo encerra hum Continente, e Ilhas.

O Continente se divide em America Septentrional, e em America Meridional:

A America Septentrional póde dividir-se em seis partes; a saber: 1. A Nova França, que comprehendia o Canadá, cedida aos Inglezes em 1763, e a Luisiana pertencente ao presente aos Estados Unidos; 2. As antigas possessões Inglezas, hoje os Estados Unidos, ao Meiodia, e ao Norte do Canadá; 3. O Mexico ou Nova Hespanha, 4. O Novo Mexico; 5. A California; 6. As novas descobertas ao Oeste do Canadá.

Divide-se a America Meridional em oito grandes Paizes: 1. A Terra Firme, 2. O Perú, 3. O Chili, 4.

O Paiz do Rio das Amazonas, 5. A Guianá, 6. O Brazil, 7. O Paraguay, 8. A Terra Magellanica.

As principaes Ilhas da America, são: 1. Os Açores, 2. Terra Nova, perto da qual he o grande banco, onde se pesca o badejo; 3. As Lucayas, 4. As Antilhas.

III. O Mundo que se chamava algumas vezes desconhecido, ou donde sómente se conhecia algumas costas, he situado para o pólo Artico, e para o Antartico.

As Terras, e Ilhas para o pólo Artico, são: O Spitzberg, a Nova Zemble, &c.

As terras e Ilhas para o pólo Antartico, são: A terra da Circumcisaõ, a de Gonnevilla, a Nova Zelanda, a Terra do Fogo, Ilha, ou Montaõ de Ilhas que estão separadas da America Meridional pelo Estreito de Magalhães, &c. Póde entrar nesta classe de terras pouco conhecidas, a Nova Guiné, a Nova Hollanda, &c. de que sómente se conheciaõ algumas costas.

Ha mais de 30 annos, que se suppunha geralmente que existia ao Sul do Globo, hum vasto Continente, ao qual se dava o nome de Continente Austral. O immortal Cook tem destruido, na sua segunda viagem, esta supposiçaõ ideal, e tem pelo menos demonstrado, que se este Continente existe, he debaixo dos gelos immensos do pólo Antartico. A Nova Hollanda, por sua extençaõ, tem feito julgar a alguns Authores, que podia formar huma quinta divisaõ do Globo; mas muito grande para huma Ilha, muito pequena para hum Continente, parece que se deve aggrega-la á Asia. Assim he muito provavel que a divisaõ antiga, e vulgar do Mundo em quatro partes subsistirá.

Destas quatro partes, a Asia he a mais povoada. Só se podem fazer calculos approximativos; mas suppõe-se que contém 500,000,000 habitantes, se se admite a exacçaõ do ultimo numeramento da China, que leva a povoação deste Imperio a 330,000,000. A povoação da Africa póde ser de 300,000,000; a da America de 200,000,000; a de Europa de 150,000,000; e da Nova Hollanda, e

das

das Ilhas do mar Pacifico 5000000. Outros avaliaõ a população de toda a terra em 9000000000.

### *Do Mar.*

Não se póde duvidar, depois das ultimas descobertas, que agua não cobre mais de dois terços do Globo. Estas aguas debaixo do nome de Oceanos, de mares, de lagos, de rios, são contidos em espaços mais ou menos grandes.

O mar se divide em mar exterior, isto he, que rodeia o Continente; e mares interiores, isto he, que se achão encerrados no Continente.

O mar exterior do nosso Continente tem quatro nomes diferentes, segundo os quatro pontos cardinaes do Mundo.

1. Oceano Septentrional, ou Glacial.
2. Oceano Oriental, ou Indico.
3. Oceano Meridional, ou Ethiopico.
4. Oceano Occidental, ou Atlantico.

O Mar exterior do outro Continente conserva o nome geral de mar, e tem dois nomes diferentes.

1. Mar do Norte, que banha a parte Oriental da America.
2. Mar do Sul, ou mar Pacifico, que he entre a America, e a Asia. He ao Occidente da America. Occupa quasi metade do Globo, desde as Costas Orientaes da Nova Hollanda, até á margem Occidental da America.

Os mares interiores do nosso Continente, são começando pelo Norte da Europa.

1. O mar Baltico.
2. O mar Branco, ou Golfo da Ruffia, ao Nordeste da Europa.
3. O mar Mediterraneo, cuja a parte que se avança nas terras d'Asia, se chama mar do Levante.

Os quatro seguintes communicão com o mar Mediterraneo, e são em huma extensão.

4. O Archipelago, que se chama tambem mar Branco, que he mais famoso que o da Ruffia.

5. O mar de Mamora, chamado antigamente o Propontide.

6. O mar Negro, antigamente o Ponto Euxino.

7. O mar de Zabache, ou mar de Azoph, antigamente a Lagoa Meotida, que emboca no mar Negro.

8. O mar Caspio, que he no meio das terras da Asia, e ao Norte da Persia.

9. O Golfo Persico, entre a Arabia, e a Persia.

10. O mar Vermelho, ou Golfo Arabico, entre a Asia, e a Africa.

Póde-se ainda considerar como mares interiores da Asia:

1. O mar Aral, perto de 185 milhas ao Oriente do mar Caspio, que tem 170 milhas de comprimento, e 60 de largura.

2. O mar Baikal, na Siberia que tem 300 milhas de comprimento, e 30 de largura.

3. O Golfo de Bengala.

4. O Golfo de Nankim.

Os mares interiores do novo Continente, são:

1. O mar Vermelho, perto de California.

2. O mar Christiano, ou Bahía de Hudson.

3. A Bahía de Baffin. Estes dois estão ao Norte da America Septentrional.

4. O Golfo de S. Lourenço, junto da Ilha da Terra Nova.

5. O Golfo do Mexico, entre a America Septentrional, e a Meridional.

*Fim do 13.º Número.*

---

NA REGIA TYPOGRAFIA SILVIANA. 1816.

*Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.*



SUPPLEMENTO EXTRAORDINARIO

A O



N.º I.º



D O

NEGOCIANTE PERFEITO,

O U

JORNAL DE COMMERCIO,

E DE

G E O G R A F I A ,

JUROS COMPOSTOS.

A U T H O R

RICARDO GOMES ROZADO MOREIRA FROES.

D A D O A ² L U Z

PELO REDACTOR, E EDITOR

D O

JORNAL DE COMMERCIO , E DE GEOGRAFIA.

---

L I S B O A . A N N O 1816.

---

NA NOVA IMPRESSÃO DA VIUVA NEVES E FILHOS.

---

*Com licença da Meza do Desembargo do Paço.*



**H**A muito que desejava publicar o que passo a tratar. O que se offerece agora como Supplemento Extraordinario ao N.º 1.º do meu Semanario Commercial , e Geografo ; a pezar de se achar já impresso no segundo Tomo das Materias do segundo Curso da Aula do Commercio , o que bastante me admirou , tanto pela incompatibilidade , como em não declarar a quem se deve. Forte impostura ! Já Editores se chamão Authores. Assim obtendo licença do seu Author , o Senhor Ricardo Gomes Rozado Moreira Fróes , Primeiro Lente da dita Aula do Commercio para o imprimir , o incluí neste Supplemento , muito necessario aos Estudantes do primeiro anno dá mesma Aula , pelo trabalho que todos os Cursos com o mesmo tinhão , e izento delle com este meu , me faço merecedor [segundo julgo] da sua estima , o que tanto desejo.



# JUROS COMPOSTOS.

---

## PRIMEIRO CASO.

### *Fórmulas Geraes.*

**P** Para intelligencia das fórmulas geraes dos Juros Compostos , entenda-se por (*P*) hum principal primitivo qualquer , por (*r*) o preço do juro da unidade em hum anno , por (*q*) a somma , ou valor da unidade com o dito juro , por (*t*) o tempo , ou número dos annos do emprestimo do referido principal , e finalmente por (*S*) a somma do mesmo principal com os seus juros compostos vencidos no sobredito tempo. Desta sorte hum principal no fim do

1.º	Anno , tem vencido de principal , e juro esta expressão. - - - - -	<i>Pq</i>
2.º	- - - - -	<i>Pq<sup>2</sup></i>
3.º	- - - - -	<i>Pq<sup>3</sup></i>
4.º	- - - - -	<i>Pq<sup>4</sup></i>
&c	- - - - -	&c
Em qualquer número de annos a expressão geral		<i>Pq<sup>t</sup></i>

Logo a somma de hum principal com os seus ju-

ros compostos em qualquer espaço de tempo , será representada pela seguinte :

$$S = Pq^t \therefore LS = LP + tLq \quad - \quad \text{Primeira fórmula.}$$

$$S = Pq^t \therefore$$

$$\therefore P = \frac{S}{q^t} \therefore LP = LS - tLq \quad - \quad \text{Segunda fórmula.}$$

$$S = Pq^t \therefore$$

$$\therefore t = \frac{LS - LP}{Lq} \quad - \quad - \quad - \quad - \quad \text{Terceira fórmula.}$$

$$S = Pq^t \therefore$$

$$\therefore q = \sqrt[t]{\frac{S}{P}} \therefore Lq = \frac{LS - LP}{t} \quad - \quad \text{Quarta fórmula.}$$

E querendo calcular o preço do juro da unidade primitiva , isto he , o valor do ( $r$ ) se substituirá na fórmula  $q = \sqrt[t]{\frac{S}{P}}$  em lugar de ( $q$ ) o seu correspondente ( $1 + r$ ) , e assim teremos

$$1 + r = \sqrt[t]{\frac{S}{P}} \therefore$$

$$\therefore r = \sqrt[t]{\frac{S}{P}} - 1 \therefore Lr = L \left( \sqrt[t]{\frac{S}{P}} - 1 \right)$$

A fórmula geral , e fundamental  $S = Pq^t$  donde provém , e se deduzem as outras , dá a solução das quatro questões geraes seguintes :

P R I M E I R A .

Qual deve ser a importancia , ou o total ( $S$ ) de hum principal ( $P$ ) com os seus juros compostos no fim do tempo ( $t$ ) ; supposta a razão do que vence cem em 1 anno.

S E G U N D A .

Conhecendo-se a importancia , ou total ( $S$ ) de principal ( $P$ ) com os seus juros compostos no fim do tempo ( $t$ ) , achar o dito principal supposta a dita razão.

T E R C E I R A .

Conhecendo-se o principal ( $P$ ) , e a importancia deste com os seus juros compostos ( $S$ ) , e o preço ( $r$ ) da unidade , achar o tempo ( $t$ ).

Q U A R T A .

Dando-se o principal ( $P$ ) , e a importancia ( $S$ ) deste com os seus juros compostos de certo preço ( $r$ ) , e do tempo ( $t$ ) , conhecer o sobredito preço do juro.

A P P L I C A Ç ã O

E X E M P L O P R I M E I R O .

Deo-se a juro de 5 por cento a quantia de 800000 réis , com a condição de se reputarem os interesses todos os annos com o Capital , que igualmente vença juro na mesma razão. Quero saber a quanto chegará o Capital no fim de 4 annos.

## S O L U Ç Ã O

*Pelas Fórmulas.*

$$S = Pq^t$$

$$P = 800000$$

$$q = 1 + \frac{5}{100} = 1 + 0,05 = 1,05$$

$$t = 4$$

$\therefore S = 800000 (1,05)^4 = 800000 + 1,21550625 = 972405$  réis, que he quanto importa o dito Capital no fim do dito tempo, com todos os seus juros compostos a razão de  $\frac{5}{100}$  cada anno.

*Pelos Logarithmos.*

$$LS = LP + tLq$$

$\therefore LS = L 800000 + 4 L 1,05 = 5,903090 + 4 \times 0,021189 = 5,903090 + 0,084756 = 5,987846 = L 972402$   $\therefore S = 972402$  que pouco differe do verdadeiro.

*Pelas Taboas, que vão copiadas no fim destas fórmulas.*

Na primeira taboa corresponde a 4 annos 1,21550625  $\therefore S = 1,21550625 \times 800000 = 972405$ .

### E X E M P L O   S E G U N D O .

Qual he o Capital que em 4 annos produzio 972405 réis pelo mesmo Capital, e seus juros compostos a razão de 5 por cento cada anno?



## S O L U Ç ã O

*Pelas Fórmulas.*

$$P = \frac{S}{q^t}$$

$$S = 972405$$

$$q = 1,05$$

$$t = 4 \therefore$$

$$\therefore P = \frac{972405}{(1,05)^4} = \frac{972405}{1,21550625} = \frac{97240500000000}{121550625} =$$

800000 réis, que he quanto importa o Capital, que em 4 annos produzio com todos os seus juros compostos 972405 réis.

*Pelos Logarithmos.*

$$LP = LS - tLq \therefore$$

$$\therefore LP = L972405 - 4L1,05 = 5,987847 - 4 \times 0,021189 = \\ = 5,987847 - 0,084756 = 5,903095 = L800000 \therefore P = \\ 800000 \text{ réis, que he o mesmo resultado.}$$

*Pelas Taboas.*

Na primeira taboa corresponde a 4 annos 1,21550625  $\therefore$

$$\therefore P = \frac{972405}{1,21550625} = 800000.$$

### EXEMPLO TERCEIRO.

Em quantos annos 800000 réis terão produzido 972405 réis, pelo Capital, e juro de juros a razão de 5 por cento cada anno?



## S O L U Ç Ã O

*Pelas Fórmulas.*

Não se póde dar, por ser a sua respectiva fórmula dos Logarithmos, por depender destes a solução.

*Pelos Logarithmos.*

$$t = \frac{LS - LP}{Lq}$$

$$S = 972405$$

$$P = 800000$$

$$q = 1,05 \therefore$$

$$\therefore t = \frac{L972405 - L800000}{L1,05} = \frac{5,987847 - 5,903090}{0,021189} =$$

$$\frac{0,084757}{0,021189} = 4 \text{ annos, que he o espaço em que o di-}$$

to Capital de 800000 réis, produzio com os seus juros compostos 972405.

*Pelas Taboas.*

972405 : 800000 = 1,21550625 valor da unidade, que na primeira taboa corresponde a 4 annos.

## EXEMPLO QUARTO.

Qual he o preço do juro, com que o Capital de 800000 réis chegou a produzir no fim de 4 annos 972405 réis, do Capital de juro de juros?



## SOLUÇÃO

*Pelas fórmulas.*

$$q = \sqrt[t]{\frac{S}{P}}$$

$$t = 4$$

$$S = 972405$$

$$P = 800000 \therefore$$

$$\therefore q = \sqrt[4]{\frac{972405}{800000}} = \sqrt[4]{1,21550625} = 1,05 = 1 +$$

$0,05 = 1 + \frac{5}{100}$ , que he o Capital, e juro da uni-

dade, e por consequencia o seu preço foi a 5 por cento; o qual se descobriria tambem por meio desta analogia. Logo que fosse achado o valor de ( $q$ ) di-

zendo  $1 : \frac{5}{100} :: 100 : r$ , isto he, a unidade está pa-

ra o seu juro, assim como cem está para o que lhe compete.

*Pelos Logarithmos.*

$$Lq = \frac{LS - LP}{t} \therefore$$

$$\therefore Lq = \frac{L 972405 - L 800000}{4} = \frac{5,987348 - 5,903090}{4} =$$

$$= \frac{0,084257}{4} = 0,021064 = L 1,05 \therefore q = 1,05 =$$

$$= 1 + \frac{5}{100}, \text{ que he o mesmo resultado.}$$

*Pelas Taboas.*

972405 : 800000 = 1,21550625 valor correspondente a 4 annos na primeira taboa calculada a 5 por cento.

S E G U N D O C A S O .

*Fórmulas Geraes.*

**P** Or qualquer somma , ou quantia devída no fim de certa época se dará antecipadamente , ou no principio pelo

1.º Anno	- - - - -	$\frac{S}{q}$
2.º	- - - - -	$\frac{S}{q^2}$
3.º	- - - - -	$\frac{S}{q^3}$
4.º	- - - - -	$\frac{S}{q^4}$
&	- - - - -	&
Em qualquer número de annos a expressão geral		$\frac{S}{q^t}$

Logo a quantia com que se póde rebater, e pagar antecipadamente qualquer somma de principal, e juros compostos, será representada pela seguinte :

$$P = \frac{S}{q^t} \therefore$$

$$\therefore LP = LS - tLq \quad - \quad - \quad - \quad - \quad \text{Primeira fórmula.}$$

$$P = \frac{S}{q^t} \therefore$$

$$S = Pq^t \therefore LS = LP + tLq \quad - \quad - \quad \text{Segunda fórmula.}$$

$$P = \frac{S}{q^t} \therefore$$

$$\therefore t = \frac{LS - LP}{Lq} \quad - \quad - \quad - \quad - \quad \text{Terceira fórmula.}$$

$$P = \frac{S}{q^t} \therefore$$

$$\therefore q = \sqrt[t]{\frac{S}{P}} \therefore Lq = \frac{LS - LP}{t} \quad - \quad \text{Quarta fórmula.}$$

E querendo achar o preço do juro da unidade se substituirá nesta fórmula em lugar de  $(q)$  o valor  $(1 + r)$  e teremos.

$$r = \sqrt[t]{\frac{S}{P}} - 1 \therefore Lr = L \left( \sqrt[t]{\frac{S}{P}} - 1 \right)$$

Sendo pois  $(S)$  a importancia de hum principal com os seus juros compostos do preço  $(r)$ , e  $(t)$  o tempo, he  $(P)$  o dinheiro de contado, com

o qual se rebate a somma devida, ou vencida no fim de certo tempo determinado, pelo que as fórmulas além de serem comprehendidos na Solução das primeiras, podem dar a resolução dos 4 problemas geraes enunciados da maneira seguinte:

P R I M E I R A .

Com que dinheiro de contado ( $P$ ), se póde rebater huma divida, ou somma ( $S$ ), que se deve pagar no fim de certo tempo ( $t$ ), fazendo-se o rebate na razão de hum tanto por cento cada anno?

S E G U N D A .

Sendo ( $P$ ) o dinheiro de contado, com o qual se rebate huma certa somma ( $S$ ), que se ha de cobrar no fim do tempo ( $t$ ), a razão de hum tanto por cento cada anno, qual deve ser a sobredita somma?

T E R C E I R A .

Com o dinheiro de contado ( $P$ ), rebatendo-se huma somma ( $S$ ), que se vence com os seus juros compostos a razão de hum tanto por cento cada anno, no fim de certo tempo, se pertende este mesmo tempo.

Q U A R T A .

Sendo ( $P$ ) o dinheiro de contado, com que se póde rebater a somma ( $S$ ), que se deve cobrar no fim do tempo ( $t$ ), achar o preço annual do rebate.

## A P P L I C A Ç Ã O

### E X E M P L O P R I M E I R O .

Com quanto dinheiro de contado se póde rebater uma divida de 972405 réis, que se ha de vencer no fim de 4 annos sendo o preço do rebata a 5 por cento?

### S O L U Ç Ã O

*Pelas Fórmulas.*

$$P = \frac{S}{q^t}$$

$$S = 972405$$

$$q = 1,05$$

$$t = 4 \therefore$$

$$\therefore P = \frac{972405}{(1,05)^4} = \frac{972405}{1,21550625} = 800000 \text{ réis, que}$$

he a quantia de dinheiro com que se póde rebater por 4 annos a 5 por cento a divida de 972405.

*Pelos Logarithmos.*

$$LP = LS - tLq \therefore$$

$$\therefore LP = L972405 - 4 \times L1,05 = 5,987847 - 4 \times 0,021189 = 5,937847 - 0,084756 = 5,903091 = L800000 \therefore P = 800000, \text{ que he a mesma resulta.}$$

*Pelas Taboas.*

Na segunda taboa corresponde a 4 annos 0,82270247 ∴

∴  $P = 0,82270247 \times 972405 = 799999,99530435$ ,  
ou quasi 800000 réis, que he o verdadeiro resulta-  
do.

E X E M P L O   S E G U N D O .

Dando-se a quantia de 800000 réis pelo rebate de huma divida, que se ha de vencer no fim de 4 annos com o juro de 5 por cento em cada anno. Pergunta-se a importancia, ou o total da dita divida ?

S O L U Ç Ã O

*Pelas Formulas.*

$$S = Pqt$$

$$P = 800000$$

$$q = 1,05$$

$$t = 4 \therefore$$

∴  $S = 800000 (1,05)^4 = 800000 \times 1,21550625 =$   
972405 réis, que he quanto importa a sobredita di-  
vida.

*Pelos Logarithmos.*

$$LS = LP + tLq \therefore$$

∴  $LS = L 800000 + 4 L 1,05 = 5,903090 + 4 \times$   
 $0,021189 = 5,903090 + 0,084756 = 5,987847 =$   
 $L 972402 \therefore P = 972402$ , que pouco differe do ver-  
dadeiro resultado.



*Pelas Taboas.*

Na segunda taboa corresponde a 4 annos 0,82270247 ∴

$$\therefore S = \frac{800000}{0,82270247} = 972400, \text{ ou pelo methodo de}$$

achar o quociente por aproximação 972406, que tambem pouco differe do verdadeiro resultado.

E X E M P L O T E R C E I R O.

Pergunta-se em quantos annos hum certo Capital com os seus juros compostos a razão de 5 por cento cada anno, chegou a importar a quantia de 972405 réis, que a principio foi rebatido por 800000 réis?

S O L U Ç Ã O

*Pelas Fórmulas.*

He a mesma que

*Pelos Logarithmos.*

$$t = \frac{LS-LP}{Lq}$$

$$S = 972405$$

$$P = 800000$$

$$q = 1,05 \therefore$$

$$\therefore t = \frac{L972405 - L800000}{L1,05} = \frac{5,987847 - 5,903990}{0,021189} =$$

$$\frac{0,084757}{0,021189} = 4 \text{ annos, que he o tempo devido.}$$

*Pelas Taboas.*

800000 : 972405 = 0,82270247, que corresponde na segunda taboa aos ditos 4 annos, que he o pedido.

EXEMPLO QUARTO.

Derão-se 800000 réis pelo rebate de huma dívida de 972405 réis, que se havia de pagar no fim de 4 annos. Pergunta-se o preço do rebate?

S O L U Ç ã O

*Pelas fórmulas.*

$$q = \sqrt[t]{\frac{S}{P}}$$

$$t = 4$$

$$S = 972405$$

$$P = 800000 \therefore$$

$$\therefore q = \sqrt[4]{\frac{972405}{800000}} = \sqrt[4]{1,21550625} = 1,05 = 1 +$$

$$0,05 = 1 + \frac{5}{100}, \text{ que he o Capital, ou dívida re-}$$

batida pela unidade do dito tempo, sendo o preço do rebate a 5 por cento.

*Pelos Logarithmos.*

$$Lq = \frac{LS - LP}{t} \therefore$$

$$Lq = \frac{L 972405 - L 800000}{4} = \frac{5,987848 - 5,903090}{4} =$$

$$= \frac{0,084756}{4} = 0,021189 = L 1,05 \therefore q = 1,05 =$$

$$= 1 + \frac{5}{100}, \text{ que he o mesmo resultado.}$$

*Pelas Taboas.*

800000 : 972405 = 0,82270247, que na segunda ta-  
boa corresponde a 4 annos, e por consequencia o  
preço do rebate he a 5 por cento.

T E R C E I R O C A S O.

*Fórmulas Geraes.*

**P** Ara se formar huma justa idéa. destas fórmulas he necessario conceber pela letra (*R*) huma venda annual, por (*S*) a somma de todas as rendas com os seus juros compostos de certo tempo, de certo preço, por (*r*) este preço, isto he, o valor da uni-

de de qualquer renda , e por  $(t)$  o tempo , ou a sua duração.

Deste modo a importancia total da renda no fim do

- 1.º Anno he figurado por - - - -  $Rq^{t-1}$   
 2.º - - - - - - - - - -  $Rq^{t-2}$   
 3.º - - - - - - - - - -  $Rq^{t-3}$   
 4.º - - - - - - - - - -  $Rq^{t-4}$   
 & - - - - - - - - - - &

E no fim do ultimo anno - -  $Rq^{t-t} = Rq^0 = R$

∴  $S = Rq^{t-1} + Rq^{t-2} + Rq^{t-3} + Rq^{t-4} + \dots + R$ , que he a importancia total das rendas com os seus juros compostos no ultimo dia da sua duração ; e como as partes da referida importancia constituem huma serie geometrica , por consequencia a totalidade será a somma dos seus tempos , a qual deve ser representada pela seguinte expressão :

$$S = \frac{R(q^t - 1)}{q - 1}, \text{ ou por ser } q = 1 + r,$$

$$S = \frac{R(q^t - 1)}{r} \therefore$$

∴  $LS = LR + L(q^t - 1) - Lr$  Primeira fórmula.

$$S = \frac{R(q^t - 1)}{r} \therefore$$

$$\therefore R = \frac{Sr}{q^t - 1} \therefore LR = LS + Lr - L(q^t - 1)$$

- - - - - Segunda fórmula.

$$S = \frac{R(q^t - 1)}{r} \therefore$$

$$\therefore q^t - \frac{S}{R} \times q + \frac{S}{R} - 1 = 0 \quad \text{- Terceira fórmula.}$$

A qual se achará huma vez que se resolva esta equação geral, ou do gráo que determinar o número dos annos da duração da renda.

$$S = \frac{R(q^t - 1)}{r} \therefore$$

$$\therefore t = \frac{L(Sr + R) - LR}{Lq} \quad \text{- - - Quarta fórmula.}$$

Estas fórmulas geraes podem ser enunciadas pelas quatro questões seguintes :

P R I M E I R A .

Huma renda annual ( $R$ ) que ficou atrazada, ou deixou de ser paga pelo tempo ( $t$ ), quanto importará com as seguintes, e seus juros compostos do preço ( $r$ ), no fim do dito tempo?

S E G U N D A .

Huma renda annual não tendo sido paga pelo espaço do tempo ( $t$ ), importou com os seus juros compostos de certo preço ( $r$ ) a somma ( $s$ ), de quanto será a dita renda?

T E R C E I R A .

Huma renda annual ( $R$ ), tendo sido atrasada pelo espaço do tempo ( $t$ ), importou com os seus juros compostos de certo preço a somma ( $s$ ), qual será o dito preço?

Q U A R T A .

Huma renda annual ( $R$ ), deixando de ser paga no espaço de hum certo tempo, importou com os seus juros compostos a somma ( $s$ ), sendo ( $r$ ) o preço do juro, achar o tempo?

A P P L I C A Ç Ã O

E X E M P L O P R I M E I R O .

Huma renda annual de 400000 réis deixou de ser paga em seus devidos tempos, pelo espaço de 4 annos. Pergunta-se a somma das ditas rendas com os seus juros compostos, a razão de 5 por cento cada anno.

## S O L U Ç Ã O

*Pelas Fórmulas.*

$$S = \frac{R(q^t - 1)}{r}$$

$$R = 400000$$

$$q = 1,05$$

$$t = 4$$

$$r = 0,05 \therefore$$

$$\therefore S = \frac{400000((1,05)^4 - 1)}{0,05} = \frac{400000(1,21550625 - 1)}{0,05}$$

$$= \frac{400000 \times 0,21550625}{0,05} = \frac{86202,50000000}{0,05} = 1724050$$

réis, que he quanto importão as ditas rendas de 400000 réis cada huma no fim de 4 annos, com todos os seus juros compostos, a razão de 5 por cento.

*Pelos Logarithmos.*

$$LS = LR + L(q^t - 1) - Lr \therefore$$

$$\therefore LS = L400000 + ((1,05)^4 - 1) - L0,05 =$$

$$= L400000 + L(1,21550625 - 1) - L0,05 =$$

$$= L400000 + L0,21550625 - L0,05 = 5,602060 +$$

$$+ 1,333459 - 2,698970 = 4,935519 - 2,698970 =$$

$$= 6,236549 = L1724048, \text{ que pouco differe do verdadeiro resultado.}$$

*Pelas Taboas.*

Na terceira taboa corresponde a 4 annos 4,31012500 ∴

$$\begin{aligned} \therefore S &= 4,31012500 \times 400000 = 1724050,00000000 = \\ &= 1724050, \text{ que he justamente o verdadeiro resul-} \\ &\text{tado.} \end{aligned}$$

E X E M P L O   S E G U N D O.

Qual he a renda annual , que não tendo sido paga em seus devidos tempos pelo espaço de 4 annos , importou com os seus juros compostos 1724050 réis , sendo o preço do juro a 5 por cento ?

S O L U Ç Ã O

*Pelas Formulas.*

$$R = \frac{Sr}{q^t - 1}$$

$$S = 1724050$$

$$r = 0,05$$

$$q = 1,05$$

$$t = 4 \therefore$$

$$\begin{aligned} \therefore R &= \frac{1724050 \times 0,05}{(1,05)^4 - 1} = \frac{1724050 \times 0,05}{1,21550625 - 1} = \frac{86202,50}{0,21550625} = \\ &= 400000 \text{ réis, que he a renda annual, que deixan-} \\ &\text{do de ser paga por espaço de 4 annos, importou} \\ &\text{com os seus juros compostos de 5 por cento a quan-} \\ &\text{tia de 1724050 réis.} \end{aligned}$$



*Pelos Logarithmos.*

$$LR = LS + Lr - L(q^t - 1) \therefore$$

$$\begin{aligned} \therefore LR &= L 1724050 + L 0,05 - L((1,05)^4 - 1) = \\ &= L 1724050 + L 0,05 - L 0,21550625 = 6,236549 + \\ &+ 2,698970 - 1,333459 = 4,935519 - 1,333459 = \\ &= 5,602060 = L 400000 \therefore R = 400000, \text{ que he o} \\ &\text{mesmo resultado.} \end{aligned}$$

*Pelas Taboas.*

Na terceira taboa corresponde a 4 annos, 4,31012500  $\therefore$

$$\therefore R = \frac{1724050}{4,31012500} = 400000, \text{ que he o mesmo re-} \\ \text{sultado.}$$

EXEMPLO TERCEIRO.

Qual he o preço do juro com que huma renda annual de 400000 réis, chegou a importar no fim de 2 annos com os seus juros compostos 820000?

S O L U Ç Ã O

*Pelas Fórmulas,*

*ou*

*Pelos Logarithmos.*

$$q^t - \frac{S}{R} \times q + \frac{S}{R} - 1 = 0$$

$$t = 2$$

$$S = 820000$$

$$R = 400000 \therefore$$

$$\begin{aligned}
 q^2 - \frac{820000}{400000} \times q + \frac{820000}{400000} - 1 &= 0 \therefore q^2 - \frac{82}{40} q = \\
 = -\frac{42}{40} \therefore q &= \frac{41}{40} \pm \sqrt{\left(\frac{41}{40}\right)^2 - \frac{42}{40}} = \frac{42 \pm 1}{40} \therefore q = \\
 \frac{42}{40} &= 1,05 \therefore q = 1 + \frac{5}{100}, \text{ por consequencia o pre-} \\
 \text{ço do juro foi de } 5 \text{ por cento.}
 \end{aligned}$$

*Pelas Taboas.*

820000 : 400000 = 2,05 ou 2,05000000, que na terceira taboa corresponde a 2 annos, tendo sido esta caculada a razão de 5 por cento cada anno, e por conseguinte o preço do juro foi a 5 por cento.

#### EXEMPLO QUARTO.

Huma renda annual de 400000 réis, deixando de ser paga em seus devidos tempos, importou com os seus juros compostos 1724050 réis, sendo o preço do juro a 5 por cento. Pergunta-se o tempo da sua duração.

## SOLUÇÃO

*Pelas fórmulas;*

ou

*Pelos Logarithmos.*

$$L = \frac{L(Sr + R) - LR}{Lq}$$

$$S = 1724050$$

$$r = 0,05$$

$$R = 800000$$

$$q = 1,05$$

$$\therefore L = \frac{L(1724050 \times 0,05 + 800000) - 800000}{L1,05} =$$

$$= \frac{L(86202,5 + 800000) - 800000}{L1,05} = \frac{L886202,5 - 800000}{L1,05} =$$

$$= \frac{5,686817 - 5,602060}{0,021189} = \frac{0,084757}{0,021189} = 4 \text{ annos, que he}$$

o tempo em que a dita renda deixou de ser paga, por isso no fim delle importou com os seus juros compostos de 5 por cento a quantia de 1724050 réis.

*Pelas Taboas.*

1724050 : 800000 = 4,31012500, que na terceira taboa corresponde a 4 annos, que he o verdadeiro resultado.

## Q U A R T O C A S O .

### *Fórmulas Geraes.*

**Q**uer-se pagar, ou adiantar em dinheiro de contado pela renda do

1.º	Anno corresponde - - - - -	$\frac{R}{q}$
2.º	- - - - -	$\frac{R}{q^2}$
3.º	- - - - -	$\frac{R}{q^3}$
4.º	- - - - -	$\frac{R}{q^4}$
&	- - - - -	&
E por qualquer número de annos	- - - - -	$\frac{R}{q^t}$

Logo  $\frac{R}{q} + \frac{R}{q^2} + \frac{R}{q^3} + \frac{R}{q^4} + \& + \frac{R}{q^t}$  será o valor total, com que se póde rebater huma renda annual por hum certo espaço de tempo, suppondo (*K*) este valor.

$$K = \frac{R(q^t - 1)}{rq^t} \therefore$$

$LK = LR + L(q^t - 1) - (Lr + tLq)$  Primeira Fórmula.

$$K = \frac{R(q^t - 1)}{rq^t} \therefore$$

$$\therefore R = \frac{Kr q^t}{q^t - 1} \therefore LR = LK + Lr + tLq - L(q^t - 1)$$

- - - - - Segunda Fórmula.

$$K = \frac{R(q^t - 1)}{rq^t} \therefore$$

$$\therefore q^{\frac{t+1}{r}} \frac{K+r}{K} \times q^t + \frac{R}{K} = 0 \quad \text{Terceira Fórmula.}$$

$$K = \frac{R(q^t - 1)}{rq^t} \therefore$$

$$\therefore t = \frac{LR - L(R - Kq)}{Lq} \quad \text{Quarta Fórmula.}$$

Cada huma das sobreditas quatro formulas geraes dão a resolução dos seguintes quatro problemas.

### P R I M E I R O .

Com quanto dinheiro de contado ( $K$ ), se ha de rebater huma renda annual ( $R$ ), que tem de correr por tempo ( $t$ ), attendendo ao preço ( $r$ ) do seu rebate?

SEGUNDO.

Sendo ( $K$ ) o dinheiro com que se rebate huma renda annual, que tem de correr por tempo ( $t$ ), qual será a dita renda ( $R$ ) rebatida pelo preço annual ( $r$ )?

TERCEIRO.

Com o dinheiro de contado ( $K$ ) foi rebatida huma renda annual ( $R$ ), que tinha de correr pelo espaço do tempo ( $t$ ), qual foi o preço do rebate ( $r$ )?

QUARTO.

O dinheiro de contado ( $K$ ) rebateo huma renda annual ( $R$ ), que tinha de correr hum certo espaço de tempo, sendo ( $r$ ) o preço do seu rebate: de quanto foi o espaço ( $t$ ) da sua duração?

APPLICAÇÃO

EXEMPLO PRIMEIRO.

Qual será o valor actual, ou antecipado de huma renda annual de 694575 réis, que se quer rebater por 3 annos a 5 por cento cada anno?

## S O L U Ç ã O

*Pelas Fórmulas.*

$$K = \frac{R(q^t - 1)}{rq^t}$$

$$R = 694575$$

$$q = 1,05$$

$$t = 3$$

$$r = 0,05 \therefore$$

$$\therefore K = \frac{694575(1,05 - 1)}{0,05(1,05)^3} = \frac{694575(1,157625 - 1)}{0,05 \times 1,157625} =$$

$$= \frac{694575 \times 0,157625}{0,05 \times 1,157625} = \frac{109482,384375}{0,05788125} = 1891500$$

réis, que he o valor actual, que se deve dar antecipadamente pela renda de 3 annos.

*Pelos Logarithmos.*

$$LK = LR + Lq^t - 1 - (Lr + tL1,05) \therefore$$

$$\therefore LK = L694575 + L(1,05)^3 - 1 - L(0,05 + 3L1,05) =$$

$$= L694575 + L0,157625 - L(0,05 + 3L1,05) =$$

$$= 5,841718 + \bar{1},197625 - (2,698970 + 3 \times 0,021189) =$$

$$= 5,841718 + \bar{1},197625 - (2,698970 + 0,063567) =$$

$$= 5,939343 - 2,762537 = 6,276806 = L1891500 \therefore$$

$\therefore K = 1891500$ , que he o mesmo resultado.

*Pelas Taboas.*

Na quarta taboa corresponde a 3 annos 2,72324802  $\therefore$

$\therefore K = 2,72324802 \times 694575 = 1891499,90449150$ , ou quasi 1891500, que he o verdadeiro resultado.

EXEMPLO SEGUNDO.

Qual he a renda annual, que se póde comprar com 1891500 réis, tendo de correr 3 annos a 5 por cento cada anno?

S O L U Ç Ã O

*Pelas Formulas.*

$$R = \frac{Krq^t}{q^t - 1}$$

$$K = 1891500$$

$$r = 0,05$$

$$q = 1,05$$

$$t=3 \therefore R = \frac{1891500 \times 0,05 (1,05)^3}{(1,05)^3 - 1} = \frac{1891500 \times 0,05 \times 1,157625}{1,157625 - 1} = \frac{109482,384375}{0,157625} = 694575 \text{ réis, que he a renda}$$

annual que se póde comprar por 3 annos a 5 por cento, pela quantia de 1891500 réis.

*Pelos Logarithmos.*

$$LR = LK + Lr + tLq - L(q^t - 1) \therefore$$

$$\begin{aligned} \therefore LR &= L1891500 + L0,05 + 3L1,05 - L(1,05^3 - 1) = \\ &= L1891500 + L0,05 + 3L1,05 - L(1,157625 - 1) = \\ &= L1891500 + L0,05 + 3L1,05 - L0,157625 = \\ &= 6,276806 + 2,698970 + 0,063567 - 1,197626 = \\ &= 5,039343 - 1,197625 = 3,841718 = L694575 \therefore \\ \therefore R &= 694575, \text{ que he o mesmo resultado.} \end{aligned}$$



*Pelas Taboas.*

Na quarta taboa corresponde a 3 annos 2,72324802 ∴

$$\therefore R = \frac{1891500}{2,72324802} = 694580, \text{ que pouco differe do}$$

verdadeiro resultado, pelo methodo de achar hum quociente aproximado.

EXEMPLO TERCEIRO.

Huma renda annual de 426000 réis, que havia de durar hum anno, foi rebatida por 400000 réis. Pergunta-se o preço do seu rebate?

S O L U Ç Ã O U N I C A

*Pelas Fórmulas.*

$$q^{t+1} \frac{K+R}{R} \times q^t + \frac{R}{K} = 0$$

$$t = 1$$

$$K = 400000$$

$$P = 426000 \therefore$$

$$\therefore q^{1+1} \frac{400000 + 426000}{400000} \times q^1 + \frac{426000}{400000} = 0 \therefore q^2 -$$

$$- \frac{826000}{400000} q + \frac{426000}{400000} = 0 \therefore q^2 - \frac{826}{400} q = - \frac{426}{400} \therefore$$

$$\therefore q = \frac{413}{400} \pm \sqrt{\left(\frac{413}{400}\right)^2 - \frac{426}{400}} \therefore q = \frac{413 \pm 13}{400} \therefore$$

$$\therefore q = \frac{426}{400} = 1 + \frac{13}{200} = 1 + \frac{6\frac{1}{2}}{100} \therefore r = \frac{6\frac{1}{2}}{100}, \text{ por}$$

consequencia o preço do juro desta questão, ou do seu rebate he a  $6\frac{1}{2}$  por cento.

EXEMPLO QUARTO.

Deo-se 1891500 réis pelo rebate de huma renda annual de 694575 a preço de 5 por cento, por certo espaço de tempo. Pergunta-se de quantos annos consta o dito tempo?

S O L U Ç Ã O

*Pelas Fórmulas.*

He a mesma que

*Pelos Logarithmos.*

$$t = \frac{LR - L(R - Kr)}{Lq}$$

$$R = 694575$$

$$K = 1891500$$

$$r = 0,05$$

$$q = 1,05 \therefore$$

$$\therefore t = \frac{L 694575 - L(694575 - 1891500 \times 0,05)}{L 1,05} =$$

$$= \frac{L(694575) - L(694575 - 94575)}{L 1,05} = \frac{L 694575 - L 600000}{L 1,05} =$$

$$= \frac{5,841718 - 5,778151}{0,021189} = \frac{0,063567}{0,021189} = a \text{ 3 annos, que}$$

he o tempo devido.

*Pelas Taboas.*

1891500:694575 = 2,72324804 , que com pouca differença corresponde na quarta taboa a 3 annos , que he o verdadeiro resultado.

Para facilitar a solução dos quatro casos antecedentes, por huma multiplicação, ou divisão, ajuntamos aqui as quatro taboas seguintes, relativas ao valor de huma unidade, das questões que se offererem a respeito dellas de hum até vinte annos.

FIM DOS JUROS COMPOSTOS.

## PRIMEIRA TABOA

*Do Valor de huma unidade , e seus juros compos-  
tos por espaço de 20 annos , a razão de 5  
por cento cada anno.*

1.º Anno	-	-	-	-	-	-	-	-	1,05000000
2	-	-	-	-	-	-	-	-	1,10250000
3	-	-	-	-	-	-	-	-	1,15762500
4	-	-	-	-	-	-	-	-	1,21550625
5	-	-	-	-	-	-	-	-	1,27628156
6	-	-	-	-	-	-	-	-	1,34009564
7	-	-	-	-	-	-	-	-	1,40710042
8	-	-	-	-	-	-	-	-	1,47745544
9	-	-	-	-	-	-	-	-	1,55132821
10	-	-	-	-	-	-	-	-	1,62889462
11	-	-	-	-	-	-	-	-	1,71033935
12	-	-	-	-	-	-	-	-	1,79585632
13	-	-	-	-	-	-	-	-	1,88584914
14	-	-	-	-	-	-	-	-	1,99993159
15	-	-	-	-	-	-	-	-	2,07892817
16	-	-	-	-	-	-	-	-	2,18287457
17	-	-	-	-	-	-	-	-	2,29201831
18	-	-	-	-	-	-	-	-	2,40661923
19	-	-	-	-	-	-	-	-	2,52695019
20	-	-	-	-	-	-	-	-	2,65329770



## TERCEIRA TABOA

*Do valor da unidade pelo que importão as suas  
rendas annuaes com os seus juros compostos, a  
razão de 5 por cento de hum até 20 annos.*

1.º Anno	- - - - -	1,00000000
2	- - - - -	2,05400000
3	- - - - -	3,15250000
4	- - - - -	4,31012500
5	- - - - -	5,52563125
6	- - - - -	6,81991281
7	- - - - -	8,14200845
8	- - - - -	9,54910887
9	- - - - -	11,02656431
10	- - - - -	12,57789252
11	- - - - -	14,20678716
12	- - - - -	15,91712652
13	- - - - -	17,71298284
14	- - - - -	19,59863198
15	- - - - -	21,57856358
16	- - - - -	23,65749176
17	- - - - -	25,84036635
18	- - - - -	28,13238467
19	- - - - -	30,53900390
20	- - - - -	33,06595410

## Q U A R T A T A B O A

*Do valor da unidade, pelo que se deve rebater anticipadamente, pela renda annual da mesma com os seus juros compostos a razão de 5 por cento de hum até 20 annos.*

1.º Anno	- - - - -	0,95238095
2	- - - - -	1,85841043
3	- - - - -	2,72324802
4	- - - - -	3,54595050
5	- - - - -	4,32947667
6	- - - - -	5,06569206
7	- - - - -	5,71637339
8	- - - - -	6,46321275
9	- - - - -	7,10782167
10	- - - - -	7,72173492
11	- - - - -	8,30641421
12	- - - - -	8,86321163
13	- - - - -	9,39257298
14	- - - - -	9,89864094
15	- - - - -	10,37965803
16	- - - - -	10,83776950
17	- - - - -	11,27406624
18	- - - - -	11,68958690
19	- - - - -	12,08532085
20	- - - - -	12,46221033

**J**ulguei ser necessario aos mesmos Estudantes a resolução das quatro questões , ou problemas geraes , de que vou a tratar , por isso os ajuntei tambem a este Supplemento. Declarando que he tudo meu , e feito na primeira occasião , que me pedirão a resolução das mesmas. Tem-me dito , que já ha alguma coisa a este respeito , o que reservo para ver em tempo que me achar mais desoccupado , do que presentemente.

## P R O B L E M A S,

### P R I M E I R O,

Estando o Cambio da moeda papel a 25 por cento. Pergunta-se quanto produzirá em metal a quantia de 1000000 réis moeda papel ?

Todas as questões desta natureza se resolvem pela analogia seguinte : cem está para cem menos o Cambio corrente , como a quantia moeda papel da esta para a metalica , que lhe corresponde ; dispondo a proporção pertencente a esta questão teremos.

$$100 : 100 - 25 :: 1000000 : = 750000 \text{ réis.}$$

Pela qual se acha ser 750000 réis metal , a quantia correspondente , ou que se pedia ; e a mesma se conhece ser verdadeira , discorrendo da maneira seguinte. Suppondo por (*P*) a quantia moeda papel , cuja se quer rebater ao Cambio de 25 por cento , e para achar o abatimento se dispõe a proporção



$100 : 25 :: P : \frac{25P}{100}$ , e  $\frac{25P}{100}$  he o abatimento, o qual tirado da quantia moeda papel virá a metalica, que suppozemos ser  $x$ , logo a equação seguinte:

$$x = P - \frac{25P}{100}$$

de cuja equação se tira a proporção  $100 : 100 - 25 :: P : x$ , ou  $800000 : x$ , a mesma que se pertendia deduzir.

S E G U N D O.

Estando o Cambio da moeda papel a 25 por cento. Pergunta-se quanto produzirá em moeda papel a quantia 1000000 de réis metal?

Todas as questões desta especie se resolvem pela analogia seguinte: cem menos o Cambio corrente está para cem, como a quantia metal dada para a que lhe compete em papel; dispondo a proporção pertencente a esta questão, teremos:

$$100 - 25 : 100 :: 1000000 : x = 1333333\frac{1}{3} \text{ réis.}$$

Pela qual se acha ser  $1333333\frac{1}{3}$  réis papel, a quantia correspondente, ou que se pedia; e a mesma se conhece ser verdadeira, discorrendo da maneira seguinte. Suppondo por  $(M)$  a quantia metalica, cuja se quer reduzir a moeda papel, e como suppozemos ser esta  $(x)$ , a qual se reduz a metal pela proporção, já demonstrada no 1.º problema,  $100 : 100 - 25 :: x :$

$\frac{(100-25)x}{100}$ , e como este quarto termo he igual a

$(M)$  então teremos a equação

$$M = \frac{x(100-25)}{100}$$

F

Da qual se tira a proporção  $100 - 25 : 100 :: M$ , ou  $1000000 : x$ , a mesma que se pertendia mostrar; que mais facilmente se mostra, invertendo sómente a proporção do 1.º problema.

T E R C E I R O .

Estando o Cambio da moeda papel a 12 por cento. Pergunta-se quanto produzirá em Lei a quantia 470000 réis metalica.

Pela analogia, ou proporção seguinte se resolvem todas as questões desta natureza, a saber: cem menos metade do Cambio corrente está para cem, assim como a quantia metal dada para a que lhe compete em Lei; dispendo a proporção conforme o problema dado, teremos:

$$100 - 6 : 100 :: 470000 : x = 500000 \text{ réis.}$$

Pela qual se acha ser 500000 réis em Lei a quantia correspondente, ou que se pedia, cuja se passa a ver se he verdadeira. Para o que suppondo por ( $M$ ) a quantia metalica, e ( $a$ ) a parte que se deve tirar de ( $M$ ) para comprar a quantia papel, e para achar a mesma disporemos a proporção já mostrada  $100 - 12 :$

$$: 100 :: a : \frac{100 a}{100 - 12}, \text{ e este 4.º termo he a quantidade}$$

em papel, e como deve ser igual á quantia metal, teremos a seguinte equação.

$$M - a = \frac{100 a}{100 - 12} \therefore a = \frac{100 - 12}{200 - 12} M$$

como sabemos que as quantias metal e papel, devem ser iguaes á pedida em Lei, a qual suppozemos ser ( $x$ ), teremos outra equação, a seguinte:

$$M - a + \frac{100 a}{100 - 12} = x$$

Substituindo em lugar de  $(a)$  o seu valor teremos :

$$M - \frac{100-12}{200-12} M + \frac{100}{100-12} \times \frac{100-12}{200-12} M = x \therefore$$

$\therefore (200-12) M - (100-12) M + 100 M = (200-12) x$   
 $\therefore 200 M = (200-12) x \therefore 200-12 : 200 :: M : x \therefore$   
 $\therefore 100-6 : 100 :: M, \text{ ou } 470000 : x, \text{ a que se que-$   
 ria deduzir, e por consequencia verdadeira a analogia, a qual tambem se podia provar pelas duas primeiras questões, e outros differentes modos.

Q U A R T O.

Estando o Cambio de moeda papel a 12 por cento. Pergunta-se quanto produzira em Lei a quantia de 470000 réis papel?

Pela proporção, ou analogia seguinte se resolvem todas as questões desta natureza, a saber: cem menos metade do Cambio corrente está para cem menos o Cambio corrente, como a quantia dada em moeda papel para a que lhe corresponde em Lei; dispondo a dita conforme os dados da questão teremos :

$$100-6 : 100-12 :: 470000 : x = 440000 \text{ réis.}$$

De cuja se acha ser 440000 réis em Lei a quantia competente ao que se pedia, a qual se mostra ser verdadeira discorrendo da maneira seguinte. Suppondo por  $(P)$  a quantia papel, e  $(a)$  a parte que se deve tirar de  $(P)$ , para comprar a quantia metallica, e para achar a mesma disporemos a proporção

$$100 : 100-12 :: a : \frac{(100-12)a}{100}, \text{ e este 4.}^\circ \text{ termo he}$$

a quantidade em metal, e como deve ser igual á quantidade papel teremos a seguinte equação :

$$P - a = \frac{(100-12)a}{100} \therefore a = \frac{100}{200-12} P$$

Como sabemos que as quantias papel e metal, devem ser iguaes á pedida em Lei, o qual suppozemos ser ( $x$ ) teremos outra equação, a seguinte:

$$P - a + \frac{(100-12)a}{100} = x$$

Substituindo em lugar de ( $a$ ) o seu valor teremos

$$P - \frac{100}{200-12} P + \frac{100-12}{100} \times \frac{100}{200-12} P = x \therefore$$

$\therefore (200-12) P + (100-12) P - 100 P = (200-12) x \therefore$   
 $\therefore (100-12) 2P = (200-12) x \therefore 200-12 : (100-12) 2 ::$   
 $:: P : x \therefore 100-6 : 100-12 :: P, \text{ ou } 470000 : x, \text{ a}$   
 que se pertendia demonstrar, e logo verdadeira a analogia; cuja se póde demonstrar tambem por outros muitos differentes modos.

FIM DO SUPPLEMENTO EXTRAORDINARIO AO N.º I.º

*José Pedro Coelho Máyer.*

TRATADO  
DE  
CAMBIOS,  
UTIL, E NECESSARIO  
AOS  
ESTUDANTES DA REAL AULA  
DO  
COMMERCIO.

---

LISBOA: M. DCCC. XVI.

---

---

NA REGIA TYPOGRAFIA SILVIANA:

---

*Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.*



**O** Motivo que me obrigou a publicar o seguinte Tratado, cujo offereço aos meus Condiscipulos, foi para terem hum verdadeiro conhecimento de Arbitrios de Cambio, pois muita coisa já se tem tratado a este respeito; e julgo fazer-se digno de contemplaçãõ. Acrescentei-lhe mais a Pratica, e Protestos das Letras de Cambio, tanto por lhe pertencer, como para o fazer mais volumoso.

## Explicação das Letras Iniciaes.

*DE* exprime Dinheiros Estrelinos.

*ES* - - - Escudo.

*FB* - - - Florins Banco.

*DGB* - - Dinheiros Grossos Banco.

*CR* - - - Cruzado.

*SG* - - - Soldos Grossos.

*LE* - - - Libra Estrelina.



---

# TRATADO DE CAMBIOS.

**P**ela palavra Cambio se entende troca, ou promutação: divide-se em miudo, e real. Cambio miudo he a troca de huma especie de moeda por outra em hum mesmo Paiz; e Cambio real he a cessaõ que hum Negociante faz a outro, dos cabedaes que possui em Paizes Estrangeiros por meio de hum preço convencionado entre ambos.

Esta cessaõ se divide em duas partes, das quaes huma he a mesma cessaõ, e a outra o preço della, e se executa por hum contrato mercantil chamado Letra de Cambio. Esta he a ordem que hum Negociante passa a outro, para que pague a quem lhe apresentar a importancia nella referida. O preço da cessaõ tambem se chama preço do Cambio, e he aquelle porque se compra a Letra.

Preço de Cambio divide-se em duas partes: a primeira no par real, e a segunda no curso do preço do Cambio. Par real he a perfei-

feita igualdade da moeda de hum Paiz comparada com a de outro, pezo por pezo, toque por toque. Curso do preço do Cambio he a differença, que ha entre o par real, e o preço corrente do Cambio. E a perfeita igualdade do curso do preço dos Cambios entre diversas Praças se chama par politico, ou preço arbitrado do Cambio.

A origem das Letras de Cambio, são as dividas reciprocas que ha entre as Nações que se correspondem; e a sua natureza consiste na troca destas dividas: o seu objecto se dirige a evitar o risco, e despezas que haveria nos transportes dos metaes, cujos gastos recahiriaõ sempre sobre os Devedores; e finalmente o seu effeito he o mesmo que os dos metaes por ellas representados.

O Commercio do dinheiro, que se faz por meio de Letras de Cambio, se tiraõ dois effeitos: o primeiro he, que entre duas Nações huma estabelece hum preço certo, que se chama unidade do Cambio, e a outra propõe para compensação hum preço incerto pela dita unidade. Dando huma Praça á outra a unidade do Cambio, o Cambio alto indica vantagem para a que dá a unidade, e o baixo prejuizo.

Quanto ao segundo effeito, não consiste em outra coisa mais, que aproveitar todas as desigualdades favoraveis, que offerecer o curso

fo do preço do Cambio entre diversas Praças, para que os Negociantes, que se applicaõ a este ramo de Commercio, combinem com toda a attençaõ as mudanças, que acontecem no dito curso, examinando a causa dellas, para deduzirem o methodo de poderem gyrrar com maior lucro as suas Letras.

Este Commercio se chama Arbitrios de Cambios, porque elle he em parte dependente de arbitrio de quem o executa, pelo motivo que resulta de combinações, que podem diversificar ao infinito.

Gyro de Cambios, se entende no Commercio por huma negociação prejudicial, que só fazem Negociantes alcançados, e he muito diverso de circulaçaõ de Cambios.

Os Negociantes que se applicaõ a este ramo de Commercio de Arbitrios de Cambios, se chamaõ Banqueiros, e a Praça aonde elles existem Praça propria. O methodo que segue a pratica deste Commercio consiste em faccar, e remetter Letras de Cambio de humas Praças para outras com o fim de lucrar na desigualdade dos preços correntes dos Cambios. Se os Cambios estivessem em huma perfeita igualdade, os Arbitrios naõ deixariaõ lucro algum, antes perda pelas despezas; e tambem muitas vezes o lucro he menor que o juro do dinheiro, e neste caso se faz preferivel pô-lo a vencer o competente juro.

Ain-

Ainda que as combinações dos Cambios diversificaõ ao infinito com tudo ellas na sua formalidade se podem reduzir a cinco Classes ou Casos geraes, como vamos a tratar, para explicar o methodo que se observa na pratica deste ramo de Commercio, que he sem dúvida o mais scientifico de todos os outros sete, e o que tem maior relação com as operações politicas dos Estados.

*Da primeira Classe de Arbitrios de Cambio.*

Os Arbitrios desta primeira Classe consistem em comprar huma certa quantia, e remettella em Letra de Cambio de huma Praça a outra, para que ao seu vencimento se faça retorno da importancia recebida a hum Cambio tal que deixe lucro depois de pagas as despezas.

Em consequencia desta definição, se segue que para haver lucro deve ser o Cambio do retorno menor que o da remessa (dando a Praça propria a unidade do Cambio); e maior que este se ella der o preço dessa unidade, como facilmente se conhece, discorrendo da maneira seguinte: o Cambio da remessa entre Lisboa, e Londres he 68 *DE* por 1000 rs., e o do retorno a 65: sendo a Lisboa a Praça propria, o Banqueiro desembolça 1000 rs., e tem huma Letra de 68 *DE*, que

re-

remete ao seu Correspondente de Londres, que recebe ao vencimento da dita os mesmos 68 *DE*, e com elles compra huma Letra de réis para remeter a Lisboa, mas como nesse tempo o Cambio se acha a 65 logo terá huma letra de mais de 1000 réis, e ao vencimento o Banqueiro receberá mais do que tinha desembolçado, e por conseguinte lucro na execuçaõ do arbitrio.

Reciprocamente se o Cambio de retorno fosse a 70 *DE*, e se a Praça propria fosse Londres, discorrendo do mesmo modo, se conclue, que quando dá o preço, para haver lucro deve ser o Cambio de retorno maior que o da remessa, e disto se tira em geral que o lucro do arbitrio consiste na differença dos Cambios.

Conhecido pois que hum arbitrio produz lucro, para se achar a quantia do retorno, ha oito modos differentes, como se vai a tratar.

Primeiro discorrendo pelos actos da negoceaçaõ, na seguinte questaõ. Hum Banqueiro desembolça 10000000 rs. na compra de huma Letra, achando-se o Cambio a 66 *DE*, e querendo saber de quantos *DE* consta a Letra arma a seguinte proporçaõ  $1000:66::10000000:a$ , e vê que, *a*, são os *DE* que o Correspondente ha de receber em Londres, com os quaes compra huma Letra, para remeter ao Banquei-

ro, achando-se o Cambio do retorno a 64 DE, e para saber o número de réis da Letra arma a seguinte a proporção 64:1000 :: a: x, e, x, será o número de réis que o Banqueiro recebe á volta da Letra; ou a quantia do retorno.

Segundo por huma regra conjuncta, a qual se tira do primeiro modo, principia pelo Cambio da remessa, e o termo interrogativo he a quantia da remessa, da maneira seguinte:

$$\begin{aligned} \text{Rs. } 1000 &= 66 \text{ DE} \\ 64 &= 1000 \text{ rs.} \\ x &= 1000000 \text{ rs.} \end{aligned}$$

Sendo porém a quantia da remessa já dada em moeda Estrangeira, principiará então pelo Cambio do retorno.

Terceiro por huma proporção, Cambio menor para o maior, como a quantia da remessa para a do retorno, cuja proporção se tira da regra conjuncta acima, ou discorrendo sobre a negoceação, dizendo: o Cambio da remessa, he relativo da quantia da remessa, e o Cambio do retorno relativo da quantia do retorno, e então teremos Cambio da remessa para o do retorno, como quantia da remessa, para a do retorno; resta sómente ver se a proporção he directa, ou inversa. Se a Praça propria der a unidade do Cambio, a proporção será inversa, porque se vai com hum

me-

menor Cambio buscar huma maior quantia, e se a Praça propria der o preço da unidade, a proporção será directa, pois se vai com hum maior Cambio, buscar huma maior quantia; e então será a proporção fundamental nesta questão

$$64 : 66 :: 1000000 : x.$$

Quarto indo achar o lucro da negoceação, pela seguinte proporção: Cambio menor para a differença dos dois Cambios, como a quantia da remessa para o lucro, e este junto á mesma quantia da remessa, teremos a do retorno; resta mostrar a verdade da dita proporção.

Representando por,  $a$ , a quantia da remessa,  $l$ , o lucro, e,  $x$ , a quantia do retorno a proporção será  $64 : 66 - 64 :: a : l$ , para se demonstrar esta proporção, disporemos a proporção fundamental  $64 : 66 :: a : x$ , invertendo-a teremos  $66 : 64 :: x : a$ , fazendo mudança por divisaõ directa da razão  $66 - 64 : 64 :: x - a : a$ , tornado a invertella  $64 : 66 - 64 :: a : x - a$  porém,  $x - a$ , he o lucro, e substituindo em seu lugar,  $l$ , teremos  $64 : 66 - 64 :: a : l$ , a mesma acima referida.

Quinto indo achar o lucro de cem, pela proporção Cambio menor para a differença dos dois, como cem para o seu lucro, que se demonstra do mesmo modo, como a do lucro da negoceação; e achado este lucro de cem

com a proporção seguinte teremos a quantia do retorno: cem está para cem mais o seu lucro, como a quantia da remessa para a do retorno, visto ser cem hum capital, e por isso relativo da quantia da remessa, e cem mais o seu lucro hum capital e lucro, e por isso relativo da quantia do retorno.

Sexto achando cem mais o seu lucro pela proporção; Cambio menor para o maior, como cem para cem e seu lucro, e isto achado se arma a mesma proporção dita no quinto modo, para achar a quantia do retorno.

Setimo achando o lucro da unidade, pela proporção: Cambio menor para a differença dos dois, como a unidade para o seu lucro, e visto ser o terceiro termo a unidade, o lucro da dita consistirá na differença dos dois dividida pelo menor o qual multiplicado pela quantia da remessa, teremos o lucro da negociação, e por conseguinte a quantia do retorno.

Oitavo e ultimo achando a unidade mais o seu lucro pela proporção: Cambio menor para o maior, como a unidade para a unidade mais o seu lucro, e visto ser o terceiro termo a unidade, a dita mais o seu lucro consistirá no quociente do maior dividido pelo menor, e este quociente multiplicado pela quantia da remessa, teremos a do retorno.

Este methodo tambem serve, para se co-  
nhe-



nhecer em havendo mais Praças, a qual se deve preferir para a execução do arbitrio, porque só consiste em dividir o Cambio maior pelo menor, preferindo aquella Praça, que der hum maior quociente.

Como he indispensavel nestas negoceações haver despezas, he necessario tratar o methodo de proceder no calculo, quando entrarem nas questões; mas antes disso se observará, que as despezas desta classe de arbitrios costumão ordinariamente serem tres: huma na Praça propria, e duas na Estrangeira. A da Praça propria he huma corretagem que se paga pela compra da Letra da remessa; as da Estrangeira são huma commissão que pertence ao Correspondente pela cobrança da importancia da Letra da remessa, e huma corretagem, que se paga pela compra da Letra do retorno.

Conhecidas as despezas, para se saber se haverá lucro na execução do arbitrio, se verá a quantos por cento sahe o lucro, e quantos importaão as despezas; e huma vez, que os por cento do lucro for maior que os da despezas, se conclue que o arbitrio he lucrativo. Tambem se póde saber, preparando os Cambios, isto he tirar ao maior, ou juntar ao menor, por meio de huma regra conjuncta, e depois entraão na questão como se não houvessem despezas; porque como o

lu-

lucro consiste na differença dos Cambios, e quanto maior esta, mais lucro haverá, e como as despezas devem diminuir o lucro, tambem diminuem a differença, e para a diminuir se deve tirar ao maior, ou juntar ao menor. Para tirar as despezas ao Cambio maior a regra conjuncta principiará pelo dito Cambio, as despezas se calculão nos antecedentes, e o termo interrogativo a unidade do Cambio, e para as ajuntar ao menor deverá principiar pelo dito Cambio, as despezas se calculão nos consequentes, e o termo interrogativo a unidade do Cambio. Por exemplo suppondo que o Cambio entre Pariz e Lisboa he a 450 rs. por escudo, de remessa, e de retorno a 470 rs. logo a regra conjuncta para preparar o maior será a seguinte, advertindo que não entra a despeza feita na Praça propria, pois essa he calculada sobre a quantia da remessa.

$$ES \ 1 = 470 \text{ rs.}$$

$$100 = 99 \frac{1}{2} \text{ rs.}$$

$$100 \frac{1}{5} = 100 \text{ rs.}$$

$$a = 1 \text{ ES.}$$

Para preparar o menor teremos

$$ES \ 1 = 450 \text{ rs.}$$

$$99 \frac{1}{2} = 100 \text{ rs.}$$

$$100 = 100 \frac{1}{3} \text{ rs.}$$

$$b = 1 \text{ ES.}$$

Podemos tambem achar a quantia do retorno liquida das despezas, por humra regra conjuncta, em que se calculaõ nos antecedentes, e o termo interrogativo he a quantia da remessa suppondo ser esta 800000 rs. a regra conjuncta será a seguinte.

$$\text{Rs. } 450 = 1 \text{ ES}$$

$$100 = 99 \frac{1}{2} \text{ ES}$$

$$100 \frac{1}{3} = 100 \text{ ES}$$

$$1 = 470 \text{ rs.}$$

$$x = 800000 \text{ rs.}$$

Resta mostrar que o termo interrogado, ou,  $x$ , da regra conjuncta acima he verdadeiramente a quantia do retorno. Quando o Banqueiro compra a Letra para remeter a Pariz, e quer saber de quantos escudos constará arima a seguinte proporçaõ  $450 : 1 :: 800000 : a$ ,  $e$ ,  $a$ , seráõ os escudos que o Correspondente deve receber ao vencimento da Letra da remessa, ou a quantia de que elle deve tirar a sua commissaõ a  $\frac{1}{2}$  por cento, e para saber o liquido que fica depois de tirada esta dispõe a proporçaõ  $100 : 99 \frac{1}{2} :: a : b$ ,  $e$ ,  $b$ , será a quan-

quantia que resta ao Correspondente para comprar a Letra do retorno, e pagar corretagem della a hum oitavo por cento, e para saber qual deve fer a importancia desta Letra arma a proporção  $100 \frac{1}{8} : 100 :: b : c$ , e,  $c$ , será a importancia da Letra do retorno, e ultimamente para saber o número de réis, que ella deve produzir em Lisboa disporemos a proporção  $1 : 470 :: c : x$ , e,  $x$ , será a quantia do retorno. Para se poder concluir que,  $x$ , he na verdade a dita quantia do retorno, he preciso mostrar que o 4.º termo,  $b$ , da proporção  $100 : 99 \frac{1}{2} :: a, b$ , he o liquido que fica depois de tirada a commissão, e que semelhantemente o 4.º termo,  $c$ , da proporção  $100 \frac{1}{8} : 100 :: b : c$ , he a importancia, que se ha de desembolçar pela Letra do retorno.

Porque sendo com effeito,  $a$ , a quantia de que se deve tirar a commissão a  $\frac{1}{2}$  por cento, para a achar armaremos a seguinte proporção,  $100 : \frac{1}{2} :: a : \frac{a}{200}$ , logo subtrahindo de  $a$ , a sua commissão, o resto será o liquido que fica, ao qual chamando,  $b$ , teremos  $a - \frac{a}{200} = b$ ; e por conseguinte simplificando, teremos  $199 a = 200 b$ , deduzindo pois desta equação huma proporção, cujo 4.º termo seja,  $b$ , teremos  $200 : 199 :: a : b$ , e simplificando a primeira razão, conseguiremos  $100 : 99 \frac{1}{2} :: a : b$ , don-

donde se vê que na verdade o 4.º termo desta proporção, he como se pertendia mostrar. Sendo elle tambem como dissemos acima a quantia com que o Correspondente deve comprar a Letra do retorno, e pagar a corretagem della a hum  $\frac{1}{8}$  por cento. Segue-se que esta será menor que  $b$ , a sua corretagem a  $\frac{1}{8}$  por cento, por tanto sendo a importancia desta Letra  $c$ , a sua corretagem se calculará pela proporção seguinte:  $100 : \frac{1}{8} :: c :$   
 $\frac{c}{800}$ , e será por consequencia  $c + \frac{c}{800} = b$ , e simplificando teremos  $801 c = 800 b$ : donde se deduz querendo,  $c$ , em 4.º termo, a proporção será  $801 : 800 :: b : c$ , e simplificando a primeira razão desta, teremos  $100 \frac{1}{8} : 100 :: b : c$ : donde se collige ser com effeito o 4.º termo desta proporção, a importancia que deve desembolçar-se pela Letra do retorno. Mostrada pois a evidencia das quatro proporções acima dispostas, se conclue que,  $x$ , he a verdadeira quantia do retorno.

Conhecida pois a quantia do retorno, para saber o lucro, havendo a despesa da Praça propria, esta se calculará sobre a quantia da remessa, e juntado-se a esta, se subtrahirá a somma da do retorno, e teremos o lucro.

Na disposição dos termos da regra conjuncta, acima se vê, que a commissão sendo de compra, ou remessa, se calcula diminuindo

do em cem, e que pelo contrario a corretagem sendo tambem de compra, ou remessa, se calcula augmentando em cem; e daqui se collige que as corretagens são calculadas pelo contrario das commissões, e por consequente, sendo a commissão de venda, ou saque contraria a de compra, ou remessa, deverá ser calculada augmentando em cem, e por consequencia a corretagem de venda, ou saque, será diminuido em cem. Donde em geral se conclue como estas quatro despezas devem ser calculadas, quando houverem de entrar na regra conjuncta, não só nesta, mas em todas as mais classes de arbitrios de Cambios.

Ainda que se suppõem que o Correspondente embolça as despezas da quantia que recebe, e que remete depois o liquido ao Banqueiro, com tudo na pratica não succede assim: porque os Correspondentes tendo cobrado a importancia da Letra da remessa, immediatamente fazem retorno della ao Banqueiro, notando a importancia das despezas em hum livro, que para esse fim devem ter, e passado hum certo espaço de tempo nas contas correntes, que então remetem aos Banqueiros, lhe declarão a importancia dellas, faccando esta ao mesmo passo sobre elles: o que igualmente se pratica nas negoceações das outras classes de arbitrios de Cambios.

Ten-

Tendo differentes modos para achar a quantia do retorno, segue-se que tendo-a achado de huma maneira, para a verificar, iremos calcula-la por outra: ou tambem se poderá comprovar por tres modos. Primeiro indo achar a quantia da remessa. Segundo o Cambio menor. Terceiro o Cambio maior. E tanto a quantia da remessa, como os Cambios se achão por huma regra conjuncta, e a regra conjuncta para achar a quantia da remessa, será a seguinte, suppondo a mesma Questão acima, e que a quantia do retorno he 900000 rs.

$$\begin{aligned} \text{Rs. } 470 &= 1 \text{ ES} \\ 99 \frac{1}{2} &= 100 \text{ ES} \\ 100 &= 100 \frac{1}{8} \text{ ES} \\ 1 &= 450 \text{ rs.} \\ y &= 900000 \text{ rs.} \end{aligned}$$

De cuja regra conjuncta acima se vê que para achar a quantia da remessa, principia pelo Cambio do retorno, as despezas se calculão nos consequentes, e o termo interrogativo he a quantia do retorno.

A regra conjuncta para achar o Cambio menor que nesta Questão he o da remessa, será a seguinte.

$$\begin{aligned}
 ES \ 1 &= 470 \text{ rs.} \\
 100 &= 99 \frac{1}{2} \text{ rs.} \\
 100 \frac{1}{8} &= 100 \text{ rs.} \\
 100 + L &= 100 \text{ rs.} \\
 a &= 1 \ ES
 \end{aligned}$$

De cuja regra conjuncta acima se vê, que para achar o Cambio menor principia pelo maior, as despezas, mais o lucro se calcula nos antecedentes, e o termo interrogativo he a unidade do Cambio menor.

Porque como na differença dos Cambios consiste o lucro, e mais as despezas, segue-se que tirando ao maior estas, e o seu lucro, teremos o menor, motivo porque se calculaõ nos antecedentes: e por conseguinte a regra conjuncta para achar o Cambio maior será a seguinte.

$$\begin{aligned}
 ES \ 1 &= 450 \text{ rs.} \\
 99 \frac{1}{2} &= 100 \text{ rs.} \\
 100 &= 100 \frac{1}{8} \text{ rs.} \\
 100 &= 100 + L \text{ rs.} \\
 b &= 1 \ ES
 \end{aligned}$$

que pela razão acima se vê que assim deve ser disposta esta regra conjuncta. Se a Praça propria desse a unidade do Cambio, as despezas mais o lucro, se calculariaõ pelo contrario, o que facilmente se conhece pelo que fica dito.



*Da segunda Classe de Arbitrios de Cambios.*

Os Arbitrios desta Classe consistem em combinar os preços correntes, do Cambio de duas Praças, com huma terceira, para saber sobre qual dellas fará conta faccar huma certa quantia, remetendo á outra huma menor, mas que baste para pagar a quantia faccada sobre a primeira Praça, na conformidade dos ditos preços correntes.

Para estes preços se combinarem, procura-se o preço arbitrado entre a Praça propria, e alguma das Estrangeiras, ou entre as duas Estrangeiras, e conhecido este para saber sobre qual das Praças faz conta faccar, applica-se-lhe a seguinte proposição.

O Preço corrente da unidade do Cambio, em moeda Estrangeira sendo menor que o arbitrio, faz conta para faccar, e maior para remeter. O Preço corrente da unidade do Cambio em moeda propria, sendo maior que o arbitrado, faz conta para faccar, e menor para remeter. Para se concluir a evidencia desta proposição supponhamos que sendo Lisboa a Praça propria, o Banqueiro sacca sobre Londres, por tanto elle venderia *DE*, e receberia réis; logo quanto menor fosse o número de *DE*, que passasse em Letra por cada 1000 rs., que recebesse, tanto mais lucro teria,

po-

porém como o Banqueiro vende a Letra de faque pelo preço corrente, e podemos dizer que compra a da remessa, pelo arbitrado, pois que he hum Cambio que está em paridade, com que elle a compra, segue-se que quanto menor que o dito arbitrado for o preço corrente da unidade do Cambio em moeda Estrangeira, tanto mais lucro elle terá.

Reciprocamente se o Banqueiro faccasse sobre Pariz, discorrendo da mesma sorte, se concluiria, que quanto maior que o arbitrado fosse o preço corrente da unidade de Cambio, e em moeda propria, tanto mais lucro teria.

Se o Cambio entre Lisboa, e Londres, estivesse a 66 *DE* por 1000 rs., e entre Londres, e Pariz a 30 *DE* por 1 *ES*, e entre Pariz, e Lisboa a 465 rs. por 1 *ES* para se saber de Lisboa sobre qual das outras duas Praças faz conta faccar, ir-se-ha achar o preço arbitrado entre Lisboa, e Londres, dispondo para esse fim a seguinte Regra conjuncta.

$$\begin{aligned} \text{Rs. } 465 &= 1 \text{ } ES \\ 1 &= 30 \text{ } DE \\ a &= 1000 \text{ rs.} \end{aligned}$$

Pela qual acharemos ser o dito preço arbitrado  $64\frac{80}{111}$  *DE* por 1000 rs., e applicando-lhe a proposição, se conclue que não faz  
con-

conta faccar de Lisboa sobre Londres, e fim de Londres sobre Lisboa: donde se deduz em geral que fazendo conta faccar de huma Praça sobre outra, desta sobre a primeira nunca será conveniente o faque, mas fim a remessã; e reciprocamente.

Se se quizeffe achar o preço arbitrado entre as duas Praças Estrangeiras, se disporá a seguinte Regra conjuncta.

$$ES \ 1 = 465 \text{ rs.}$$

$$1000 = 66 \ DE$$

$$b = 1 \ ES$$

Pela qual se acha ser o dito preço arbitrado  $30 \frac{62}{150} \ DE$  por  $1 \ ES$ , e para se conhecer entãõ sobre qual das Praças faz conta faccar, se suppõe que Pariz he a Praça propria, e applicando-lhe a proposiçaõ, acharemos que faz conta faccar de Pariz sobre Londres, logo de Pariz, sobre Lisboa naõ será conveniente o faque, e por conseguinte de Lisboa sobre Pariz, fará conta faccar.

Donde se conclue em geral que fazendo conta faccar da Praça propria, sobre huma das Estrangeiras, tambem será conveniente o faque, desta sobre a outra, e da outra sobre a primeira; e segue-se que por meio de tres diversas paridades podemos saber sobre qual das Praças Estrangeiras faz conta faccar.

Conhecendo hum Banqueiro, que lhe he

he conveniente faccar , sobre huma Praça , executando o faque , se constitue Devedor da importancia deste ao seu Correspondente ; pelo que querendo embolça-lo , o poderá fazer dos tres seguintes modos , escolhendo o que melhor lhe parecer.

Primeiro. Ordenando á Pessoa sobre quem remete , que remeta á pessoa sobre quem sacca.

Segundo. Ordenando á Pessoa , sobre quem sacca , que faque sobre a pessoa , a quem remeter.

Terceiro. Ordenando á Pessoa , sobre quem sacca , que faque sobre o Correspondente da Praça , onde faz conta remeter , e a este que faque sobre elle , para seu embolço.

E com effeito será facil demonstrar , que por qualquer destes tres modos , que se execute o embolço , sobre o arbitrio , será conveniente ao Banqueiro ; porque , quanto ao primeiro modo , temos visto na questaõ acima , que fazia conta remeter de Lisboa a Londres , logo de Londres para Lisboa , não seria conveniente a remessa , e por tanto será , de Londres , para Pariz ; razãõ porque o Banqueiro remete ao Correspondente de Londres , e lhe ordena que remeta ao de Pariz ; quanto ao segundo modo , sabemos , que de Londres , para Pariz , he conveniente a remessa ; logo de Pariz , para Londres , não fará conta remeter , mas sim faccar , e por isso o Banqueiro ,

ro, ordena ao Correspondente de Pariz, que faque sobre de Londres; e finalmente quanto ao terceiro modo, como o de Lisboa, sobre Pariz, faz conta o faque, elle será tambem conveniente de Pariz, sobre Londres, e de Londres sobre Lisboa, motivo porque o Banqueiro ordena ao Correspondente de Pariz, que faque sobre o de Londres, e a este que faque sobre elle.

Conhecendo-se pois, sobre qual das Praças, faz conta saccar, para conhecer a quantia, que á outra deve remeter-se, para pagamento do faque, se poderá achar tambem por oito differentes modos, como se disse na primeira Classe para achar a quantia do retorno.

Primeiro. Discorrendo pelos actos da negociação, do modo seguinte. Suppondo os mesmos Cambios da questaõ acima, e que hum Banqueiro recebeu 800000 rs. por huma Letra que saccou sobre Pariz; e para saber o número de escudos, que ficou devendo a Pariz, arma a seguinte proporçaõ:  $465 : 1 :: 800000 : a$ ; e como tem que remeter a Londres, para pagamento deste,  $a$ , de escudos, cujos reduz a *DE* pela proporçaõ seguinte:  $1 : 30 :: a : b$ , compra huma Letra de,  $b$ , *DE*, que para saber o número de réis, que lhe deve custar, dispõe a proporçaõ  $66 : 1000 :: b : z$ , e,  $z$ , de réis, será o que elle deve remeter, ou a quantia da remessa.

Segundo. Por huma regra conjuncta , a qual se tira do primeiro modo , principia pelo Cambio do faque , e o termo interrogativo , he a quantia do faque da maneira seguinte :

$$\begin{aligned} \text{Rs. } 465 &= 1 \text{ ES} \\ 1 &= 30 \text{ DE} \\ 66 &= 1000 \text{ rs.} \\ 2 &= 800000 \text{ rs.} \end{aligned}$$

Sendo porém a quantia do faque , já dada em moeda Estrangeira , principiará então pelo Cambio , entre as duas Praças Estrangeiras.

Terceiro. Por huma proporção , que para isso he necessario achar o Cambio arbitrado , por qualquer das tres paridades , que já dissemos se podiaõ dispôr , para conhecer sobre qual das Praças faz conta faccar , tendo sempre o Cambio maior para o menor , como a quantia do faque para a da remessa ; e como na questaõ acima se vio que fazia conta faccar sobre Pariz , suppondo agora , que o Cambio arbitrado he ,  $m$  , a proporção será.

$$465 : m :: 800000 : 2.$$

Esta proporção será directa , quando a Praça propria , der o preço da unidade de Cambio , á Praça sobre que facca , porque como sabemos , que para haver lucro , he necessario que o Cambio arbitrado seja menor , e

por-

por conseguinte a quantia da remessa, logo vamos com hum menor Cambio, buscar huma menor quantia; e ferá inverfa, quando a Praça propria der a unidade do Cambio, porque se vai com hum maior Cambio, buscar huma menor quantia, o que facilmente se conhece discorrendo da mesma sorte: resta sómente mostrar a verdade da proporção, a qual se conhece discorrendo do modo seguinte.

Sabemos que o Banqueiro facca, e vende pelo preço corrente, compra, e remete pelo arbitrado, logo o Cambio corrente será relativo da quantia do saque, e o arbitrado da quantia da remessa, e então se póde dizer que o Cambio do saque está para o arbitrado, assim como a quantia do saque, para a da remessa, e nessa proporção fazendo a observação que fica dita, de ser directa, ou inverfa, se conclue finalmente, que o Cambio maior está para o menor, como a quantia do saque está para a da remessa.

Esta proporção tambem se deduz das duas regras conjunctas, para achar o Cambio arbitrado, e a quantia da remessa; dispondo-as

	Rs. 465 =	1 ES
ES 1 = 30 DE	1 =	30 DE
66 = 1000 rs.	66 =	1000 rs.
m = 1 ES	z =	800000 rs.

D ii

De

De cujas tiramos as proporções seguintes :

$$66 : 1000 :: 30 : m.$$

$$465 \times 66 : 800000 :: 1000 \times 30 : z.$$

Invertendo a segunda proporção, temos

$$66 : 1000 :: 30 : m.$$

$$800000 : 465 \times 66 :: z : 1000 \times 30$$

Multiplicando-as ordenadamente.

$66 \times 800000 : 465 \times 66 \times 1000 :: 30 \times z : m \times 1000 \times 30$ . Destruindo nesta proporção os factores communs virá  $800000 : 465 :: z : m$ . invertendo-a, e alternando-a, teremos  $465 : m :: 800000 : z$ . O que se queria deduzir.

Quarto. Por huma proporção, indo achar o lucro da Negoceação, cuja he a seguinte:

Cambio maior, para a differença dos dois Cambios, como a quantia do saque, para o lucro, dispondo a dita proporção  $465 : 465 - m :: S : L$ . Este achado, diminuido da quantia do saque, temos a da remeça.

Para se mostrar a verdade desta proporção, fazendo mudança por conversão inversa da razão na proporção fundamental, temos  $465 - m : 465 :: 800000 - z : 800000$ . Invertendo esta analogia  $465 : 465 - m :: 800000 : 800000 - z$ ; mas como  $800000 - z$ , he o lucro, substituindo em seu lugar,  $L$ ,  $465 : 465 - m :: 800000$ , ou  $S : L$ . Proporção que acima prescrevemos.

Quanto ao 5º, 6º, 7º, e 8º modo, para achar a quantia da remessa, he da mes-

ma



ma forte , que fica dito na primeira Classe para achar a quantia do retorno ; tratando a quantia do saque como capital , e lucro ; e a da remessa como capital. Os Praticantes habéis facilmente me entenderáõ.

Até agora temos supposto naõ haver despesas , nestes arbitrios , mas como sempre costuma have-las , he por isso preciso expôr o methodo de obrar , quando as houver ; mas antes disso devemos advertir , que nas Praças Estrangeiras quando o embolço se faz pelo primeiro , ou segundo modo costuma haver tres despesas , e quatro , quando o embolço he feito pelo terceiro. O Correspondente sobre quem se facca tem a sua commissaõ pelo desembolço da quantia do saque ; e o Correspondente a quem se remete , tem outra commissaõ pela cobrança da importancia da Letra da remessa , e huma corretagem pela compra da Letra , que remete á pessoa sobre quem se facca : sendo feito o embolço pelo segundo modo , os Correspondentes tem ambos as mesmas commissões , e neste caso aquelle sobre quem se facca tem entaõ huma corretagem pela venda do saque , que faz sobre o Correspondente a quem se remete : ultimamente sendo feito o embolço pelo terceiro modo o Correspondente sobre quem se facca tem as duas despesas de commissaõ , e corretagem , e o outro Correspondente tem outra commissaõ

faõ pelo desembolço da quantia que se facca sobre elle, e huma corretagem pela venda do faque feito sobre o Banqueiro. Na Praça propria ha tambem huma corretagem pela venda da Letra do faque, mas esta se calcula separadamente sobre a quantia do mesmo faque. Conhecidas as despezas para saber se ha lucro na execuçaõ do arbitrio o podemos achar de dois modos. Primeiro. Ir saber sem despezas sobre qual das Praças faz conta o faque, e depois ver se ainda cõm despezas, faz conta faccar sobre a mesma Praça. Consiste o segundo em suppõr que com despezas he conveniente o faque sobre huma das Praças; e achando-se que esta hypothese naõ subsiste, suppõr por segunda, que elle he conveniente sobre a outra Praça. Por quanto a achar-se que naõ subsiste a primeira hypothese póde proceder dos Cambios, ou das despezas; se proceder destas, a segunda hypothese tambem naõ ha de subsistir, mas procedendo dos Cambios, acharemos entaõ que esta subsiste.

No caso porém de subsistir a primeira hypothese, naõ será preciso suppõr segunda; pois que o resultado da primeira será sempre verdadeiro. Porque, dando a Praça propria o preço da unidade do Cambio, sabemos que he necessario, que o arbitrado seja menor; que o corrente, mas como as despezas tendem a diminuir o lucro, por conseguinte de-

veráõ augmentar o arbitrado , por isso naõ deixarão de fazer subsistir a hypothese , que na realidade subsistia. Reciprocamente para que a dita hypothese naõ subsista será necessario que o preço arbitrado seja maior que o corrente ; por tanto as despezas o augmentaráõ muito mais , tanto mais , quanto se pede para que a dita hypothese naõ subsista. Semelhantemente se discorreria se a Praça propria desse a unidade do Cambio. Passemos a tratar o methodo como ellas devem ser calculadas na regra conjuncta.

Se a Praça propria der a unidade do Cambio as despezas se collocaráõ nos antecedentes ; e dando o preço dessa unidade nos consequentes. Porque dando a Praça propria a unidade do Cambio para haver lucro , he preciso que o preço arbitrado desta , seja maior que o corrente , consistindo o lucro na differença dos Cambios ; logo quanto maior que o corrente for o preço arbitrado , tanto mais lucro haverá ; mas como as despezas tendem a diminuir o lucro , para que este venha menor , deveráõ diminuir o preço arbitrado , que he o termo interrogado , e para isso deveráõ collocar-se nos antecedentes. Discorrendo semelhantemente se conheceria que dando a Praça propria o preço da unidade do Cambio , as despezas se deverião collocar , como ensina a regra nos consequentes.

Quan-

Quanto á ordem que deve seguir-se na collocaçãõ das despezas , esta nas paridades he indifferente pelo que no exemplo já referido, suppondo querer-se fazer o embolço pelo primeiro modo , regulando-se cada commissaõ a  $\frac{1}{2}$  por cento, e a corretagem a  $\frac{1}{8}$  por cento, para se saber sobre qual das Praças faz conta saccar, disporemos qualquer das tres seguintes paridades.

1.<sup>a</sup>

$$\begin{aligned}
 ES \ 1 &= 30 \ DE \\
 100 &= 100 \frac{1}{2} \ DE \\
 100 &= 100 \frac{1}{8} \ DE \\
 99 \frac{1}{2} &= 100 \ DE \\
 66 &= 1000 \ rs. \\
 x &= 1 \ ES
 \end{aligned}$$

2.<sup>a</sup>

$$\begin{aligned}
 ES \ 1 &= 465 \ rs. \\
 100 \frac{1}{2} &= 100 \ rs. \\
 100 \frac{1}{8} &= 100 \ rs. \\
 100 &= 99 \frac{1}{2} \ rs. \\
 1000 &= 66 \ DE \\
 x &= 1 \ ES
 \end{aligned}$$

3.<sup>a</sup>

$$\begin{aligned}
 \text{Rs. } 465 &= 1 \text{ ES} \\
 100 &= 100 \frac{1}{2} \text{ ES} \\
 100 &= 100 \frac{1}{7} \text{ ES} \\
 99 \frac{1}{2} &= 100 \text{ ES} \\
 1 &= 30 \text{ DE} \\
 x &= 1000. \text{ rs.}
 \end{aligned}$$

Sendo porém feito pelo segundo, então as despesas se collocarão nas paridades, conforme a hypothese; para o que se suppõe o seguinte exemplo. O Cambio entre Londres, e Lisboa se acha a 65 *DE* por 1000 rs., e entre Londres, e Pariz a 30 *DE* por 1 *ES*; e entre Lisboa e Pariz a 420 rs. pelo mesmo *ES*. Suppondo que faz conta faccar sobre Londres, as paridades serão as seguintes, pelo primeiro modo de embolço, onde ha commissão de faque, commissão, e corretagem de remessa; o preço corrente da unidade do Cambio em moeda Estrangeira.

E

Rs.

1.<sup>a</sup>

$$\begin{aligned}
 \text{Rs. } 420 &= 1 \text{ ES} \\
 100 &= 99 \frac{1}{2} \text{ ES} \\
 100 \frac{1}{3} &= 100 \text{ ES} \\
 1 &= 30 \text{ DE} \\
 100 \frac{1}{2} &= 100 \text{ DE} \\
 \mathcal{N} &= 1000 \text{ rs.}
 \end{aligned}$$

2.<sup>a</sup>

$$\begin{aligned}
 \text{ES } 1 &= 420 \text{ rs.} \\
 99 \frac{1}{2} &= 100 \text{ rs.} \\
 100 &= 100 \frac{1}{3} \text{ rs.} \\
 1000 &= 66 \text{ DE} \\
 100 &= 100 \frac{1}{2} \text{ DE} \\
 \mathcal{N} &= 1 \text{ ES}
 \end{aligned}$$

3.<sup>a</sup>

$$\begin{aligned}
 \text{ES } 1 &= 30 \text{ DE} \\
 100 &= 99 \frac{1}{2} \text{ DE} \\
 100 \frac{1}{3} &= 100 \text{ DE} \\
 66 &= 1000 \text{ rs.} \\
 100 \frac{1}{2} &= 100 \text{ rs.} \\
 \mathcal{N} &= 1 \text{ ES}
 \end{aligned}$$

Armando as paridades pelo segundo modo de embolço, aonde ha commissaõ, e corretagem de faque, e commissaõ de remessa.

1.<sup>a</sup>

1.<sup>a</sup>

$$\begin{aligned}
 \text{Rs. } 420 &= 1 \text{ ES} \\
 100 &= 99\frac{1}{2} \text{ ES} \\
 1 &= 30 \text{ DE} \\
 100\frac{1}{2} &= 100 \text{ DE} \\
 100 &= 99\frac{7}{8} \text{ DE} \\
 \mathcal{N} &= 1000 \text{ rs.}
 \end{aligned}$$

2.<sup>a</sup>

$$\begin{aligned}
 \text{ES } 1 &= 420 \text{ rs.} \\
 99\frac{1}{2} &= 100 \text{ rs.} \\
 1000 &= 66 \text{ DE} \\
 100 &= 100\frac{1}{2} \text{ DE} \\
 99\frac{7}{8} &= 100 \text{ DE} \\
 \mathcal{N} &= 1 \text{ ES}
 \end{aligned}$$

3.<sup>a</sup>

$$\begin{aligned}
 \text{ES } 1 &= 30 \text{ DE} \\
 100 &= 90\frac{1}{2} \text{ DE} \\
 66 &= 1000 \text{ rs.} \\
 100\frac{1}{2} &= 100 \text{ rs.} \\
 100 &= 99\frac{7}{8} \text{ rs.} \\
 \mathcal{N} &= 1 \text{ ES}
 \end{aligned}$$

Armando as paridades pelo terceiro modo de embolço, aonde ha duas commiões de faque, e duas corretagens tambem de faque.

1.<sup>a</sup>

$$\begin{aligned}
 \text{Rs. } 420 &= 1 \text{ ES} \\
 100 \frac{1}{2} &= 100 \text{ ES} \\
 100 &= 99 \frac{7}{8} \text{ ES} \\
 1 &= 30 \text{ DE} \\
 100 \frac{1}{2} &= 100 \text{ DE} \\
 100 &= 99 \frac{7}{8} \text{ DE} \\
 \mathcal{N} &= 1000 \text{ rs.}
 \end{aligned}$$

2.<sup>a</sup>

$$\begin{aligned}
 \text{ES } 1 &= 420 \text{ rs.} \\
 100 &= 100 \frac{1}{2} \text{ rs.} \\
 99 \frac{7}{8} &= 100 \text{ rs.} \\
 1000 &= 66 \text{ DE} \\
 100 &= 100 \frac{1}{2} \text{ DE} \\
 99 \frac{7}{8} &= 100 \text{ DE} \\
 \mathcal{N} &= 1 \text{ ES}
 \end{aligned}$$

3.<sup>a</sup>

$$\begin{aligned}
 \text{ES } 1 &= 30 \text{ DE} \\
 100 \frac{1}{2} &= 100 \text{ DE} \\
 100 &= 99 \frac{7}{8} \text{ DE} \\
 66 &= 1000 \text{ rs.} \\
 100 \frac{1}{2} &= 100 \text{ rs.} \\
 100 &= 99 \frac{7}{8} \text{ rs.} \\
 \mathcal{N} &= 1 \text{ ES}
 \end{aligned}$$



Conhecendo-se pois sobre qual das Praças faz conta faccar com despezas, para se achar neste caso a quantia da remessa, na regra conjuncta, calcularemos as despezas nos consequentes: resta pois mostrar que a dita regra conjuncta, desta maneira disposta, nos dará em termo interrogado a quantia da remessa.

Isto supposto, resolvendo o primeiro exemplo acima, com as despezas mencionadas pelos actos separados da negoceação, iremos primeiro saber de quantos escudos seria a Letra que o Banqueiro deveria vender para receber,  $S$ , que se representa como quantidade do saque; para o que se disporá a seguinte proporção  $465 : 1 :: S : a, e, a$ , mostrará os escudos de que elle se constitue devedor ao seu Correspondente de Pariz; mas como este tem huma commissão a  $\frac{1}{2}$  por cento no mesmo,  $a$ ; e como esta commissão he de saque, será augmentando em cem, e por isso a proporção, cujo quarto termo der a quantia, de que o Banqueiro fica devedor ao seu Correspondente, será  $100 : 100 \frac{1}{2} :: a : b$ . Para reduzir,  $b$ , escudos a,  $DE$ , armaremos a analogia seguinte  $1 : 30 :: b : c : e, c$ , mostrará os  $DE$  de que deve constar a Letra de que Londres se deve remeter a Pariz; mas como o Correspondente de Londres paga a corretagem desta Letra a  $\frac{1}{3}$  por cento, segue-se que

def-

desembolçará huma quantia maior que,  $c$ , a sua corretagem a  $\frac{1}{8}$  por cento, porém como esta corretagem he de remessa, deverá por isso ser calculada, augmentando em cem, pelo que a proporção que deve dispôr-se para saber a totalidade que o Correspondente de Londres desembolça, será  $100 : 100\frac{1}{8} :: c : d$ ,  $e$ ,  $d$ , representará a quantia de que o Banqueiro lhe he por tanto devedor; mas como este Correspondente tem a sua commissão a  $\frac{1}{2}$  por cento da importancia que cobra, o Banqueiro lhe deverá por consequencia remeter huma quantia maior que,  $d$ , e a sua mesma commissão a  $\frac{1}{2}$  por cento, a qual será diminuido em cem, por ser de remessa, pelo que a analogia que se deve armar, para se achar a dita quantia, será pois  $99\frac{1}{2} : 100 :: d : e$ ,  $e$ ,  $e$ , representará os  $DE$  de que deve constar a Letra da remessa, e finalmente para saber quantos réis lhe correspondem, disporemos esta proporção  $66 : 1000 :: e : z$ , que será a quantia da remessa.

Simplificando as segundas razões das sobreditas proporções, e dispondo os termos depois, segundo a ordem da regra conjuncta, teremos

Rs.

$$\begin{aligned} \text{Rs. } 465 &= 1 \text{ ES} \\ 100 &= 100 \frac{1}{2} \text{ ES} \\ 1 &= 30 \text{ DE} \\ 100 &= 100 \frac{1}{8} \text{ DE} \\ 99 \frac{1}{2} &= 100 \text{ DE} \\ 66 &= 1000 \text{ rs.} \\ z &= 5 \text{ rs.} \end{aligned}$$

Cujos termos se vêem dispostos, conforme dissemos, a fim que o termo interrogado fosse com effeito a quantia da remessa. Este póde tambem achar-se, por qualquer dos methodos annunciados, huma vez que se tenha antecedentemente calculado com as despezas, o preço arbitrado.

Temos visto que por diversos modos, se póde calcular a quantia da remessa, segue-se, que tendo-a achado por hum dos methodos, para a verificar a iremos calcular por outro diverso.

Tambem a poderemos comprovar, indo achar a quantia do saque, por huma regra conjuncta, que deverá principiar pelo Cambio da remessa, na qual as despezas se deverão collocar nos antecedentes, e cujo termo interrogativo, será a quantia da remessa; dispondo-a (suppondo o segundo exemplo acima dito) teremos

Rs.

$$\begin{aligned}
 \text{Rs. } 420 &= 1 \text{ ES} \\
 100 \frac{1}{2} &= 100 \text{ ES} \\
 1 &= 30 \text{ DE} \\
 100 &= 99 \frac{1}{2} \text{ DE} \\
 100 \frac{1}{3} &= 100 \text{ DE} \\
 65 &= 1000 \text{ rs.} \\
 S &= \approx \text{ rs.}
 \end{aligned}$$

E com effeito ferá facil demoſtrar, que o termo interrogado deſta regra conjuncta, deve ſer a quantia do ſaque; porque para haver lucro he neceſſario, que eſta venha maior, que a da remeſſa, conſiſtindo todo a maioria na differença dos Cambios: logo quanto for maior eſta differença, tanto maior ferá o lucro; mas como as deſpezas tendem a diminuir-la, deveráo tambem diminuir a differença, e por conſeſquite para que a quantia do ſaque venha menor, e para eſſe fim deveráo por tanto collocar-ſe nos antecedentes.

Ainda a podemos comprovar, por mais dois modos. Primeiro, indo achar o Cambio corrente por huma regra conjuncta, a qual principiará pelo Cambio arbitrado, as deſpezas mais o lucro, ſe calculaõ nos antecedentes, e o termo interrogativo, he a unidade do Cambio corrente; (ſendo o preço corrente da unidade do Cambio em Moeda Eſtrangeira.) Diſpondo-a, ſuppondo que o Cambio arbitrado neſte ſegundo exemplo he, *n.*

Rs.

$$\begin{aligned}
 \text{Rs. } 1000 &= n \text{ DE} \\
 100 &= 99 \frac{1}{2} \text{ DE} \\
 100 \frac{1}{2} &= 100 \text{ DE} \\
 100 \frac{1}{3} &= 100 \text{ DE} \\
 100 + L &= 100 \text{ DE} \\
 n &= 1000 \text{ rs.}
 \end{aligned}$$

Porque para haver lucro, he necessario que o Cambio arbitrado, seja maior que o corrente; e como na differença dos Cambios consiste o lucro mais as despezas, segue-se que tirando estas, e o lucro ao maior, teremos o menor: motivo porque se calculaõ nos antecedentes; e por conseguinte a regra conjuncta para achar o Cambio arbitrado, (que he o segundo modo) será

$$\begin{aligned}
 \text{Rs. } 1000 &= 65 \text{ DE} \\
 99 \frac{1}{2} &= 100 \text{ DE} \\
 100 &= 100 \frac{1}{2} \text{ DE} \\
 100 &= 100 \frac{1}{3} \text{ DE} \\
 100 &= 100 + L \text{ DE} \\
 n &= 1000 \text{ rs.}
 \end{aligned}$$

Que pela razaõ acima se vê, que assim deve ser disposta a regra conjuncta. Se a Praca propria desse o preço da unidade do Cambio, as despezas mais o lucro se calculariaõ pelo contrario, o que facilmente se conhece pelo que fica dito.

*Da Terceira Classe de Arbitrios de Cambios.*

Os arbitrios desta Classe, consistem em combinar os preços correntes do Cambio de duas Praças, com o de huma terceira, para saber se he mais conveniente, vender na Praça propria, huma Letra saccada sobre huma das Praças Estrangeiras, se manda-la vender na outra, saccando sobre esta huma quantia que possa ser paga pelo que nella produzir a venda da dita Letra. De cuja deffinição se conclue, que nesta terceira Classe de arbitrios, he preciso tambem saber, sobre qual das Praças faz conta saccar, dispondo para isso como na segunda Classe as mesmas paridades; e applicar-lhe a proposição já mencionada; mas he de advertir, que nesta Classe de arbitrios, costuma-se ordinariamente dispôr-se a paridade entre a Praça propria, e aquella aonde se deve mandar vender a Letra, que se chama a Praça entremedia.

Para fazer pois mais perceptivel a precedente proposição, supporemos que hum Banqueiro tem huma Letra de *DE*, saccada sobre Londres, ao Cambio de 63 *DE* por 1000 réis, mas sabendo que o Cambio entre Londres, e Pariz he a 30 *DE*, por hum *ES*, e entre Pariz, e Lisboa a 480 réis pelo mesmo *ES*, pertende saber se lhe será mais con-

veniente vender na Praça propria a dita Letra, se manda-la vender a Pariz, faccando sobre esta Praça huma quantia tal, que possa ser paga pelo producto da venda da dita Letra.

Isto supposto, para saber se faz conta faccar sobre Pariz, deveremos dispôr a seguinte paridade.

$$\begin{aligned} ES \ 1 &= 30 \ DE \\ 63 &= 1000 \ rs. \\ x &= 1 \ ES \end{aligned}$$

Calculando o valor de,  $x$ , teremos  $476 \frac{4}{27}$  réis por 1 *ES*, e applicando-lhe a proposição, concluiremos que com effeito he mais conveniente faccar sobre Pariz.

Conhecendo-se pois, que he mais conveniente mandar vender a Letra a Pariz, para saber a quantia que sobre esta Praça se pôde faccar, se poderá achar pelos mesmos oito modos, que ficaõ ditos, na primeira Classe, para achar a quantia do retorno.

Primeiro. Pelos actos da negoceação, o que he facil de entender pelo que fica já dito.

Segundo. Por huma regra conjuncta, tirada do primeiro modo, a qual começa pelo Cambio entre as duas Praças Estrangeiras, e o termo interrogativo, he a quantia da remessa. Advertindo que o Cambio da remessa, não entra nesta regra conjuncta, porque a

quantia da remessa he já dada em moeda Estrangeira, por quanto se fosse dada em moeda propria, feria por ella que deveria entãõ principiar.

Terceiro. Por huma proporçaõ, em cuja he sempre o Cambio menor para o maior, como a quantia da remessa para a do saque, e esta proporçaõ he inversa, quando a Praça propria dá a unidade do Cambio, á Praça sobre que sacca; e directa quando a esta ella dá o preço da dita unidade.

Quanto aos mais modos, se acha a quantia do saque, da mesma fórma, que na primeira Classe a quantia do retorno; e por isso he escusado trata-los em particular.

Nesta Classe de arbitrios, costuma haver na Praça entremedia huma commissaõ, e huma corretagem; pertence a commissaõ ao Correspondente, por desembolçar a quantia sobre elle saccada, e a corretagem pela venda da Letra que se lhe remete.

No Exemplo acima, sendo a commissaõ a  $\frac{1}{2}$  por cento, e a corretagem a  $\frac{1}{3}$  por cento, para se achar a quantia do saque pela regra conjuncta, as despezas se deverãõ calcular nos antecedentes.

Para mostrar pois a evidencia da dita regra conjuncta, resolveremos o supposto exemplo pelos actos da negoceaçaõ, e veremos que primeiramente se deveria ir saber quantos



tos escudos receberia o Correspondente de Pariz pela venda da Letra de,  $r$ ,  $DE$ , que se suppõem ser a quantia da remessa para o que se dispõe a seguinte proporçaõ,  $30:1::r:a$ ,  $e$ ,  $a$ , será a quantia, de que deve pagar-se a corretagem a  $\frac{1}{3}$  por cento: logo para saber o que resta, depois de paga a dita corretagem se disporá a analogia seguinte, na qual calculando-a, diminuindo em cem, por ser de faque, teremos entaõ,  $100:99\frac{2}{3}::a:b$ ,  $e$ ,  $b$ , representará os escudos, de que deverá constar a Letra, que o Banqueiro faccar sobre o seu Correspondente de Pariz; mas como este tem a sua commissaõ a  $\frac{1}{2}$  por cento da quantia que se faccar sobre elle, segue-se que esta deverá ser menor que,  $b$ , a sua commissaõ a  $\frac{1}{2}$  por cento; por conseguinte para a achar será a seguinte proporçaõ, na qual calculando a dita commissaõ por ser de faque augmentando em cem, teremos  $100\frac{1}{2}:100::b:c$ , e finalmente para saber quantos réis deve receber-se pela venda da Letra de,  $c$ , escudos, se disporá a proporçaõ  $1:480::c:z$ , que será por consequencia a quantia do faque. Simplificando as segundas razões destas analogias, e collocando os termos conforme se usa na regra conjuncta, conseguiremos

$$\begin{aligned}
 DE \ 30 &= 1 \ ES \\
 100 &= 99 \frac{2}{3} \ ES \\
 100 \frac{1}{2} &= 100 \ ES \\
 1 &= 480 \ rs. \\
 z &= r \ DE
 \end{aligned}$$

Cujos termos se achão dispostos, conforme se tinha anunciado, para que resultasse em termo interrogado a quantia do saque.

Esta tambem se póde achar, por qualquer dos modos já referidos, calculando com despezas o Cambio arbitrado.

Conhecida pois a dita quantia do saque para achar o lucro, reduz-se a da remessa á mesma moeda, e se diminue da do saque.

Como sabemos que por diversos modos se póde achar a quantia do saque, segue-se que tendo-a achado por hum, para a comprobar, a iremos achar por outro; ou tambem se póde verificar, indo achar a quantia da remessa por huma regra conjuncta, a qual deverá começar pelo Cambio do saque, as despezas se calcularaõ nos consequentes, e o termo interrogativo será a quantia do saque; dispondo-a

$$\begin{aligned} \text{Rs. } 480 &= 1 \text{ ES} \\ 99 \frac{7}{8} &= 100 \text{ ES} \\ 100 &= 100 \frac{1}{2} \text{ ES} \\ 1 &= 30 \text{ DE} \\ r &= 2 \text{ rs.} \end{aligned}$$

Cuja evidencia se mostra conforme fica dito na segunda Classe; como tambem se a quizeffemos comprovar, indo achar qualquer dos Cambios.

*Da quarta Classe de Arbitrios de Cambios.*

Os arbitrios desta Classe acontecem quando hum Commerciante naõ achando Letra para remeter ao feu Correspondente, faccada directamente sobre a Praça aonde este existe, lha remete sobre huma terceira Praça, pelo Cambio corrente: elles consistem em conhecer, a que Cambio, deve o Correspondente vender a dita Letra, para que receba a mesma importancia, que receberia se a remessa tivesse sido feita directamente.

Segue-se pois desta deffinição, que a operação dos arbitrios desta Classe, consiste em calcular o Cambio entre a Praça propria, e a terceira, advertindo-se porém que nesta Classe de arbitrios, se suppõe ser a Praça propria aquella aonde está a pessoa, a quem se remete a Letra.

Para illustrar a sobredita deffinição; supponhamos que hum Negociante de Amsterdaõ he devedor de 20000 *FB* ao seu Corresponde de Lisboa, e que o Cambio entre estas duas Praças está a 46 *DGB* por 1 *CR*, mas naõ achando quem lhe vendesse Letra da dita importancia saccada sobre Lisboa, a compra sobre Londres, ao Cambio de 33 *SG* por 1 *LE*, e a remete ao dito Corresponde de Lisboa, o qual pertende saber a que Cambio a deve vender, para receber a mesma importancia, que receberia, se o seu Corresponde lhe tivesse remetido saccada directamente sobre Lisboa. Reduz-se pois o exemplo a descobrir hum Cambio, que esteja em paridade com os dois conhecidos, para o que se disporá a seguinte regra conjuncta.

$$\begin{aligned}
 \text{Rs. } 400 &= 46 \text{ } DG \\
 12 &= 1 \text{ } SG \\
 33 &= 1 \text{ } LE \\
 1 &= 240 \text{ } DE \\
 \omega &= 1000 \text{ rs.}
 \end{aligned}$$

Cujo resultado 60  $\frac{2}{3}$  *DE* por 1000 rs., será o Cambio pelo qual se deve vender a Letra.

Nesta Classe de arbitrios, quando huma Letra vier saccada, sobre huma Praça, em que a Praça propria der a unidade do Cambio,

bio, he preciso para haver lucro, que o Cambio corrente, seja menor que o calculado, e maior que este, quando ella lhe der o preço da mesma unidade. Porque suppondo que o meu Correspondente de Amsterdaõ, me remete huma Letra saccada sobre Londres, e como a hei de vender na Praça propria, logo quanto menos *DE* eu der por 1000 rs. mais lucro tenho, e para isso he necessario que o corrente seja menor que o calculado. Reciprocamente se discorrerá no caso da Praça propria dar o preço da unidade do Cambio, á terceira Praça.

Conhecido pois o Cambio calculado, para o verificar, reduziremos em primeiro lugar, a importancia da Letra a moeda propria, pelo respectivo Cambio, e depois pelo Cambio corrente, e calculado; e se forem identicas as quantias que resultarem, concluiremos, que o dito Cambio calculado, he com effeito verdadeiro.

Costuma nesta Classe de arbitrios, haver na Praça propria huma corretagem pela venda da Letra, que por ser de saque he diminuindo em cem. Na paridade que se dispõem, para saber a que Cambio se deve vender a Letra, se observa com esta despeza a regra já referida na segunda Classe.

No caso de querer o Correspondente ter na venda da Letra, hum tanto por cento de

lucro este se calculará como a despeza, sendo porém calculado augmentando em cem. Neste caso para se comprovar o Cambio achado, se procede como temos dito, attendendo á despeza, e lucro que tambem entraõ no calculo, como vamos mostrar. Suppondo o mesmo exemplo acima, e que o Correspondente quer saber a que Cambio deve vender a Letra, que depois de paga a corretagem a  $\frac{1}{8}$  por cento, tenha de lucro 5 por cento.

Dispondo a regra conjuncta para achar o Cambio calculado, ou aquelle porque deve vender a Letra, depois de paga a despeza, incluindo o lucro, teremos

$$\begin{aligned}
 \text{Rs. } 400 &= 46 \text{ DGB} \\
 12 &= 1 \text{ SG} \\
 33 &= 1 \text{ LE} \\
 1 &= 240 \text{ DE} \\
 100 &= 99 \frac{7}{8} \text{ DE} \\
 105 &= 100 \text{ DE} \\
 y &= 1000 \text{ rs.}
 \end{aligned}$$

Facilmente se conhece pelo que fica dito, que a despeza mais o lucro devem ser calculados nos antecedentes; pelo contrario se a Praça propria desse o preço da unidade do Cambio.

Indicando nesta regra conjuncta o valor de,

$y$ , teremos,  $y = \frac{46 \times 240 \times 99\frac{7}{8} \times 1000}{400 \times 12 \times 33 \times 105}$ , cujo valor achado produzirá o Cambio calculado.

Para conhecermos se he verdadeiro, ou não; passemos a comprova-lo pela regra já ensinada, e dispondo a regra conjuncta para reduzir a importancia da Letra a moeda propria pelo respectivo Cambio, teremos

$$FB \ 1 = 40 \ DGB$$

$$46 = 400 \ rs.$$

$$99\frac{7}{8} = 100 \ rs.$$

$$100 = 105 \ rs.$$

$$a = 20000 \ FB \therefore a = \frac{40 \times 400 \times 105}{46 \times 99\frac{7}{8}}$$

Dispondo a regra conjuncta para achar a mesma quantia, pelo Cambio corrente, e calculado, teremos

$$FB \ 1 = 40 \ DGB$$

$$12 = 1 \ SG$$

$$33 = 1 \ LE$$

$$1 = 240 \ DE$$

$$\frac{46 \times 240 \times 99\frac{7}{8} \times 1000}{400 \times 12 \times 33 \times 105} = 1000 \ rs.$$

$$a = 20000 \ FB \therefore a = \frac{40 \times 400 \times 105}{46 \times 99\frac{7}{8}}$$

Valor identico com o de cima, e por conseguinte verdadeiro o Cambio calculado. Na primeira regra conjuncta que dispozemos para provar o Cambio calculado, as despezas se calculáraõ nos consequentes o que he facil de entender.

*Da quinta Classe de Arbitrios de Cambios.*

Os arbitrios desta quinta, e ultima classe consistem quando hum Commetente ordena ao seu Commissario, que saque, ou remeta por sua conta sobre certa Praça por hum Cambio determinado, e que depois remeta ou saque sobre elle tambem por outro Cambio determinado, e succede quando chega a dita ordem, os Cambios se achaõ diversos do que nella vem declarados: consiste entaõ o arbitrio em conhecer o Commissario a que Cambio deve saccar, ou remeter ao seu Commetente, para que sem prejuizo seu possa executar a ordem delle.

Por esta deffinição se conhece, que a Praça propria nesta Classe de arbitrios, he aquella aonde está o Commissario, pois que este he que executa o arbitrio.

Isto supposto, suppondo que o dito Commissario tem ordem de remeter a huma Praça, e de saccar depois sobre o seu Commetente, tudo na conformidade da mencionada

dcf-



definição, para elle saber a que Cambio deve fazer este saque, disporá huma analogia, que humas vezes será directa, e outras inversa, como veremos discorrendo sobre os tres seguintes Problemas.

1.º Hum Commerciante de Lisboa, ordenou ao seu Correspondente de Pariz, que remetesse a Londres huma Letra de, *a*, *LE* ao Cambio de 30 *DE* por 1 *ES*, e que faccasse depois sobre elle ao Cambio de 420 rs. pelo mesmo *ES*, mas chegando esta ordem quando o Cambio entre Londres, e Pariz estava a 29 *DE* por 1 *ES*, pertende-se saber a que Cambio deve o dito Correspondente faccar sobre o seu Commitente?

Se o Correspondente executasse a ordem do seu Commitente, pelo Cambio determinado na compra que fizesse da Letra, *a*, *LE* desembolçaria 1 *ES* por cada 30 *DE* que recebesse em Letra, mas como elle só o póde executar pelo Cambio corrente, he manifesto, que receberá então sómente 29 *DE* pelo mesmo escudo que desembolçar, por tanto para não ter prejuizo, he necessario que saque sobre o seu Commitente a hum Cambio tal, que por cada escudo que receber, dê em Letra hum número de réis menor que 420 rs. donde se conclue que com menos vamos buscar menor, e por isso neste caso a proporção será directa.

2.<sup>o</sup> Hum Negociante de Lisboa, ordenou ao seu Correspondente de Amsterdaõ, que remetteste a Londres huma Letra de, *a*, *LE* ao Cambio de 33 *SG* por 1 *LE*, e que para seu embolço faccasse sobre elle ao Cambio de 46 *DGB* por 1 *CR*, succedendo porẽm que ao tempo de chegar esta ordem, o Cambio entre Londres, e Amsterdaõ, era a 34 *SG* pela mesma *LE*, pertende-se saber a que Cambio deve elle faccar, sobre o Negociante de Lisboa? Discorrendo pois neste Problema como no precedente, concluiremos que para o Correspondente naõ ter prejuizo deverá faccar sobre Lisboa a hum Cambio tal, que por cada 1 *CR* que dê em Letra receba mais de 46 *DG*, donde se collige que vamos com mais buscar mais, e por conseguinte neste caso, a proporçaõ será tambem directa.

3.<sup>o</sup> Hum Commerciante de Lisboa, ordenou ao seu Correspondente de Londres, que remetteste a Amsterdaõ huma Letra de, *a*, *FB* ao Cambio de 33 *SG* por *LE*, e que depois faccasse sobre elle, ao Cambio de 65 *DE* por 1000 rs. porẽm acontecendo achar-se o Cambio no tempo de chegar a ordem a 32 *SG* por *LE*; pertende saber-se qual será o Cambio, porque o Correspondente deve faccar sobre o seu Commetente?

Discorrendo pois como nos outros Problemas, concluiremos similhantemente, que

para o Correspondente não ter prejuizo na execucao da ordem do seu Commetente, deverá faccar sobre Lisboa, a hum Cambio tal, que por cada 1000 rs. que dê em Letra reciba mais de 65 DE, logo vamos com menos buscar mais, e por consequencia a proporcao neste caso será inversa.

Do que temos dito podemos em geral concluir, que a proporcao será directa quando os preços da unidade do Cambio forem ambos em moeda propria, ou ambos em moeda estrangeira, seja esta a mesma, ou diferente; inversa quando os ditos preços forem, hum em moeda propria, e outro em moeda estrangeira.

Se porém o Commerciante, tivesse ordem do seu Commetente para faccar sobre huma Praça, e lhe remeter depois tudo na conformidade da deffinição, para conhecer o Cambio porque deveria remeter, disporia igualmente huma analogia, que seria directa, ou inversa nos mesmos casos, em que a he acima; o que claramente se entende.

Conhecido o Cambio do saque, para o verificar se dispõem duas regras conjunctas, por huma das quaes se calcula quanto produziria em moeda da Praça do Commetente o saque, se este, e a remessa se executassem pelos Cambios determinados; e pela outra quanto o dito saque teria produzido na mesma

ma moeda, se este, e a remessa se tivessem feito pelos Cambios corrente, e calculado; e se as quantias forem identicas, concluiremos que o Cambio he verdadeiro, como vamos a mostrar.

Suppondo o primeiro Problema acima, e que a remessa que se fez a Londres foi de 100 LE, para achar o Cambio do saque se disporá a seguinte proporção, conforme temos dito:  $30 : 29 :: 420 : x$ , e,  $x$ , será o Cambio do saque, indicando o seu valor, teremos  $x = \frac{29 \times 420}{30}$ : dispondo a primeira regra conjuncta, como acima dissemos, teremos

$$LE \ 1 = 240 \ DE$$

$$30 = 1 \ ES$$

$$1 = 420 \ rs.$$

$$a = 100 \ LE :: a = \frac{240 \times 420 \times 100}{30}$$

Dispondo a segunda regra conjuncta, teremos

$$LE \ 1 = 240 \ DE$$

$$29 = 1 \ ES$$

$$1 = \frac{29 \times 420}{30} \ rs.$$

$$a = 100 \ LE :: a = \frac{240 \times 420 \times 100}{30}$$

Valor identico com o de cima, e por conseguinte verdadeiro o Cambio do saque. Similhantermente se pratica quando o Cambio que se deseja comprovar he o da remessa.

Nesta classe de arbitrios costuma haver na Praça propria duas corretagens, huma de saque, outra de remessa; nunca se costuma a calcula-las sobre o Cambio que se procura; e só se pagaõ quando se remete o Extracto das contas correntes, como já fica advertido. Porém podem serem calculadas como se vai a ver no seguinte Exemplo.

Hum Negociante de Amsterdaõ, ordenou seu Correspondente de Lisboa, que remetesse a Londres huma Letra de 200 *LE* ao Cambio de 65 *DE* por 1000 rs., e que depois para seu embolço faccasse sobre elle ao Cambio de 44 *DG* por *CR*, mas chegando esta ordem ao tempo que o Cambio entre Londres, e Lisboa se achava a 68 *DE* por 1000 rs.: pertende-se saber, a que Cambio deve o dito Correspondente saber sobre o seu Commetente, advertindo que pagou duas corretagens huma pela compra da Letra da remessa, e outra pela venda da Letra do saque a  $\frac{1}{8}$  por cento cada huma.

Resolvendo o supposto Problema pelos actos separados da negoceaçaõ a proporçaõ para achar o Cambio do saque conforme os principios já ditos, será a seguinte 65:68::

H

44:

44:  $a, e, a$ , será o Cambio do faque, ou aquelle em que se devem calcular as corretagens: calculando a primeira, que por ser de remessa he augmentando em cem, teremos a proporção  $100\frac{1}{8}:100::a:b$ . Calculando a segunda que por ser de faque será diminuindo em cem, teremos a proporção  $100:99\frac{7}{8}::b:z, e, z$ , será o verdadeiro Cambio do faque, ou aquelle porque deve faccar o Correspondente sobre o seu Commetente.

Destas proposições se tira a seguinte regra conjuncta, examinando com toda a attenção.

$$\begin{aligned} \text{Rs. } 1000 &= 68 \text{ DE} \\ 100\frac{1}{8} &= 100 \text{ DE} \\ 65 &= 1000 \text{ rs.} \\ 100 &= 99\frac{7}{8} \text{ rs.} \\ 400 &= 44 \text{ DG} \\ z &= 400 \text{ rs.} \end{aligned}$$

Cuja regra conjuncta principia pelo Cambio corrente, as despezas se achão calculadas nos antecedentes, e o termo interrogativo, he a unidade do Cambio do faque.

Similhanamente se discorreria, se os preços da unidade do Cambio fosse hum em moeda propria, e outro em moeda Estrangeira.

Querendo porém o Correspondente con-

seguir alguns tantos por cento de lucro na execuçaõ do arbitrio, estes se calcularaõ por huma proporçaõ sobre o Cambio achado. Se a Praça propria der a unidade do Cambio, á Praça sobre que facca, a proporçaõ será cem, mais os tantos por cento de lucro, está para cem; como o Cambio achado está para aquelle porque se deve faccar; dando o preço, será a mesma proporçaõ com a primeira razaõ invertida. Pelo que fica dito he facil de entender.

### *Da Pratica das Letras de Cambio.*

Temos até agora tratado do Commercio que se executa por meio das Letras de Cambio, e por isso passemos a tratar dos principaes estilos, que devem observar-se a respeito dellas. Mas antes de fallarmos destes estilos daremos huma breve noticia da significação das palavras, de que se usa nas Letras de Cambio.

Já dissemos que o Cambio real he a cessaõ que hum Negociante fará a outro dos cabedaes que possui em Paizes Estrangeiros por meio de hum preço convencionado entre ambos, e que esta cessaõ se executa por meio de hum contrato mercantil, chamado Letra de Cambio.

Esta Letra costuma pois ordinariamente

comprender quatro pessoas , que são : o Passador , o Tomador , o Aceitante , e o Portador. He o Passador quem vende a Letra , o Tomador quem a compra , o Aceitante quem a paga , e o Portador quem a cobra. Algumas vezes succede porém entrarem na Letra sómente tres , ou duas pessoas ; mas outras vezes entraõ mais de quatro como acontece quando ha indossos. As ditas Letras comprehendem dois contratos hum de compra , e venda , e outro de commissaõ , ou mandato : he o primeiro sempre entre o Passador , e o Tomador ; o segundo porém póde fer entre o Passador , e o Aceitante , ou entre o Tomador , e o Portador.

Nas Letras de Cambios deve a data fer do dia em que se passaõ , que he nos de correio. O ajuste do Cambio faz-se na vespera. A data põem-se no principio do lado esquerdo , e antes della o nome da Praça em que se passaõ , e no lado direito a quantia da Letra , e o Cambio em algarismos ; advertindo-se que este declara sómente quando a quantia vai em moeda propria , o que succede conforme o uso das Praças. Em Lisboa vai em moeda propria para as Praças , a quem esta Cidade dá a unidade do Cambio , e em moeda Estrangeira para aquellas a quem ella dá o preço da dita unidade , e he tambem estilo nesta Praça ir na moeda de Cambio.



A expressãõ da quantia, e Cambio vão igualmente no corpo da Letra por extenso, a fim de que no caso de engano seja valida nesta segunda.

He de advertir que quando se diz, que o Cambio entre duas Praças corre a hum certo preço, entende-se que he a uso entre aquellas Praças; pelo que elle deverá diversificar nas Letras que não forem passadas ao dito uso, e esta differença regula-se commummente a  $\frac{1}{2}$  por cento ao mez.

Nas ditas Letras póde ir declarado o tempo para o pagamento por quatro modos diversos, que são, á vista, tantos dias de vista, a tantos dias de data, e a uso, ou usança. Sendo á vista, o Aceitante deve paga-la logo que se lhe apresentar: sendo a tantos dias de vista, deve paga-la passados effes, e os da cortezia do estilo da Terra; devendo advertir-se, que os dias de vista contaõ-se do dia immediato seguinte áquelle em que se apresenta a Letra: sendo a tantos dias de data, elle a deve pagar passados effes, e os da cortezia, advertindo-se tambem que os dias de data contaõ-se do immediato seguinte ao da data da Letra: finalmente sendo a uso, ou usança, deve paga la concluida esta, e os dias de cortezia. A dita usança costuma ser a tantos dias de vista, ou data conforme o estilo da Praça.

As ufanças entre Lisboa, e as sete Praças com quem ella tem Cambio aberto, são as seguintes : Entre Lisboa, e Londres 30 dias de vista. Entre Lisboa, e Madrid, ou Cadis 15 dias de vista. Entre Lisboa, e Pariz, ou Amsterdaõ 60 dias da data, e entre Lisboa, e Genova, ou Leorne 3 mezes de data. Em Lisboa quando o dia do vencimento da Letra he Domingo, ou Dia Santo, o Aceitante a deve pagar na vespera. Quando nas Letras se não declara tempo para o pagamento, entende-se que este deverá ser á vista.

O Passador he obrigado a dar ao Tomador o numero de vias que este lhe pedir, que costuma ordinariamente constar de tres até quatro, e deve dar a ultima quando receber o dinheiro do Tomador, a quem esta fica servindo de recibo, a qual he superflua nas Praças onde ha Bancos públicos, pois que pelos Livros destes, consta ter-se realizado, ou não o pagamento. Quanto á sua formalidade esta deve ser em todas a mesma com a differença porém, que na primeira se expressa = Por esta primeira de Cambio, não o havendo feito pela segunda, ou terceira &c. = E na segunda = Por esta segunda de Cambio, não o havendo feito pela primeira, ou terceira &c. = E assim nas outras, na ultima das quaes se declara = Valor recebido do Sr.  
F.

F. = Em lugar que nas outras só se expressa  
 = Valor do Sr. F. = E no fim se põe primeira, segunda, ou terceira, conforme o numero das vias.

A palavra = á ordem = que se põe nas Letras de Cambio, serve para evitar huma Procuração que aliás seria necessaria que o Tomador remetesse ao Portador para que este podesse por ella cobrar a importancia da dita Letra:

Podem pois as Letras de Cambio ser passadas á ordem de cada huma das quatro pessoas, que diffemos nellas se comprehendiaõ commummente podendo por dois differentes motivos ser passadas á ordem do Aceitante: Primeiro quando este he ao mesmo passo Correspondente do Passador, e Tomador: segundo quando o Passador facca sobre elle por huma conta, e lhe remette por outra.

As expressões = Valor do Sr. F. = e = Valor recebido Sr. F. = referem-se ao Tomador, declarando a primeira, que este ainda não tem pago a importancia da Letra, e mostrando a segunda, que a dita importancia já está satisfeita: põem-se esta segunda expressaõ na ultima via, como fica dito, para que no caso do Tomador fallir de crédito antes de pagar a importancia da Letra, o Passador a possa cobrar por inteiro dos bens do Tomador fallido.

A expressão = Valor em conta = Póem-se quando o Passador não recebe em pagamento da Letra dinheiro effectivo, mas sim generos, ou quando elle tem contas com o Tomador.

Huma Letra de Cambio póde ser assignada não só pelo Passador, mas por qualquer outra pessoa, que delle tiver Procuração; sendo porém o Passador quem em todo o caso fica responsavel pela importancia della, quando por algum motivo o Aceitante a não pagar.

O Aceitante de huma Letra de Cambio deve ser pessoa que assista na Praça sobre o que a Letra he faccada, que tenha a idade que requer a Lei do seu Paiz para poder obrigar-se pela sua acceitação, mas elle póde tambem assistir em Praça diversa por este motivo, e quando o Passador suspeita, que elle não quererá acceitar a sua Letra para que lhe não seja recambiada põe no fim della = Sendo preciso requerer-se-ha ao Sr. F. =

No caso pois do Aceitante assistir em Praça diversa, o daquella onde deve fazer-se o pagamento, o Passador entregará ao Tomador a segunda via, no fim da qual se declara o nome da pessoa, em cujo poder se ha de achar a primeira, e ficando com esta a remette depois a hum Correspondente seu na Praça do Aceitante, para que este procure a accei-

ceitação della, e a remeta a outro Corresponde-  
dente do Passador, que assista na Praça aonde  
deve fazer o pagamento, para que este a te-  
nha em seu poder até que o Portador lhe  
apresente a segunda via, á vista da qual de-  
ve entregar a primeira, depois de ter na se-  
gunda riscado as expressões = a primeira pa-  
ra a acceitação nas mãos do Sr. F. = e posto  
por cima = Entregue ao Sr. F. =

Acceitar huma Letra de Cambio he obri-  
gar-se a pagar a sua importancia. Esta accei-  
tação deve ser feita pela pessoa sobre quem  
a Letra he saccada, e costuma escrever-se por  
baixo da assignatura do Passador. Ella não  
tem lugar nas Letras que vão á vista, e nas  
que não leuão tempo declarado.

Acceitação deve ter data só quando a Le-  
tra for a tantos dias de vista, e sendo estilo  
geral deixa-la ficar o Portador, alguns dias  
em poder do Acceitante para que este possa  
ver as Cartas do Passador: e lhe deve pôr  
na data da acceitação o dia em que lhe foi  
apresentada, e a deve entregar ao Portador  
com acceitação, ou sem ella, antes da parti-  
da do Correio seguinte, para este poder avi-  
sar o Tomador, que a Letra está, ou não  
acceita, e neste segundo caso deve mandar  
tirar o protesto da falta da acceitação, e re-  
mete-lo ao dito Tomador. O Acceitante ain-  
da que não acceite a Letra, se quando o Por-

tador lha apresentou, prometteo de acceitar, fica obrigado ao pagamento della.

O Portador deve estar pela acceitação quando o Acceitante a fizer sobprotesto, isto he por conta de outra pessoa, que não seja o Passador, e quando a acceitar por parte da sua importancia, neste ultimo caso deve mandar tirar protesto pela outra parte; porém nos mais casos em que o Acceitante a quizer acceitar condicionalmente, elle não deve estar por esta acceitação devendo por tanto mandar tirar o protesto da falta della.

Pessoa alguma póde ser obrigada a acceitar huma Letra de Cambio, mas quem a acceitar deve sempre paga-la, ainda que antes do seu vencimento, tenha noticia da fallencia do Passador, ou ainda quando venha no conhecimento que ella he falsa huma vez que o Portador prove, que pedio a acceitação na fé de ser verdadeira.

Comprando-se huma Letra para girar por diversas Praças, o Tomador deve remeter a primeira via a algum Correspondente seu na Praça do Acceitante para que procure a acceitação della, e lha entregue depois a quem lhe apresentar a segunda via; mas se antes de se lhe apresentar esta, se vencer a dita Letra, elle deve pedir o seu pagamento, offerecendo Fiador, ou pedindo ao Acceitante que deposite o dinheiro, e não es-

tan-

tando elle por isto, deve mandar tirar o protesto da falta de pagamento, mas não fazendo assim não fica por isso responsavel de culpa alguma ao seu Correspondente.

Dias de cortezia: são os da espera, depois do vencimento da Letra, para o seu pagamento. As Letras que os não gozão são as que vão á vista, as que não levaõ tempo declarado, as que vão a tantos dias fixos, ou precisos, de vista, ou de data, as que se deixaõ protestar, e aquellas cujos Aceitantes fallirem de crédito antes do seu vencimento.

Neste Reino as Letras que vem de Paizes Estrangeiros, tem 6 dias de cortezia, e as do Reino, e Conquistas 15. As Letras saccadas de Lisboa sobre as sete Praças com quem ella tem Cambio aberto, gozão nellas os seguintes dias de cortezia, a saber: Em Londres 3, em Amsterdaõ 6, em Madrid e Cadis 14, em Genova 30, em Pariz 10, e em Liorne não he estilo de haverem dias de cortezia.

Quando em huma das vias está a accitação, e na outra o indosso, o Aceitante ao tempo do pagamento deve receber ambas, o Portador tendo cobrado a importancia da Letra deve escrever no verso della = Recebi = e assignar. O Aceitante nunca deve pagar a Letra antes do seu vencimento.

Indosso não he outra cousa mais que hu-

ma breve Procução pela qual se traspassa a huma pessoa o poder de cobrar a importancia de huma Letra de Cambio. A assignatura destes obriga os Seccionarios, ou Indoffadores, como o da Letra obriga ao Passador; e a pessoa a quem se indoffa a Letra póde dispôr desta como aquella a cuja ordem ella he passada.

Os indoffos não devem levar data, quando se fizerem no dia em que se passou a Letra, ou no em que se fez outro indoffo; devendo porém leva-la sempre em todos os outros casos: Elles costumão-se escrever-se no verso da Letra, e sendo esta indoffada, parte a huma pessoa, e parte a outra, escrevem-se em diferentes vias da mesma Letra.

Comprando huma pessoa huma Letra por conta de outra, ainda que fique delcredere da remessa não a deve mandar passar á sua ordem para que no caso de acontecer algum prejuizo á dita Letra, elle só fique responsavel pela importancia della.

Todo o Passador que fizer algum saque, deve logo no primeiro Correio avisar o Acceitante, declarando a data da Letra, a sua quantia, o tempo em que deve pagar-se, o nome da pessoa a cuja ordem se passou, e o de quem se recebeu o seu valor, se este foi em dinheiro de contado, e por conta de quem se fez o saque, e no seguinte confirmar este



aviso tornando a noticiar tudo ao dito Aceitante. O que igualmente deve praticar o Tomador com o Portador.

Quando no ajuste de Cambio não se trata do tempo para o pagamento, este será feito a uso. Ajustado o dito Cambio, o Tomador deve entregar ao Portador hum bilhete, que se chama memoria, e no qual se declara o nome da Praça, o tempo para o pagamento, a quantia da Letra, o nome da pessoa a cuja ordem se devera passar, e de quem se devera receber a importancia da Letra.

No Commercio entre Portugal, e as Conquistas ha Letras seguras, e de risco: as primeiras são como as de Cambio, com a differença porém de se mandar pagar a mesma importancia que se recebe. As de risco procedem de dinheiros que se tomão a risco do mar, ajustando-se o Passador com o Tomador, que se o Navio chegar a salvamento lhe fará pagar o principal, e huns tantos por cento de prémio pelo risco que o dito Tomador vai correndo.

No Commercio tambem ha Letras condicionaes huma das quaes são as de risco; acceitação destas Letras póde ser condicional, ou absoluta; sendo condicional não se póde regeitar, nem por isso se deve mandar tirar o protesto da falta della.

*Do que se pratica no Commercio, quando as Letras não são acceitas, ou quando succede fallir de credito, algum dos nomeados nella.*

Já se disse que quando huma Letra não he acceita, deve o Portador mandar tirar o protesto da falta de acceitação. Protesto he o acto juridico, que faz o Portador de huma Letra, quando o Acceitante a não quer acceitar, ou pagar, protestando nelle haver de quem direito tiver o principal recambio, e gastos da mesma Letra. Este acto comprehende duas partes, huma copia exacta da Letra, e seus indossos se os tiver, e a resposta que o Acceitante deo ao Portador.

Se hum Acceitante que não quizer pagar huma Letra ao vencimento, o Portador deve no mesmo dia mandar tirar o protesto da falta do pagamento antes do Sol ser posto, aliás a Letra ficará prejudicada, e o Portador só terá acção contra o Acceitante.

Se o protesto não poder ser remetido ao Tomador no primeiro Correio, o Portador o avisará do que aconteceu com a Letra prometendo remeter-lho no Correio seguinte.

Recambio he o acrescimo, que o Passador de huma Letra he obrigado a pagar quando esta volta protestada por falta de pagamento. No Commercio porém chama-se vul-

vulgarmente recambio, ou retorno, a quantia total que paga o Passador.

Fica pois ao arbitrio do Tomador regular o recambio pelo Cambio que corria quando a Letra voltou protestada, ou pelo juro da Lei do Paiz contado desde o dia em que se passou a Letra até áquelle em que o dito Tomador effectivamente cobrar o mesmo recambio. Sendo este ao Cambio corrente, como o Passador deve paga-lo logo, que se lhe apresentar a conta, conforme fica dito, se lhe fará o abatimento de  $\frac{1}{2}$  por cento ao mez; se porém elle demorar o dito pagamento algum tempo, elle vencerá entretanto o juro da Lei do Paiz.

O titulo da dita conta deve declarar a data da Letra, o nome do Passador, do Tomador, do Aceitante, e os das Praças destes, o tempo para o pagamento da Letra, e o Cambio. Ella deve comprehender o principal da Letra, o custo do protesto, os portes de cartas, e a commissão do Portador a  $\frac{1}{2}$  por cento, sobre o principal da Letra cuja somma se reduz a mocda da Praça do Passador pelo Cambio que corria quando a Letra voltou protestada, depois de feito neste o abatimento referido: á sobredita somma se calcula o juro da Lei do Paiz, e se lhe ajunta a corretagem do principal da Letra, os portes de cartas, e a esta somma se accrescenta a

com-

commiffaõ della a  $\frac{1}{2}$  por cento para o Tomador, e he a importancia total que deve desembolçar o Passador quando se lhe apresentar esta conta no fim da qual deve assignar-se o Tomador da Letra.

Na pratica porém tendo o Portador remetido ao Tomador a conta das despezas, que com a Letra tem feito, sacca sobre este a importancia total, o qual depois de a ter pago lhe acrescenta as mais despezas, e a somma total he o que deve pagar o Passador.

Se o Tomador quando comprasse a Letra declarasse ao Passador, que ella era para girar por diversas Praças no caso de voltar protestada, o Passador he obrigado a pagar todas as despezas que com a Letra se fizerem por essas Praças, cuja importancia será tanto mais avultada, quanto maior for o número de Indoffadores que a Letra tiver.

Quando se acceita huma Letra por honra, e crédito d'alguma pessoa declarada nella, mas que he diversa daquella por cuja conta se passou a Letra, se diz que a accettazione he feita por honra, e crédito. Similhanes accetações podem fazer-se de dois modos; primeiro acceitando-se a Letra sob protesto, e avifando-se a pessoa por cuja honra, e crédito se acceita, que feito o pagamento se faccará sobre ella a importancia deste; segundo mandando tirar o protesto, e de-

declarando neste a pessoa por cuja honra, e crédito se aceita a Letra.

Estas aceitações podem ser feitas pelo Aceitante, Portador, ou ainda por qualquer pessoa de fóra; observando-se nellas diferentes precedencias, e estilos que a pratica tem introduzido, e cujo conhecimento só por meio desta se póde adquirir.

O Portador de huma Letra protestada, tem acção para haver o seu principal recambio, e gastos do Passador, Aceitante, e Indossadores della, sendo a pratica nestes casos mandar o Portador da Letra a quem a vendeo, e assim successivamente. Igualmente o Passador, que paga o recambio de huma Letra tem direito para haver do Aceitante a importancia della.

Logo que o Tomador de huma Letra receber noticia, e o protesto da falta da aceitação della deve apresentar este á pessoa que lha vendeo para que ella deposite a importancia da Letra, ou lhe dê segurança de que quando chegar o protesto da falta de pagamento satisfará immediatamente o valor do recambio total, e o mesmo poderá fazer quando tiver noticia de fallencia do Aceitante.

F I M.

K

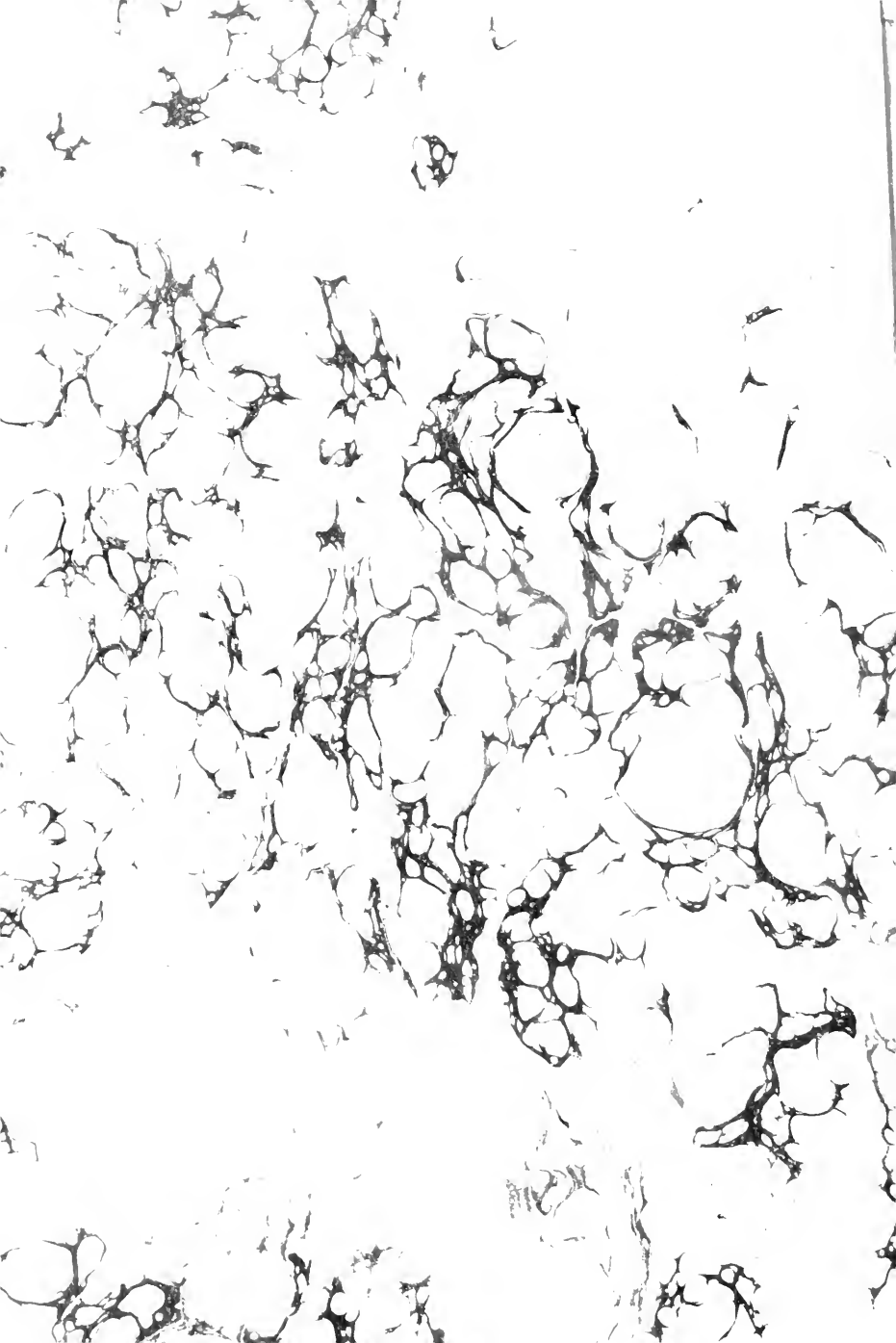












HF  
5363  
05

U negociante perfeito

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

